



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA**

**O CONSCIENCISMO DE NKRUMAH: UMA FILOSOFIA ENTRE O
MARXISMO E PAN-AFRICANISMO**

JACQUES KWANGALA MBOMA

**Seropédica
2019**



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA**

**O CONSCIENCISMO DE NKRUMAH: UMA FILOSOFIA ENTRE O
MARXISMO E PAN-AFRICANISMO**

JACQUES KWANGALA MBOMA

Sob a Orientação do Professor Doutor
Renato Nogueira dos Santos Junior.

Dissertação submetida como
requisito parcial para obtenção do
grau de **Mestre em Filosofia**, no
Curso de Pós-Graduação em
Filosofia, Área de Concentração
em Filosofia.

**Seropédica, Rj
Dezembro de 2019**

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

MBOMA, JACQUES KWANGALA , 1979-

MM478c O CONSCIENCISMO DE NKRUMAH: UMA FILOSOFIA ENTRE
O MARXISMO E PAN-AFRICANISMO / JACQUES KWANGALA
MBOMA.

- SEROPÉDICA ,
2019. 118 f.

Orientador: RENATO NOGUERA DOS SANTOS
JUNIOR. Dissertação (Mestrado). -- Universidade
Federal Rural do Rio de Janeiro, PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA, 2019.

1. Consciencismo. 2. Marxismo. 3. Pan-Africanismo
. 4. União Africana . 5. Materialismo . I.
JUNIOR, RENATO NOGUERA DOS SANTOS, 1972-,
orient. II Universidade Federal Rural do Rio de
Janeiro. PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
III. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA**

JACQUES KWANGALA MBOMA

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção de grau de **Mestre em Filosofia**, no Curso de Pós-Graduação em Filosofia, Área de Concentração em Filosofia.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 17/ 12/ 2019

Prof. Dr. RENATO NOGUERA JUNIOR DOS SANTOS. UFRRJ. (Orientador)

Prof. Dr. FRANCISCO JOSÉ DIAS DE MORAES. UFRRJ. (Membro interno)

Prof. Dr. MARCELO JOSÉ DERZI MORAES. UERJ. (Membro externo)

DEDICATÓRIA

Aos meus queridos pais falecidos: Kwangala Stanislas e minha mãe Minianga Florence, que dedicaram seu tempo para a minha educação moral e integral desde a minha aparição no mundo;

Aos meus irmãos e irmãs: Alain Kwangala, Chantal Kwangala, Koko Kwangala, Didier Kwangala, Florence Kwangala, Jean Kwangala, Nelly Kwangala, Nono Kwangala, Rosette Kwangala, Trésor Kwangala, Zozo Kwangala por seu carinho e ajuda efetiva;

Ao meu orientador e coorientador, por sua paciência e dedicação pelo acompanhamento deste trabalho,

A vocês, meus amigos e colegas missionários da Consolata;

A todas as pessoas que me ajudaram em minha jornada intelectual;

Dedico este trabalho acadêmico de dissertação em Filosofia.

AGRADECIMENTOS

Agradeço sinceramente a todas as pessoas que contribuíram para a edificação desta dissertação. De maneira especial, agradeço cordialmente ao professor Renato Nogueira dos Santos Junior pela orientação e companheirismo neste período de mestrado. Suas observações e considerações científicas me ajudaram a crescer intelectualmente.

Da mesma forma, meus sinceros agradecimentos aos meus irmãos e irmãs que, com seu apoio fraterno, moral e material, continuam a me fortalecer na minha trajetória de vida acadêmica.

Também agradeço aos meus colegas estudantes com quem, dia após dia, lutamos para aprimorar os nossos conhecimentos.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento desta pesquisa por meio de bolsa de estudos. Posso afirmar que essa dissertação vem responder às demandas de uma educação democrática no que diz respeito ao cumprimento da Legislação educacional brasileira (Lei 10.639/2003) que exige a presença de conteúdos de história e cultura afro-brasileira em todos os níveis e modalidades de ensino. Para terminar, agradeço a todos pelo apoio.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)- código de financiamento 001.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001.

RESUMO

O objetivo desta dissertação é buscar um fortalecimento do movimento pan-africanista, baseando-nos no materialismo histórico e dialético através de Kwame Nkrumah, uma vez que o mesmo defendia que o povo africano deveria produzir sua própria ideologia e filosofia para consolidar uma reestruturação na formação sociocultural, socioeconômica e sociolinguística. A filosofia é um campo de estudos que busca entender a existência humana, no individual e/ou no coletivo, baseando-se na razão, e Karl Marx, dentre outros, utiliza esse campo para criticar o capitalismo e promover uma distribuição igualitária dos bens produzidos, visando melhores condições de vida na sociedade contemporânea. A base para o desenvolvimento desta pesquisa será o livro intitulado “Consciencismo, filosofia e ideologia para o desenvolvimento da África”, de autoria de Kwame Nkrumah, que traz reflexões sobre pensamentos em um movimento intelectual e racional que nos ajudarão a analisar, apontar e esclarecer a realidade filosófica africana que muitas vezes é negligenciada em seus estudos, por se basear em uma tradição oral e que difere da realidade filosófica grega, já que o autor defende a religiosidade africana em detrimento de outros autores ateus. Kwame Nkrumah, defensor do socialismo, lutou, junto à comunidade negra: africana e afrodescendente, também na diáspora, para que houvesse melhores condições de vida para os povos africanos, dentro e fora do continente africano, luta que chamamos de Pan-africanismo. O consciencismo, de Nkrumah, é a integração das três esferas da sociedade africana (tradicional, cristã e islâmica) com o intuito de desenvolver uma personalidade africana que conviva em harmonia e evite conflitos internos e externos, conflitos que trariam grandes perdas ao continente.

Palavras-chave: Consciencismo, Marxismo, Pan-africanismo e união africana.

RESUMÉ

Le but de cette dissertation est de rechercher un renforcement du mouvement panafricaniste, basé sur le matérialisme historique et dialectique de Kwame Nkrumah, puisqu'il défendait le peuple africain de produire sa propre idéologie et sa propre philosophie pour consolider la restructuration de la formation socio-culturelle, socio-économique et sociolinguistique. La philosophie est un champ d'étude qui cherche à comprendre l'existence humaine, individuelle et / ou collective, fondée sur la raison, et Karl Marx, entre autres, utilise ce champ pour critiquer le capitalisme et promouvoir une répartition égale des biens produits, la recherche des meilleures conditions de vie dans la société contemporaine. La base pour le développement de cette recherche se trouve dans son livre intitulé « Le Consciencisme, Philosophie et idéologie pour la décolonisation et le développement, avec une référence particulière à la Révolution africaine », écrit par Kwame Nkrumah, qui réfléchit sur les pensées dans un mouvement intellectuel et rationnel qui nous aidera à analyser, et de clarifier le point de vue de la réalité philosophique africaine qui est souvent négligée dans leurs études, car elle est basée sur une tradition orale et qui diffère de la réalité philosophique grecque, puisque l'auteur défend la religiosité africaine au détriment d'autres auteurs athées. Kwame Nkrumah, un défenseur du socialisme, a combattu aux côtés de la communauté noire: Africains et afro-partisans, également de la diaspora, afin que les conditions de vie des peuples africains, tant à l'intérieur qu'à l'extérieur du continent, soient meilleures, ce que nous appelons le panafricanisme. Le consciencisme de Nkrumah est l'intégration des trois sphères de la société africaine (traditionnelle, chrétienne et islamique) dans le but de développer une personnalité africaine qui vit en harmonie et évite les conflits internes et externes, conflits qui entraîneraient de grandes pertes pour le continent.

Mots clés: Consciencisme, marxisme, panafricanisme, Union africaine.

Lista de siglas

AU: União Africana

CEDEAO: Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental

CPP: Conferência do Partido Popular da Convenção

EUA: Estados Unidos da América

OUA: Organização da Unidade Africana

NAACP: Associação Nacional de Pessoas de cor

UNESCO: A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SADC: Comunidade de Desenvolvimento da África Austral

UGCC: United Gold Coast Convention

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAP. 1. DIÁLOGOS DE NKRUMAH COM HEGEL E MARX	14
1.1 <i>Biografia de Kwame Nkrumah</i>	14
1.2 Leitura de Nkrumah sobre Hegel	16
1.3 O materialismo histórico e dialético de Nkrumah	29
CAPÍTULO II. OS FUNDAMENTOS DO PAN-AFRICANISMO	41
2.1. Aspectos históricos do pan-africanismo	41
2.2. Perspectivas do pan-africanismo na diáspora.....	44
2.3. Pan-africanismo no continente (africano)	55
2.4. O pan-africanismo na ótica de ideologia	64
2.5. A negritude: Movimento Literário e Filosófico	68
2. 6. O Socialismo de Senghor, Nyerere e Nkrumah	72
CAPÍTULO III. O CONSCIENCISMO DE NKRUMAH	81
3. 1. O consciencismo.....	81
3. 2. A relação entre a matéria e espírito	86
3. 3. Conversão Categorical.....	90
3. 4. O Racismo colonial.....	95
3.5. A leitura colonial no contexto da Sociedade africana	97
CONCLUSÃO GERAL.....	111
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	114

INTRODUÇÃO

A filosofia, tal como todas as áreas do conhecimento, tem um objeto e um método de estudo; ela busca indagar conceitos como o bem moral, a arte, o conhecimento, a verdade, as culturas, a política, o sentido do ser, os povos e, sobretudo, as várias ideologias e contra ideologias, ou seja, ela está em um constante movimento.

Essa área do conhecimento adquire uma atitude e postura intelectual por parte de seus adeptos, colocando-os em problematizações que muitas vezes exige e permite esforços no agir e no pensar. Trata-se aqui não da negação das várias atribuições enfrentadas ao longo da história em escala idealista, mas de unir elementos essenciais que possibilitem maior visão referente a essa temática. É partindo da verificação citada que essa dissertação buscará investigar o materialismo Nkrumanismo baseada na obra “*Consciencismo, filosofia e ideologia para o desenvolvimento da África*” (Nkrumah, 1964). A partir dessa afirmação, surgem algumas interrogações como: Em que medida o materialismo de Nkrumah supera o idealismo hegeliano? Podemos entender o materialismo como princípio filosófico que fundamenta o regime socialista africano? Como podemos conciliar o materialismo de Nkrumah como objeto que sustenta a base do pan-africanismo?

Nosso objetivo aqui é fortalecer os princípios filosóficos do materialismo histórico e dialético pelo viés de Kwame Nkrumah em vista de sustentar a base do pan-africanismo que deu a origem ao regime socialista fundamentado em torno da igualdade, liberdade real e da preservação do patrimônio cultural e econômico do continente africano.

Queremos frisar que Nkrumah defende o Pan-africanismo como a melhor forma de governo socialista africano, inspirado pelos princípios do materialismo de Karl Marx e Friedrich Engels. Pois, o materialismo de Marx e Lenin influenciou Nkrumah a fundamentar sua filosofia política. A diferença é que as duas ideologias são de natureza ateia enquanto a de Nkrumah não isto é, devido que ele defende que o materialismo é independente e absoluto da matéria.

A pesquisa será dividida em três capítulos, cada um buscará sistematizar de forma crítica e racional a importância de uma filosofia encarnada na perspectiva humanista, partindo de uma ética e de uma moral na valorização e preservação das várias atribuições filosóficas encontradas ao longo de sua gênese.

Iremos perceber, ao longo dessa abordagem, que existiram e existem sistemas enraizados tanto na filosofia como em outras ciências de forma ideológica que podem construir ou desconstruir pensamentos, hierarquizando-os de forma desumana. Nossa maior preocupação é no que se refere à valorização e liberdade de expressão dos diversos povos, nesse caso dedicaremos maior atenção à cultura africana. Sendo assim, queremos a partir da filosofia chegar a abordagens plurais que nos possibilitem uma maior visão de tais pensamentos em um movimento intelectual e racional, por isso não buscaremos resolver problemas, mas apontar e esclarecer de forma filosófica essa realidade africana que, muitas vezes, é abordada de forma equivocada e analógica.

No primeiro capítulo, buscaremos verificar a partir do diálogo de Nkrumah com o marxismo em abordagem sistemática. Essa tentativa nos possibilitará a uma retomada da leitura de Nkrumah, bem como do idealismo hegeliano.

No segundo, partiremos de uma abordagem histórica do pan-africanismo em consonância com a filosofia de Nkrumah, abrindo espaços para maior interação filosófica e assim sistematizar aspectos históricos.

Por fim, no terceiro capítulo, focaremos no conciencismo de forma real a chegar a um materialismo dialético apelando para uma abordagem e aproximação conceitual dessa corrente histórico-filosófica.

Para responder essa análise, a partir do materialismo Nkrumahismo é de suma importância considerar que o conciencismo de Nkrumah é uma utopia, que favorece a pessoa a uma tomada de consciência, diante do regime colonial, o qual causou divisão na África.

Portanto, nossa intenção é unir elementos fundamentais para uma maior abordagem filosófica, abrindo discussões para uma pesquisa sistemática que favoreça pensar filosofia na valorização e esclarecimentos do pan-africanismo em chave racional e positiva das várias realidades que se apresentam ao longo da história pela luta da independência no continente africano.

Capítulo. 1. DIÁLOGOS DE NKRUMAH COM HEGEL E MARX

1.1. Biografia de Kwame Nkrumah

Filósofo, político nacionalista, socialista e fundador do pan-africanismo no contexto africano, Nkrumah nasceu no dia 21 de setembro de 1908 a Nkroful, Gana que foi a antiga colônia britânica e faleceu no dia 27 de abril de 1972 em Bucares, Romênia. Em 1935, Nkrumah deixa seu país, Gana, e parte para os Estados Unidos para estudar, onde se aprofundou nas teses socialistas (Karl Marx, Lenin) e nacionalistas (Marcus Garvey). Formou-se em Bacharel em teologia sacra e mestre em educação, obteve na mesma Universidade outro mestrado em filosofia na Universidade negra de Lincoln em 1943. Sua tese de doutorado, apresentada na Universidade da Pensilvânia, intitulada “*Lenda e pensamento na sociedade primitiva: um estudo da etno-filosofia*” foi de suma importância para entender o contexto africano, tendo em vista seu interesse no campo das diversidades dos povos, nações e línguas do povo africano. “Começa sua militância quando ainda era estudante nos EUA, no movimento pan-africanista, tornou-se presidente da Associação de Estudantes Africanos, além de outras organizações” (Kwame, 2017, p. 17).

Na década de 1940, Nkrumah deixa os Estados Unidos para Inglaterra para estudar o Direito. Teve um papel importante na participação do V. Congresso Pan-Africano de 1945, realizado em Manchester, Londres. Dois anos depois, retornou para Gana ocupando a Costa de Ouro em 1947. Nessa época, Nkrumah foi escolhido secretário geral do Partido Independentista UGCC (United Gold Coast Convention). Por divergência política com partido Independentista, Nkrumah decide de deixá-lo para fundar seu próprio partido *Convention People's Party*. Organiza os movimentos pela luta contra o colonialismo britânico. Sua postura contra o colonialismo britânico lhe causou uma condenação e foi preso pelas autoridades do país, permaneceu na prisão até 1951. Surpreendente, no mesmo ano em que estava na prisão, as autoridades britânicas organizaram as eleições legislativas, que Nkrumah venceu, e em 1952 foi solto com ajuda dos protestos populares que pediam sua libertação imediata após uma greve geral realizada no país pela luta da independência. “Ali, se organizava em torno do movimento do operário, das mulheres e dos agricultores de cacau” (Kwame, 2017, p. 11).

Nkrumah começa a lançar a política de Africanização de administração baseada na ideia do pan-africanismo. Em 1953, a Kumasi e, em 1958, a Accra, atual capital do país, Nkrumah organizou várias conferências com a ajuda de George Padmore do Caribe. Sua retórica chamava a atenção dos jovens para assistir e apoiar sua proposta governamental. Foi o primeiro presidente a trazer o apoio pela luta da independência de Guiné. Essa relação à Guiné passou a ser reconhecida como primeira tentativa de unificação do continente africano quando o país se tornou independente em 1959, depois foi Mali, que se tornou independente no dia 24 de dezembro de 1960. Tudo isso foi realizado com a ajuda de Nkrumah. Ele passou a ser nomeado como primeiro ministro, em 1957, proclamou a independência de Gana. A eleição de Nkrumah como primeiro Ministro lhe proporcionou a abertura de poder colaborar mais uma vez com as autoridades britânicas. Iniciou-se o processo de unificação política africana dando o primeiro passo se casando com uma mulher copta egípcia branca, Fathia Rizh, que tampouco conhecia a cultura de Gana, nem falava inglês, do mesmo modo que Nkrumah não falava árabe, língua oficial dos povos da África do Norte. O objetivo desse casamento foi o amor fundamentado no fortalecimento das relações diplomáticas e comerciais com o Egito, uma cultura considerada como berço da humanidade e da ciência. Em 1960, Gana se torna uma República e, em 1961, Nkrumah é eleito presidente, porém estabelece um regime ditatorial. Foi o início das manifestações e greves no país organizado pelos líderes dos sindicalistas. Nkrumah proibiu as manifestações, autorizou a prisão das lideranças e condenou vários outros políticos que eram contra seu regime. Neste conflito, ele opta pelo regime socialista não alinhado. Publica, nesse período, sua obra *O Consciencismo*, baseado na leitura do marxismo. Para fortalecer a ideologia da união africana, apresentou essa obra durante a *XI Conferência do Partido Popular da Convenção- CPP*. Em 1963, começa ativamente a redigir os textos sobre a organização da unidade africana com ideia de criar um governo central africano.

Seu regime político começa a se tornar impopular devido à crise política, alguns líderes de oposição qualificaram seu regime de despótico. Com isso, no período de 1962 a 1964, o partido de oposição tentou lhe assassinar, mas não conseguiu. Foi durante a sua viagem para China, que as autoridades se aproveitaram da sua ausência para derrubar seu governo por meio de um golpe de Estado em 1966. Neste período, Nkrumah se exilou em Guiné por convite do Presidente Sekou Touré, os dois líderes

começaram a formar a política de unificação do continente africano. Nkrumah ficou conhecido por suas ideias em defesa de uma visão pan-africana sobre os Estados Unidos da África, um movimento político, cultural e ideológico que lutava pela unificação dos Estados africanos e, como tantos outros, defensores do Pan-Africanismo. Seu interesse se fortaleceu com a participação no *V. Congresso Nacional do pan-africanismo*, realizado em Londres em 1945, cujos temas foram a descolonização da África, sua independência, a questão do socialismo e o movimento anticolonial. Essa ideologia do pan-africanismo despertou muitos autores pós-coloniais a criticar o idealismo alemão que, na época, fortaleceu teoricamente as bases pela dominação colonial no Novo Mundo.

1.2. Leitura de Nkrumah sobre Hegel

A filosofia de Nkrumah nasce de um questionamento diante do pensamento idealista, iniciado com Platão, Aristóteles, Descartes, Kant, Hegel, Schopenhauer, Nietzsche e Marx. Ele mesmo disse: "Esses gigantes foram apresentados de tal maneira que um estudante dos colonos dificilmente deixaria de sentir sentimentos contraditórios" (Nkrumah, 1964, p. 10). Uma vez que os estudantes da colônia se deixavam ser levados pela sua sedução acabavam perdendo sua personalidade.

Afinal, essa filosofia não correspondia à realidade africana, mas ocidental. São sistemas adotados pelas Universidades do Ocidente que faziam acontecer o que nós entendemos como filosofia, na época, em que evidenciava a realidade apropriada conforme sua demanda. Por essa razão, Nkrumah afirma que "eles perderam seu primeiro dinamismo, sua energia controversa" (Nkrumah, 1964, p. 11). A única saída que Nkrumah tinha para continuar a investigar um trabalho filosófico no âmbito da diáspora era mergulhar com esses filósofos ocidentais e tirar deles alguns princípios para adaptar à realidade africana sem cair na abstenção da africanidade. Baseando-se em estudos dos filósofos ocidentais, de modo especial em Marx e Hegel, ele vê a importância de discutir sobre o método de libertação cultural e de descolonização total da África, criticando o idealismo hegeliano e superando o marxismo para propor a sua própria ideologia filosófica. Nkrumah elabora sua filosofia de maneira formal tratando da relação entre o materialismo dialético e a história da filosofia, descrevendo a posição do ser ontológico como matéria que supera toda a concepção idealista hegeliana. Atribui

a Hegel uma visão teleológica que se opõe ao materialismo moderno. Para Nkrumah (1964, p. 34) “o desenvolvimento do espírito como um processo condicionado e ocasionado pelas forças produtivas tornou-se a base da dialética marxista” que vimos aqui aplicar. Ele considera a dialética marxista como “a lei geral da vida, mudança e desenvolvimento” (Nkrumah, 1964, p. 34). De acordo com líder ganês o idealismo conduz a uma oligarquia e adere ao materialismo que leva ao igualitarismo. Para Nkrumah o idealismo é uma realidade imaterial. Na vida prática o idealismo será reduzido na abstração e na ausência de ação concreta. Porém, o idealismo pode ser entendido como ação do espírito que investiga uma atividade desconhecida talvez impossível a ser realizada.

A filosofia de Georg Wilhelm Friedrich Hegel recebeu uma forte influência do pioneiro do idealismo alemão Fichte que defendia na sua obra “*Doutrina da Ciência de 1794*” “a existência do ser como princípio único da consciência do universo”. Sua filosofia demonstra que o homem é aquele que tem o nível mais alto da inteligência, por consequência, ele torna-se capaz de reger o universo a partir da sua consciência. Nessa perspectiva, na obra de Hegel “*Fenomenologia do espírito*”, o autor reconhece que o pensamento é o refúgio da razão. Para examinar os princípios filosóficos, Hegel, citado por Ferreira refere-se ao conceito de “espírito absoluto” (Ferreira, 2015, p 250). Esse conceito é fundamental porque designa a “totalidade”, no sentido de que no absoluto ocorre a unidade entre o pensamento e a realidade”. Associa o espírito ao movimento no processo dinâmico que evolui de maneira progressiva e não imediata. Nkrumah (1964, p.67) discorda dessa visão segundo a qual “não podia haver um credo, nem moral, nem ordem social válidos universalmente”. De acordo com Nkrumah, Hegel universaliza o conhecimento a partir de um conceito não evidente, esse conceito chamado de espírito está no mundo metafísico, e não no fenomenal, por ser um conceito não evidente. Então, não teria como provar que a realidade é fruto do espírito absoluto. Para Nkrumah, o pensamento de Hegel influenciou tanto a concepção da cosmovisão africana por ter lhe qualificado um carácter relativo da inferioridade. Isso podemos perceber quanto à afirmação de Hegel:

(...) a principal característica dos negros é que sua consciência ainda não atingiu a intuição de qualquer objetividade fixa, como Deus, como leis, pelas quais o homem se encontraria com a própria vontade, e onde ele teria uma ideia geral de sua essência [...] O negro representa, como já foi dito, o homem natural, selvagem e indomável. Devemos nos livrar de toda reverência, de toda moralidade e de tudo o que chamamos sentimento, para

realmente compreendê-lo. Neles, nada evoca a ideia do caráter humano [...] A carência de valor dos homens chega a ser inacreditável. A tirania não é considerada uma injustiça, e comer carne humana é considerado algo comum e permitido [...] Entre os negros, os sentimentos morais são totalmente fracos – ou, para ser mais exato inexistentes. (HEGEL, 1999, pág. 83-86. Grifo nosso).

Tal argumento estabelece a relação entre a história e a razão, porém dicotômica. De um lado, o espírito não atingiu o nível da consciência na África, por consequência, os negros acabam tornando-se incapazes de produzir uma filosofia, como consequência o negro é primitivo. De outro lado, podemos perceber o contrário, a realidade africana não é feita apenas pela matéria, mas sim, existe um imenso florescimento das teorias renovadoras do espírito que tem como princípio o “consciencismo” que é a união dos povos africanos.

Para Nkrumah, o espírito e o corpo são duas realidades diferentes, mas complementares que formam a matéria. Dessa forma, Nkrumah propõe a superação do pensamento de Hegel pela teoria que nomeia de “*conversão categórica*” (Kwame, 1964, pp.44-45). Nkrumah admite que o espírito não acompanha a matéria apesar de que os dois se complementam. Para ele, “O espírito não é senão o produto da matéria em caso de disposição nervosa crítica” (Kwame, 1964, p. 43-44). Tal afirmação leva Nkrumah a dizer que os conceitos espírito, a qualidade e a energia se enquadram na perspectiva metafísica. Pois, o espírito vem da matéria que dá o sustento à vida social nascida da qualidade para quantidade e, enfim, para energia das massas que dá origem à evolução africana. Segundo Nkrumah, “A aparência de qualidade da quantidade representa uma solução de continência em um processo quantitativo” (Kwame, 1964, p. 46). Dessa forma, é preciso analisar com cuidado a evolução dialética não que seja realizada de maneira linear, mas em direção contínua e monodirecional. Desse modo, a afirmação de Nkrumah demonstra que: “A opinião do materialismo dialético no espírito deve ser distinguida das teses que o tornam um epifenômeno. Para ele, de fato, “o espírito é a matéria que evolui; para essas teses, é simplesmente algo que acompanha a atividade da matéria” (Kwame, 1964, p. 47).

No consciencismo, podemos reafirmar que o espírito e o corpo reconhecem sua interação em relação aos efeitos e causas, ele procede de maneira analítica e crítica para resolver os problemas que aparecem no seio da sociedade africana de maneira investigativa. Talvez nos pareça estranho que, pudéssemos dizer que o corpo pode afetar o espírito como apresenta a filosofia de Platão, mas em Descartes, percebemos que o

corpo não afeta o espírito. É interessante observar que o espírito em Spinoza constitui a ideia cujo corpo é objeto da natureza. Tal pensamento leva Nkrumah a dizer que o idealismo é vão e ineficaz, uma vez que esteja desvinculado da matéria. Nkrumah citado por Amady contrapõe o pensamento de Hegel apresentando a seguinte tese, após a independência de Gana, em 1957, de modo especial na abertura do primeiro Congresso internacional dos estudos africanos em Acra, em 1962, refutando mais uma vez a ideia de que a África não teria história.

O mito central da mitologia que cerca a África é a negação de nossa qualidade como povo histórico. Enquanto outros continentes moldaram a história e determinaram seu curso, a África teria permanecido congelada, paralisada pela inércia. Afirma-se que a África entrou na história apenas seguindo o contato com a Europa. Sua história, portanto, é amplamente considerada como uma extensão da Europa. Hegel apoiou essa hipótese histórica sobre a África com sua autoridade. E os apologistas do colonialismo e do imperialismo apressaram-se a adotá-lo e a discutir essa teoria com a sociedade. (Apud, AMADY, 2006, p. 61).

Para Nkrumah, Hegel é um teórico do imperialismo ocidental que se serviu da filosofia dominante e ideológica para alienar as consciências do povo africano em vista dos interesses coloniais. No entanto, a filosofia africana supera toda essa concepção hegeliana, por seu caráter materialista e por ser um discurso racional, ao mesmo tempo, coerente e pertinente sobre a teoria e o real, ele se manifesta na ordem do mundo e na harmonia da natureza, trazendo em si uma ideia de união, de conciliação entre os dois mundos o *sensível* e o das *ideias*, o que diverge de Platão, não podendo ser concebida de forma separada dessas duas realidades.

De acordo com Nkrumah, podemos dizer que a filosofia não é uma reprodução de uma cultura dominante, mas é o modo de evidenciar seus aparatos para uma vida consciente e crítica para a transformação social. Afinal, a afirmação de Hegel sobre os africanos sustenta toda a estrutura da dominação colonial que gera conflitos e lutas de classes sociais. Em contraposição às ideias de Hegel, o consciencismo de Nkrumah apresenta-se como princípio unificador do pensamento filosófico dos povos africanos em vista da união africana. A mesma ideologia será lançada como princípios de amor, dos direitos e solidariedade que vão além da pura consciência em termo hegeliano que entende essa realidade como caminho para constituir a história do mundo.

Com a descoberta dos escritos Egitológicos, podemos afirmar que o idealismo hegeliano já está superado pela filosofia da cultura africana. Cheikh Anta-Diop, autor do

livro “*Nations nègres et culture: de l'antiquité nègre égyptienne aux problèmes culturels de l'Afrique Noire d'aujourd'hui. Paris: Présence Africaine (1955)*”, critica Hegel sobre suas considerações a respeito dos negros, mostrando que a origem dos negros africanos da antiguidade era preta e cuja filosofia mais tradicional e antiga deu-se à sua origem com eles, a partir do primeiro homem que marcou a nova era da humanidade, isto é, o *homo sapiens*.

É certo que, quando Heródoto, historiador grego, chegou ao Egito, no século V a.C., já não encontrou uma população genuinamente nativa devido ao fato de que sua civilização datava de mais de 10.000 anos de idade. Esse povo foi perdendo sua identidade por causa da miscigenação, entre os nômades, brancos e conquistadores. Nesse sentido, o livro de Diop (1955, p. 5) defende o homocentrismo e afirma que “em descrições contemporâneas dos antigos Egípcios, essa questão nunca é levantada. Testemunhas oculares desse período formalmente afirmam que os Egípcios eram pretos” (Diop, 2016, p. 13). A tese de Diop foi apresentada pela conferência patrocinada pela UNESCO, em 1974, o que se procedeu pela pesquisa em que por meio do laboratório testou a melanina na pele de uma múmia dos antigos reis egípcios, a arte gravada na inscrição e nas paredes de tumbas, chega a provar que a África tem sua própria história. Para Obenga (1990, p. 13), “a filosofia africana começa entre 2780 e 2260 antes da nossa era” com povo preto do Vale do Nilo, ou seja, 2200 anos antes da descoberta científica e filosófica de Tales de Mileto, considerado no mundo ocidental como primeiro filósofo. A grande prova dessa existência é a descoberta do papiro pelos egípcios no vale do Nilo que deu a origem à escrita “hieróglifo” que por sua vez não aparece somente como expressão linguística, mas também forma toda obra artística africana e desde o Egito até a África Central, ele aparece com suas marcas nas pirâmides do Egito, nos túmulos e nos templos. O testemunho dos gregos na obra “A Ilíada” citado por Molefi Kete Asante demonstra que Homero passou sete anos na África aprendendo com os sacerdotes e sábios egípcios (Molefi, 2014, p. 3). Podemos perceber que a cultura egípcia pode ser classificada como profundamente original por ter tomado muito pouco emprestado das outras culturas, e também, por pouco contribuir para a evolução dessas. No entanto, os egípcios estudaram a astronomia, pensando nas vazantes e cheias do rio Nilo (agricultura), e a matemática, para auxiliá-los na construção civil. Como grandes construtores, que eram, os egípcios possuíam uma

exuberante arquitetura, tendo como exemplo as pirâmides mais famosas da África, localizadas no Egito e na Etiópia.

Nas palavras de Diop, citado por Eliza Larkin Nascimento, “a ciência, a medicina, a filosofia, a arquitetura, a engenharia e arte civilizadas surgiram primeiro no vale do Rio Nilo e acabaram sendo transmitidas pelos minoicos (Creta) à Grécia Continental, estimulando a ascensão da civilização no Norte do Mediterrâneo” (Apud, Nascimento, 2009, p. 76). Tal ideia fortalece a tese de Nkrumah sobre o fundamento do universo africano baseado no materialismo. Se de um lado, Nkrumah (1964, p. 16) reconhece que “nosso universo é um universo material. E sua fundação é matéria, com suas leis objetivas”; de outro lado Diop apresentado por Eliza afirma: “a humanidade iniciou-se na África segundo o modelo monogênésico da origem humana, todas as outras raças emergiram relativamente tarde como ramos do tronco africano em função de mudanças climáticas e ambientais ocorridas em várias partes do mundo durante a última Era Glacial” (Nascimento, 2009, p. 76). Diop denuncia o discurso eurocêntrico colonial que desconsidera toda a produção intelectual e literária africana a partir do mito da invenção da África sem história.

A filosofia de Nkrumah parte deste questionamento ao regime colonial na África, que em nível geográfico e sócio-político causou as desavenças entre os governantes locais e as forças imperiais. Baseando na obra intitulada “A partilha da África Negra” (Henri Brunschwing, 1971, p. 41), Henri afirma: “A conferência foi aberta no sábado, 15 de novembro de 1884 a 26 de fevereiro de 1885, às 14 horas, pelo Príncipe Bismarck sentado à cabeceira de uma mesa de ferro. O grande mapa da África de Kiepert estava pendurado diante dele”. As potências reunidas na Conferência de Berlim decidiram dividir o interior da África. Essa divisão criou a consciência de si mesmo, de modo especial, pelos africanos da diáspora ao perceberem que a realidade em que os africanos viviam no Ocidente e nas Américas não era igual às outras civilizações. Nessa constatação, os sujeitos tomam consciência da sua vulnerabilidade e começam a questionar sobre a sua existência. Foi o que aconteceu com Nkrumah, durante sua estadia nos Estados Unidos, passando por um período de dez anos como estudante, percebeu que a divisão da África pelas potências coloniais europeias contribui para o subdesenvolvimento do continente. Martin Meredith, afirma:

No entanto, mal o mapa imperial da África tinha sido demarcado, os Estados europeus entraram em guerra uns com os outros, arrastando a África para a

briga. Desde o início da Primeira Guerra Mundial, as potências coloniais tentaram ocupar territórios rivais, usando tropas africanas para se enfrentarem em seu nome” (MEREDITH, 2017, p. 498)

A investigação do porquê os europeus tinham interesse em invadir a África levou os africanos a questionar e duvidar da sua razão de ser protagonista da história do mundo, principalmente no pensamento que predominava na época colonial, com isso, os pensadores africanos começaram a buscar a melhor forma de afirmar sua indecisão diante dos atributos considerados verdades pelo idealismo hegeliano. Diante das probabilidades e verdades idealistas que contribuíram como a marca do pensamento ocidental em vista à dominação colonial, a dúvida surge, começa uma repercussão na leitura feita por Nkrumah. Ele busca uma forma alternativa para ultrapassar esse pensamento idealista e afirma que “a prática sem teoria é cega; a teoria sem prática é vazia”¹. Neste sentido, a tese de Nkrumah contra Hegel valoriza a teoria e prática. A experiência da África leva em conta a valorização da riqueza intelectual e filosófica do povo tradicional, euro-nativo e muçulmano em vista de formar uma sociedade igualitária africana.

Não podemos interpretar o conceito de África tradicional apenas na perspectiva dos antropólogos, sociólogos e filósofos iluministas do período colonial, que estudaram a realidade da África de maneira pejorativa e preconceituosa, já que pensadores como Joseph Arthur Gobineau, Levy-Bruhl, David Hume, Immanuel Kant e Voltaire, e tantos outros, que não mencionamos neste trabalho deixaram claro as marcas do racismo baseado na inferioridade do negro, na impossibilidade de se desenvolver tanto em nível econômico quanto intelectual. Esses pensadores consideravam que as sociedades funcionavam de maneira desigual, então os negros ocupavam uma esfera inferior em comparação com os brancos, porque não tinham uma mentalidade lógica. Desconsiderando esse pensamento, Nkrumah diz:

A história da África, como dizem os estudiosos europeus, foi repleta de mitos perversos. Foi negado até mesmo que nós éramos historicamente um povo. Dizem que enquanto os outros continentes tinham uma história ordenada, a qual eles dirigiam o curso, a África nunca tinha evoluído, esmagado que era por sua inércia e que tinha o contato dos europeus para entrar nele. no curso da história. (KWAME, 1964, p. 79).

¹ Tradução nossa.

O idealismo hegeliano está distante para realizar o sonho da sociedade africana. Como consequência, o idealismo é a negação do consciencismo em vista do desenvolvimento da África e a superação dessa visão conduz os homens africanos a ter liberdade e autonomia em relação a sua cidadania. A filosofia de Nkrumah não se limita apenas a defender as ideias contra a filosofia hegeliana no contexto africano, mas ela luta contra todo tipo de instrumento de alienação da consciência do povo.

Essa filosofia denominada também de política, estabelece o princípio da ordem social e ideológica para responder sobre a influência de obscurantismo projeto do iluminismo que veio contribuir intelectualmente para expansão do capitalismo e do comércio atlântico. Nesse projeto, o negro africano tornou-se a mercadoria a serviço do Imperialismo. Portanto, a consciência do negro se posiciona dessa hegemonia colonial, e surge uma filosofia ideológica que deve passar pela análise crítica dessa realidade opressora, buscando valorizar a realidade própria dos africanos considerados como sujeitos da história. Nkrumah vê que a transformação pode acontecer se o homem tiver a consciência da sua própria situação sócio-política e econômica. Essa mudança pragmática do idealismo para o consciencismo será chamada por Nkrumah de “revolução”. O conceito de revolução em Nkrumah é a base de luta ideológica pela independência da África. Para que essa organização possa se realizar precisa ter uma boa organização de massa organizada pelos próprios africanos conscientes de sua luta para atingir o projeto de libertação.

O autor não rejeita totalmente as ideias de Hegel, mas demonstra que o espírito é parte da matéria, que é, ao mesmo tempo, complexo e divergente. Seu dispositivo produz crítica a partir da realidade humana, mas não produz nada a não ser que sua produção seja a consequência da matéria que deve atingir seu grau aceitável de complexidade. A matéria é um referencial para o conhecimento sobre o primeiro princípio das coisas. Essa ideia demonstra a proposição que sustenta que a matéria se localiza em nível superior ao espírito, sua consideração atinge o estado de reflexão crítica da racionalidade humana, quando articula a linguagem entre a teoria e a prática. Hegel considerava que a filosofia grega era o monopólio do pensamento do mundo, por essa razão a sua origem encontra-se na Grécia. É no povo grego que encontramos pela primeira vez essa noção de liberdade e é aí também, por essa razão, que a filosofia começa (Hegel, 1954a, p.78).

Marx e Engels, mesmo criticando a dialética hegeliana sobre o conceito de história no Ocidente, não elaboram uma filosofia crítica e sistemática das ideias de Hegel em relação aos africanos. Nkrumah critica a ética de Hegel fundamentada na moral objetiva que averiguava o cumprimento do dever pelo ato da vontade, enquanto sua moral subjetiva levava em consideração a obediência das leis ou normas ou ainda os costumes da sociedade existente. Das duas morais, Hegel considera a moral objetiva mais autêntica porque essa prevalece sobre as forças da vontade da moral subjetiva, por conseguinte, isso produz o resultado da racionalidade da moral universal. Nkrumah supera esse tipo de moral hegeliano qualificando-a como uma moral hegemônica que favorece paradoxalmente os direitos dos povos ocidentais em detrimento dos grupos marginalizados. No dizer dele, afirma:

Nestas circunstâncias, entendemos a importância da luta armada. Pois a libertação e a unificação da África não podem depender de consentimento, preceitos morais ou conquista moral. É somente através do uso de armas que a África se livrará dos últimos vestígios de colonialismo, imperialismo e neocolonialismo (KWAME, 1964, p. 10).

Nkrumah defende a força armada como última instância para defender os direitos dos povos, isto é, uma vez que as fronteiras políticas da África tenham sido invadidas pelo colonizador, os africanos devem reagir perante as ameaças estrangeiras. Portanto, sua ideia principal é defender uma moral sem violência. A moral, numa sociedade africana, é fundamentada nos valores e costumes tradicionais. Geralmente, na África, a maioria das sociedades são matriarcais, a mulher é considerada como chefe da família, enquanto o homem é o responsável pela terra que produz os alimentos necessários para sua sobrevivência e de toda sua prole. Esse tipo de trabalho lhe proporciona uma identidade patriarcal pela questão do domínio da terra para a produção. Porém, acontece que em alguns casos, essa identidade muda, e sendo dinâmica pode passar de uma sociedade matriarcal para patriarcal, na qual as leis ou costumes podem mudar, levando em consideração os interesses das duas classes existentes na África. Nesse caso, na sociedade patriarcal, a mulher não seria mais a chefe da família, seu direito de comandar a família passaria para o homem que vai decidir sobre o destino da família. A partir dessa visão, Nkrumah faz uma observação de que as leis morais ou costumes não são estáticas, mas são dinâmicas, elas sofrem a mudança de acordo com a realidade de cada sociedade. Para Nkrumah, as leis morais não são permanentes, mas dependem do estágio alcançado pela sociedade em sua

evolução histórica, de modo que, no entanto, os princípios cardeais do igualitarismo são preservados. (Nkrumah, 1964, p.143).

Nkrumah mostra que não existe uma moral que pode ser considerada única e universal. A ideia de considerar a moral como universal contribui para o mecanismo de dominação colonial, de modo especial pelos filósofos iluministas que se serviram da filosofia como uma ideologia dominante para subordinar os outros povos não europeus. Podendo ser mencionado o caso de Hegel, que segundo Kabengele Munanga, historiador do tempo moderno, desconsidera que a África Central tem uma história, e no seu discurso, ele vai excluí-la da totalidade da história universal, dizendo que:

O homem na África negra vive no estado de barbárie e selvageria que o impede ainda de fazer parte integral da civilização”. A África, por mais longe que se remonta à história ficou fechada sem relações com o resto do mundo em torno do seu ouro, de sua infância, fora da história consciente, sepultada na cor preta da noite. Considera que na África negra, a unidade entre Homem, Deus e Natureza ainda não foi rompida e que o Homem só é Homem quando sabe distinguir o Bem do Mal. (MUNANGA, 2015, p. 27).

O discurso hegeliano é justificado pelo fato de que o homem negro na África não podendo assumir os padrões europeus, as leis e os costumes fundamentados pela moral universal, acaba sendo considerado desumano. Segundo o mesmo, “na história universal só se pode falar de povos que formaram um Estado” (Hegel, FH, p. 39). A noção de Estado em Hegel é de suma importância para entender sua moral objetiva que é “incorporada na noção de Estado (Hegel, FH, p. 39). Na mesma perspectiva, para Hume, os negros são incapazes de produzir arte e cultura. Mesmo no contato com os europeus, os negros serão impossibilitados em produzir a filosofia. Ele se refere ao dizer:

Eu estou em condições de suspeitar serem os negros naturalmente inferiores aos brancos. Praticamente não houve nações civilizadas de tal compleição, nem mesmo qualquer indivíduo de destaque, seja em ações seja em investigação teórica. [...] Tal diferença uniforme e constante não poderia ocorrer, em tantos países e épocas, se a natureza não tivesse feito uma distinção original entre essas raças de homens. Sem citar as nossas colônias, há escravos negros dispersos por toda a Europa, dos quais ninguém alguma vez descobriu quaisquer sinais de criatividade, embora pessoas de baixa condição, sem educação, venham a progredir entre nós, e destaquem-se em cada profissão. Na Jamaica, realmente, falam de um negro de posição e estudo, mas provavelmente ele é admirado por realização muito limitada como um papagaio, que fala umas poucas palavras claramente.”(HUME, 1875, p. 252, textos políticos e morais).

Os filósofos iluministas consideravam os negros como selvagens (Kant, 1990, p. 167, Hume, 1875, p. 252, Tocqueville, 1977, p. 262, Hegel, FH, p.75). Como afirma Voltaire (1949), “invariavelmente chamados de selvagens, próximos (...), dos rinocerontes e elefantes.” A ideia está ligada ao conceito biológico, considerando que o negro é desprovido da razão, então ele só pode agir pelo instinto e, nesse sentido, os filósofos iluministas associavam o pensamento biológico e etnológico ao racismo. Esses filósofos admitiam que os negros não seriam civilizados e caso não fossem, precisavam de emancipá-los para poder alcançar o nível da razão. Nesse período, a razão era considerada como monopólio do conhecimento no mundo Ocidental que dominava em vários setores institucionais, políticos e econômicos. Segundo Immanuel Kant, confirma o pensamento de Hume quando diz:

Os negros da África não possuem, por natureza, nenhum sentimento que se eleve acima do ridículo. O senhor Hume desafia qualquer um a citar um único exemplo em que um Negro tenha mostrado talentos, e afirma: dentre os milhões de pretos que foram deportados de seus países, não obstante muitos deles terem sido postos em liberdade, não se encontrou um único sequer que apresentasse algo grandioso na arte ou na ciência, ou em qualquer outra aptidão; já entre os brancos, constantemente arrojam-se aqueles que, saídos da plebe mais baixa, adquirem no mundo certo prestígio, por força de dons excelentes. Tão essencial é a diferença entre essas duas raças humanas, que parece ser tão grande em relação às capacidades mentais quanto à diferença de cores. [...] Os negros são muito vaidosos, mas à sua própria maneira, e tão matraqueadores, que se deve dispersá-los a pauladas. (KANT, 1990, pp. 75-76).

Contrapondo o pensamento dos iluministas, Nkrumah faz uma leitura paralela com a realidade da América Latina quando se encontra com George Padmore, Jornalista e escritor da Trindade e líder do Pan-africanismo em Londres, com quem teve uma longa parceria intelectual. Constata que a América Latina é um continente multiétnico, com características próprias e bem peculiares que surge a partir da mescla do colorido dos indígenas aqui viventes e dos negros trazidos da África, que sofreram duras penas para se adaptar às novas condições de vida, com a genética dos europeus que aqui aportaram, tornando um lugar de singular qualidade, graças à miscigenação desses povos. No entanto, a história desses povos foi e ainda é cheia de contradições, da desigualdade à violência cujas maiores vítimas são os negros e os índios. Nkrumah percebe que as causas remontam desde sua história ligada ao regime colonial que precisa fazer uma revolução para libertar esses grupos de minoria que sofrem. Com isso, o autor nos diz:

O grande princípio moral do consciencismo é tratar todo ser humano como um fim em si mesmo, e não como um simples meio. Isso é essencial em todas as concepções socialistas ou humanistas do homem. É verdade que Immanuel Kant também fez um princípio fundamental de ética, mas, enquanto ele viu isso como uma evidência racional, deduzimos isso do nosso ponto de vista materialista. (KWAME, 1964, p. 144)

Nkrumah se deparou com esse tipo do pensamento que enfrentou no âmbito da diáspora. Questionou a existência dessas duas perspectivas do iluminismo: o racionalismo e empirismo. Para ele, essas duas tendências são contraditórias e opostas por elas mesmas pelo fato de que buscavam responder à questão do que é filosofia e o que não é. No racionalismo, as explicações são concebidas pela razão de tal forma que deve criar uma inferência lógica naquilo que já foi enunciado. “Se um tipo de evento é regularmente e invariavelmente seguido por outro tipo de eventos, o empirismo admite que o primeiro tipo de evento explique o segundo (Nkrumah, 1964, p. 29)”. Para o racionalismo, a razão é o critério da verdade, enquanto no empirismo, as certezas de sua investigação são adquiridas por meio da experiência. As duas tendências são incompatíveis para o acesso ao conhecimento.

Segundo Nkrumah (1964, p.27), “de fato, David Hume deve sua fama ao fato de ter estabelecido o ponto de vista empirista, e é por essa razão que os racionalistas estão convencidos de que Hume não conhecia a verdadeira natureza da explicação”. Se o racionalismo não admite a existência de algumas ideias sendo inatas no nosso entendimento, então o empirismo de Hume considera que o nosso conhecimento provem dos nossos sentidos. Desse modo, o empirismo aprova a certeza do seu conhecimento em afirmar que as ideias são inatas. Porém, Nkrumah reconhece que as duas tendências filosóficas mesmo sendo contraditórias, uma acaba recebendo a influência da outra. Isto leva a concepção de que não podemos aprovar suas veracidades enquanto processo de estabelecer as verdades absolutas. No idealismo de Leibniz a matéria reconhece a existência do espírito, apesar de que permanece no inconsciente, no idealismo de Berkeley, a matéria não é qualificada pelo espírito, mas sua existência e persistência encontram-se no espírito. Tal afirmação leva Leibniz a dizer que “o mundo era apenas um espírito; para Berkeley o mundo é constituído dos espíritos e seu conhecimento” (Nkrumah, 1964, p. 31).

A crítica de Nkrumah é feita no modo em que o idealismo concebe o mundo a partir das ideias. Para Hegel, o mundo é autoalienação da razão que elabora seus princípios universais. Portanto, se a filosofia nos primeiros tempos se preocupava com

as questões idealistas, atualmente, parece que o conceito filosófico estende seu objeto do materialismo para questionar sobre a existência humana inserida numa sociedade com suas realidades e divergências. O idealismo universalizou o pensamento. Ajudou a favorecer o projeto da modernidade, a Revolução francesa de 1789, que na época era a marca dessa filosofia hegeliana, passou para afirmar o absolutismo do mundo ocidental a partir da consciência histórica e universal. Essa ideia foi vislumbrada em Hegel ao estabelecer a relação dialética do senhor e do escravo.

O senhor se relaciona mediatamente com escravo por meio do ser independente, pois justamente ali o escravo está retido; essa é sua cadeia, da qual não podia abstrair-se na luta, e por isso se mostrou dependente, por ter sua dependência na coisidade. O senhor, porém, é a potência sobre esse ser, pois mostrou na luta que tal ser só vale para ele como um negativo (HEGEL, 2002, p. 147-148, grifo do original).

Esse projeto foi visto não somente de ponto de vista positivo, mas também trouxe as sombras no continente africano pelo fato que se aliou com o colonialismo. Na obra de Nkrumah: “*O Neocolonialismo: Último Estágio do Imperialismo*”, Nkrumah apresenta os diversos mecanismos do Neocolonialismo, entre outros, a dependência econômica, política e cultural pelo Ocidente que são ainda uma forma de manter o povo africano alienado à mercê do Imperialismo ocidental. O Estado Imperialista se impõe sua sede em determinado país da África tendo objetivo implantar as suas leis de controle e de dominação. Nkrumah lutava por isso, pelo fim da colonização. Seu papel como secretário geral da Convenção Unida do Ouro de 1947 em Londres, demonstrava seu interesse pela luta da independência do Gana. A colonização foi sempre uma marca de dominação e do poder servindo pela ideologia para subjugar os africanos como raça inferior. A política colonial africana condicionou a perda de muitos africanos, vítimas do tráfico negreiro, milhões dos africanos foram transportados nos vários continentes do mundo durante muitos séculos. Carlos Moore no seu livro afirma:

Os colonialismos e imperialismos surgidos, em diversas épocas, na Europa e no Oriente Médio Semita (Persa, Árabe, Império Otomano...) exibem uma dupla natureza constituída pela relativa coerência ético-moral interna, e a irrestrita crueldade para com o “outro Total”, além-fronteiras. Como vimos esse é designado a partir do fim do Império Romano, não somente em termos essencialmente xenófobos, mas crescentemente em termos de feições, de cor e de textura dos cabelos. (MOORE, 2010, p.133)

Em termo da conquista colonial, Nkrumah e Carlos Moore apresentam uma visão crítica ao colonialismo e neocolonialismo europeu que, ao longo da história, causou divisões de classes sociais com o processo da independência africana. Esse sistema deixou muitos conflitos, guerras e desigualdades. Carlos Moore aborda também a questão do antirracismo ocidental ao denunciar alguns autores europeus que consideravam o negro como pré-lógico e incapaz de produzir um discurso filosófico.

Percebemos que o idealismo hegeliano não foi somente um projeto universal em vista de reafirmar a identidade ocidental, mas também foi contribuindo tanto para o avanço do colonialismo no continente africano, como para o comércio atlântico considerando os negros não como sujeitos da história, mas como simples objetos. Para desconstruir essa imagem, Nkrumah atribui a Hegel o papel de ser o formador da consciência imperial do mundo ocidente. Nkrumah passa a elaborar de maneira objetiva, descritiva e não metafísica o materialismo histórico. Sua adequação reconhece que a matéria é o princípio primeiro, enquanto o espírito é nada mais que o derivado do materialismo. A ideia do materialismo será mais interessante segundo Nkrumah quando passa a adaptar sua filosofia de consciencismo com o materialismo de Karl Marx e Engels em vista de fundamentar seu regime socialista.

1.3. O materialismo histórico e dialético de Nkrumah

O termo materialismo se desenvolve cientificamente na teoria “Marxista” de Karl Marx, filósofo alemão (1818-1883)². Foi crítico do idealismo hegeliano mostrando junto com Engels que o materialismo é a verdadeira forma de fazer a ciência que resulta da superação do idealismo. Essa teoria abrange vários conceitos, entre outros, o materialismo histórico e dialético, a luta de classes entre os burgueses e proletariados com seus modos de produção e enfim, a obra “O Capital” que serviu para criar o conceito de alienação. Quando Marx publicou a obra “O Manifesto do Partido Comunista”, em 1848, demonstrava que o modo de produção material nas relações

²Karl Marx é conhecido como um grande pensador socialista do mundo contemporâneo. Sua teoria deu a origem à revolução Russa de 1917, as revoluções Chinesa e Cubana; a criação do seu modelo do socialismo levou os dirigentes do continente africano a ter consciência pela luta da unificação da África que futuramente será reconhecida como OUA (Organização da Unidade africana) criada no dia 25 de maio de 1963, pelos fundadores Malcom X, Nkrumah e Haile Selassie com apoio dos líderes e pensadores Léopold Sedar Senghor e Julius Nyerere.

humanas tinha uma forte influência na vida social, política e espiritual dos seres humanos. O termo materialismo foi alcunhado por Gottfried Leibniz, sua genealogia remonta desde os filósofos estoicos, entre outros: Lucrécio, Epicuro, Leucipo e Demócrito. No período iluminista, o termo foi se apropriando no sentido crítico com filósofo Feuerbach que defendeu o materialismo em termo da natureza autônoma e independente da filosofia. Karls Marx e Engels inspiram-se da cédula do materialismo de Feurbach, porém, supera-a por seu caráter idealista e ético-religioso. Marx e Engels passam a elaborar sua filosofia baseada no materialismo e criando um regime socialista.

Em sua tese do doutorado Nkrumah relê o “materialismo dialético” de Marx, como foi já mencionado, e futuramente irá colocar suas ideias principais em sua obra intitulada “Consciencismo”. Ele tenta salvaguardar a liberdade dos negros e das negras com seus direitos e bens aquisitivos, a ciência, a cultura e a economia que se perderam diante do regime colonial e continuam sendo ameaçados pelo neocolonialismo que causa guerras nas fronteiras, gerando os discursos filantrópicos como base de ajudas unilaterais. É nessa filosofia que Nkrumah convida os africanos a terem consciência dos problemas que impedem o desenvolvimento da África. O consciencismo na sua dimensão materialista busca atingir a verdadeira independência da África e a unidade. O processo de adaptação do consciencismo ao marxismo concorda com os princípios marxistas. Na sua obra *Caminho revolucionário*, em relação ao perfil marxista que une a concepção de vida intelectual e política, Nkrumah levanta a questão e diz:

No nível filosófico, é materialismo e não idealismo que, de uma forma ou de outra, fornecerá a melhor base conceitual para a reconstrução dos princípios igualitários e humanitários da África. O idealismo cria uma oligarquia e suas [...] conseqüências sociais são prejudiciais à sociedade africana. É o materialismo, com sua explicação monista e naturalista da natureza, que porá fim à arbitrariedade, à desigualdade e à injustiça. [...] O materialista sugeriu uma filosofia socialista. Em suma, o socialismo é necessário para restaurar a África seus princípios sócio-humanistas e igualitários. É o materialismo que assegura a única transformação eficiente da natureza e o socialismo que deriva o máximo desenvolvimento dessa transformação. (KWAME, 1964, p. 118)³.

³Apesar de Nkrumah ter fundamentado sua filosofia política sobre o materialismo de Karl Marx, não se nota, em nenhuma posição contrária, o autor criticando a ideologia marxista, ele apenas apresenta suas características fundamentais para diferenciar da filosofia de Marx que apresentamos anteriormente. Porém, alguns filósofos, de modo especial, Marcien Towa pensa que os autores africanos e da diáspora, Nyerere e Frantz Fanon que defenderam o socialismo africano com base no marxismo, de modo especial o pai da negritude, “Senghor foi acusado de tentar promover um modelo detestável para uma divisão de vocações entre África e Europa, entre africanos e europeus. Obs.: Tradução nossa.

Evidenciando a partir da leitura de Marx em relação ao conceito de alienação, podemos analisar as condições do trabalho em que os africanos se encontram no mundo. Muitas vezes de exclusão e discriminação. Isto é uma consequência da vulnerabilidade das marcas da história colonial que tem implicado na dependência econômica, política e social dos países africanos diante das grandes potenciais do mundo. O consciencismo não é uma filosofia marxista, mas sim é uma filosofia própria que tem como elemento fundamental a matéria da revolução africana baseada nas relações políticas, sociais, econômicas e culturais do povo africano.

Conforme Mudimbe (1988, p. 121), o trabalho de Nkrumah “teve uma simpatia crescente, cujo ponto mais alto foram as felicitações dadas ao consciencismo. Nesta obra, como outras, Nkrumah incorporou a fidelidade ao Marxismo na causa da descolonização e na luta contra o imperialismo”. O colonialismo e o imperialismo são dois regimes extremamente fortes que deram o início à implantação do capitalismo na África, a “luta de classes” surge como consequência de disputa pelos interesses entre os grupos dominantes e dominados. Os colonizadores descobriram que o continente africano possui a maior riqueza do mundo e que futuramente poderia beneficiar toda a Europa. Nkrumah afirma: “Geograficamente, a África apresenta-se como uma massa compacta que por seus recursos naturais é potencialmente o continente mais rico do mundo” (Kwame, 1975, p. 19). Por esta razão, o autor apresenta uma leitura marxista em relação à colonização que se apropriou das terras mais ricas do continente africano e os bens públicos.

O sistema colonial passou a proibir todo tipo do sistema comunitário, dando o valor à propriedade privada. Impediu também o progresso econômico, social e cultural nas colônias. O regime comunitário da África Pré-colonial era visto como a herança cultural e política das sociedades tradicionais africanas que garantia os direitos de todos os cidadãos. Suas características eram relacionadas à psicologia dos indivíduos. Isto é, identificar alguns aspectos da convivência dos negros africanos, notadamente nos hábitos sociais, na organização, no vestuário e nas suas organizações. Porém, o capitalismo impediu esse progresso econômico, social e cultural nas colônias. Com isso, Nkrumah diz que “a alienação da terra e dos seus recursos naturais, ou seja, dos meios de produção, provocou o surgimento de dois setores econômicos: os setores africano e europeu, sendo o primeiro submetido à exploração do segundo.”(Kwame, 1975, p. 20). E nessa condição, deu-se origem não só à luta de classes, mas também a luta de raças. A

partir desse processo, houve uma formação de duas classes políticas burguesas: os europeus e a burguesa local. Se para Marx, a alienação se dá por meio do trabalho, para Nkrumah a alienação começa desde a apropriação das propriedades africanas, terras e riquezas pelos colonizadores que devem ser revogadas pela revolução socialista africana.

Nkrumah pensa que não seria fácil falar das lutas de libertação na África enquanto tivesse um regime que favorecesse ainda as divisões de classes entre a burguesia europeia e a classe burguesa local em proveito dos interesses privados. Para desconstruir essa imagem, veremos mais adiante como o conceito de classe surgiu mais uma vez em meio à sociedade comunitária que sempre foi planejada para seus membros viverem em solidariedade. Para Nkrumah, o capitalismo na África é o maior inimigo para os avanços econômicos e políticos, já que o regime capitalista veio destruir o regime comunitário e igualitário africano que garantia o direito a todos os cidadãos.

De acordo com Marx, numa visão capitalista, as causas da alienação são as divisões do trabalho, que acabam produzindo um resultado da falência do espírito do corpo. Desse modo, surge a propriedade privada que nada mais que é o poder econômico e político dos dominantes. Marx apoia a ideia de que o homem alienado historicamente procura reverter este quadro e se opõe as condições que o oprimem, portanto, é um processo que passa pela negação daquilo que o faz alienado e ao negar-se este fato, ele se autoafirma e essa autoafirmação lhe produz um resultado de uma transformação social que é o desenvolvimento histórico humano. Nkrumah concebe esse materialismo histórico de Marx como teoria do conhecimento analisando a visão do mundo africano em afirmar não como pensamento metafísico das verdades absolutas e dogmáticas, mas procede pelo método da libertação africana a partir do consciencismo. O que leva em consideração esse trabalho é a concepção de um estudo profundo e histórico partindo da pesquisa do mundo real e existente dos africanos, em vista de luta pela igualdade e emancipação da África. Isso requer uma consciência materializada e não ideal em que a matéria é concebida como espírito superior à natureza humana. Se para Marx, tudo procede para a matéria que é um produto de transformação, então, Nkrumah vê também no negro africano a capacidade de transformar sua própria realidade social e, nesse sentido, o negro é produto social da sua própria transformação. Esse último possui a lógica sócio-política e histórica para governar seu ambiente em que os cidadãos vivem. Sua filosofia no materialismo é antes

de tudo, uma teoria da razão objetiva que justifica a existência do mundo africano. Mudimbe argumenta:

A filosofia política de Nkrumah ainda é popular por todo o continente, sobretudo o seu conceito de revolução social descrita em *I Speak of Freedom* (1961) e o materialismo de consciencismo (1970), que expõe um sistema sociopolítico que implica o diálogo e a possibilidade de reconciliar as forças antagônicas e orientá-las para a mudança social positiva. (MUDIMBE, 1988, p. 126).

O materialismo de Nkrumah visa em primeiro lugar a razão na matéria e não nas ideias. Já Marx vem problematizando o fato na sua obra “o Capital” que o indivíduo torna-se alienado de várias maneiras, pode ser no seu projeto na humanidade, na relação com a natureza ou ainda nas relações com os outros seres humanos. Porém, essa alienação do homem é fator principal causado pela sua relação com o trabalho. O materialismo dialético de Karl Marx é um pensamento que promete, de certa forma, a superação de servidão do trabalho. Este pensamento rompe com o idealismo alemão que privilegia as ideias como forma do conhecimento. A consciência do homem, segundo Hegel, é a forma de conhecer o mundo e explicar a realidade histórica, porém Marx critica esta concepção hegeliana propondo uma nova teoria baseada na ideia de trabalho. Para Marx não é mais a consciência que fundamenta o pensamento, mas sim são as condições materiais e de produções que determinam a consciência humana. Sendo assim, ele formula sua concepção filosófica afirmando que:

Ela não tem necessidade, como na concepção idealista da história, de procurar uma categoria em cada período, mas sim de permanecer constantemente sobre o solo da história real; não de explicar a práxis partindo da ideia, mas de explicar as formações ideias a partir da práxis material e chegar, com isso, ao resultado de que todas as formas e (todos os) produtos da consciência não podem ser dissolvidos por obra da crítica espiritual, por sua dissolução na “autoconsciência” ou sua transformação em “fantasma”, “espectro”, “visões” etc., mas apenas pela demolição prática das relações sociais reais (“realen”) de onde provêm essas enganações idealistas. (MARX; ENGELS, 1998, p. 42-43).

Dessa forma, Nkrumah considera que as ideologias de classes e suas características seguem a lógica do colonialismo, do imperialismo, do neocolonialismo, capitalismo e racismo, do liberalismo político e econômico, do individualismo e fascismo. Uma vez que o autor não admite qualquer tipo do socialismo na África. Argumenta que a burguesia europeia inspira-se constantemente nessas ideologias de

Marx para defender seus interesses, enquanto a burguesia africano sendo o retrato de uma burguesia colonial em meio a sua adaptação de modelo neocolonial continua a se submeter às exigências adotadas pela burguesia europeia. Contudo, a burguesia africana não consegue lutar pela própria classe social dos africanos em prol da sua emancipação. Como consequência, acaba assumindo uma identidade racial europeia para se beneficiar dos interesses econômicos sob a legitimidade dos europeus. Nkrumah nos ajuda a entender que essa fragmentação de identidade africana é apenas uma cópia da identidade europeia motivada por interesses econômicos, com a seguinte concepção:

Ao adotar servilmente ideologias da burguesa europeia, a burguesia africana criou certos mitos, desenvolvidos em um contexto africano, que refletem bem a mentalidade burguesa africana. A pretensa teoria da “negritude” e o exemplo mais flagrante disto. Esta pseudo teoria pretende conciliar a classe média africana, dominada por estrangeiros, com a ideologia burguesa francesa. Esta concepção contra-revolucionária, irracional e racista, imbuídos intelectuais africanos de expressão francesa; e faz, além disso, uma descrição equivocada da personalidade africana” (KWAME, 1975, p. 27).

Nkrumah associa a elite nascida durante a segunda metade do século XIX na Itália, segundo Vilfredi Pereto e Gaetano Mosca, com a classe burguesa europeia. Para ele, as elites não incentivavam as lutas dos operários, pois, as políticas de massas que reivindicavam os direitos dos operários nas suas diversas formas e manifestações sociais ou políticas, eram vistas como antipáticas a essa classe.

A classe elitista coopera com a burguesia porque a sua força principal se ajusta à doutrina capitalista. É possível falar de uma existência complementar entre essas duas classes devido a sua atuação juntas no seio de uma sociedade socialista. Comparando com a elite africana, a europeia possui uma estrutura economicamente bem estabelecida. Esta classe média alta é o resultado de aristocracia tradicional, donos de propriedade imobiliária e títulos, em seguida, têm a outra classe média da elite europeia, que são as classes dos operários rurais que trabalham na agricultura e indústria. A elite africana é uma elite europeizada. É diante desse processo de convivência entre os brancos e negros durante a época colonial que as elites africanas receberam também uma formação total e submissão às autoridades coloniais. Nesse campo, desempenharam várias funções, entre outras, na jurisdição, na economia, na saúde, administração e na política. Apesar de tudo, na África, não tinha um número significativo de proletariados. Isto é por falta de interesse dos colonizadores em desenvolver uma economia de grande valor no

continente. Nessa análise, os colonizadores tinham medo de mostrar a outra face do desenvolvimento para os povos africanos considerados primitivos que, então, poderiam reverter o quadro para expulsar os estrangeiros no seu território. Então, a melhor forma adotada pelo comércio na África foi de exportação dos recursos naturais para os cofres do Império. Por esse motivo, os colonizadores continuavam mantendo o povo nas sombras do colonialismo. Esse processo será rompido com o sistema comunista que ao integrar-se com alguns países africanos, no caso do Egito e África do Sul, dois países economicamente fortes da África, conseguiram se desenvolver devido ao apoio dos primeiros partidos comunistas africanos que se organizaram durante os anos 20. Essa onda do comunismo floresceu na África, os países como Argélia, Marrocos e Tunísia foram aliados do partido Comunista Francês. Enfim, qual foi o papel do proletariado africano para repensar uma África unida e socialista?

O proletariado africano começou a organizar várias greves como tentativa de impedir o acesso ao colonialismo e ao mesmo tempo reivindicar seus direitos, entre outros os países que fizeram parte dessas manifestações estão o Quênia, a Nigéria e a Guiné. Diante desse panorama, as greves perturbaram a economia, mas ajudou a população a repensar uma política diferenciada à da colônia. Diante de tudo isso, Nkrumah convidou o movimento sindical para fortalecer a luta contra o neocolonialismo que ainda continuava sendo atuante na África e em vários setores. Nesse sentido, ele faz referência ao seu livro “*Neocolonialismo: Último Estágio do Imperialismo*” criticando as ações que realizam o imperialismo na África por meio do regime neocolonial e destaca esse aspecto de forma seguinte:

O neocolonialismo procede das seguintes maneiras: exerce controle econômico através do sistema de “ajudas”, de “empréstimos” e de “trocas comerciais e financeiras”; controla economias locais através do vasto dispositivo de corporações internacionais; penetra na sociedade através do desenvolvimento da burguesia nativa, da imposição de acordos de “defesa”, da instalação de bases militares e aéreas, da infiltração ideológica, nitidamente anticomunista através dos meios de comunicação modernos (imprensa, rádio, televisão); fomenta discórdias entre países e tribos; pratica um imperialismo coletivo. (KWAME, 1975, p. 57).

Ajuda bilateral ou multilateral, são instrumentos de maior dominação colonial na África. De modo geral, essas ajudas fazem com que o Continente continuasse a ser dependente das suas colônias, por consequência, não se desenvolverá. O que ocorre com a ajuda exterior, Nkrumah responde dizendo:

De fato, muitos projetos de ajuda são destinados a equilibrar a balança de pagamentos dos países doadores, e não a favorecer o desenvolvimento econômico do país beneficiado. Esse deve não somente assumir o reembolso da pesada dívida, mas também aceitar uma dependência política e econômica, que limita seu desenvolvimento e retarda seu crescimento econômico” (KWAME, 1975, p. 58).

É justamente o que acontece com os setores avançados do comércio, minas e indústrias, nos países como África do Sul, República Democrática do Congo e Zâmbia, já que grande porcentagem desses produtos volta para os cofres do império. Os camponeses rurais, que são donos de plantações, também possuem uma grande parte da propriedade rural, mas não usufruíam das suas rentabilidades. Para os africanos, a terra é sagrada e ninguém tem o direito de violá-la. Nkrumah mostra que apesar de os camponeses não terem um benefício lucrativo das suas terras, eles devem seguir a mesma ideologia que é a libertação da África e devem ser enquadrados pelo mesmo objetivo, lutar pela revolução socialista.

Antes de tudo, podemos estabelecer as grandes diferenças entre o materialismo de Marx e Nkrumah em termos de sua filosofia. As duas ideologias de Marx e Lenin eram ateias, enquanto o materialismo de Nkrumah não é. De acordo com Nkrumah, “o consciencismo é uma filosofia profundamente materialista. Em sentido estrito, a afirmação da única realidade da matéria é um ateísmo. Embora profundamente enraizado no materialismo, o consciencismo não é necessariamente ateu” (Kwame, 1964, p. 128). É muito difícil pensar o ateísmo no continente africano. Todo africano desde sua natureza possui certa crença ligada ao antepassado ou a um ser superior, podendo ser um Deus ou outras divindades. Em termo de Placides Tempels sobre sua obra “*Philosophie bantoue*”⁴, pode-se definir esse ser como “força vital” que compreende o ser africano como um ser espiritual, religioso e místico, fundamentado na força vital.

⁴ Placides Tempels foi padre e missionário franciscano, nasceu na Bélgica em 1906, conhecido como iniciador da filosofia africana do período colonial, sua obra “Filosofia bantu” interpreta os sistemas da cosmologia bantu, suas crenças e costumes valorizando certos princípios da vida, não necessariamente morais, mas em sentido do ser enquanto o ser, possuidor de uma força vital. Os filósofos Marcién Towa, Hountondji, Njoh Moelle e Eboussi Boulaga criticaram os filósofos dessa área etnológica como Tempels e Nkrumah que, ao preservarem o passado histórico dos africanos nos costumes e nas tradições, passaram a acreditar que a etnologia fosse a única fonte de uma filosofia africana. A vertente etnológica por sua vez defende a existência de uma filosofia africana a partir de uma visão etnológica e filosófica baseada não somente nas tradições e costumes, mas na sua organização sistemática de princípios e referências. Esses autores são Basile Fouda, Cheikh Anta Diop, Alexis Kagame e Placides Tempels. O conceito “bantu” significa pessoas. Trata-se de uma tribo africana localizada na parte central, ocidental e oriental do continente Africano.

A teoria do marxismo defendida pelo Nkrumah mostra a possibilidade de continuar a questionar sobre a postura de Marx diante da realidade africana. Marx criticou o capitalismo no contexto Ocidental, porém defendeu o colonialismo e a expansão do capitalismo nos outros países como na Índia, no continente africano e na América do Norte. Algumas contraditórias desses autores podem ser mencionadas nesse texto de Marx e Engels sobre a “*Origem da família, da Propriedade Privada e do Estado*”.

Como o rápido aperfeiçoamento de todos os instrumentos de produção com as comunicações infinitamente facilitadas, a burguesia arrasta todas as nações mesmo as mais bárbaras, para a civilização. Os módicos preços de suas mercadorias são a artilharia pesada com que ela põe abaixo todas as muralhas da China, com que ela constringe à capitulação mesmo a mais obstinada xenofobia dos bárbaros.⁵ (MARX & ENGELS, 1998, p. 10).

Marx se apresenta de uma parte como defensor dos proletariados em relação à burguesia europeia, porém se for interpretar o socialismo de Marx no contexto africano de forma literal, o texto teria um valor da dominação colonial na África. Para Marx, o desenvolvimento não seria possível senão houvesse o papel da mão de obra escrava. Na sua obra “O Capital” reafirma o compromisso com a burguesia europeia na África em vista dos interesses do Ocidente.

“Não é a fertilidade do solo, mas sua diferenciação, e a variedade de seus produtos naturais, que constituem a base física da divisão social do trabalho, e que incitam o homem, com a diversidade das condições naturais em que vive, a multiplicar suas necessidades, aptidões, instrumentos e métodos de trabalho. A necessidade de controlar socialmente uma força natural, de utilizá-la, de apropriar-se dela ou domá-la por meio de obras em grande escala feitas pelo homem, desempenhou o papel mais decisivo na história da indústria. É o que se verificou, por exemplo, com as obras (p.589) para regular as águas no Egito (grifo nosso), onde a irrigação por meio de canais artificiais proporcionava a água indispensável para o cultivo do solo, e depositava nela, com a lama que a água trazia das montanhas, adubos minerais. (MARX, Karl, 1970, pp. 589-590).

Diferentemente de Marx, Nkrumah demonstra que os princípios socialistas adaptados à realidade africana fazem com que os africanos se tornem mais gente quando vive na união. O desenvolvimento da África não pode ser apenas limitado nos aspectos

⁵ Marx foi o grande incentivador do projeto de socialismo no Continente africano, não pela sua forma de defender os proletariados africanos, mas para se beneficiar da sua mão de obra. Por esta razão, Marx apoiava a escravidão moderna tendo objetivo a propriedade privada e não coletiva. Parece-me uma contraditória.

de forças de produção, mas pelo conhecimento no que afirma Nkrumah, é preciso realizar uma revolução das inteligências. Essa ideia vem superando a concepção de um desenvolvimento baseado na produção do capitalismo, frutos de luta classes do modelo europeu na África, as fábricas, as ferrovias referiam-se a essa modernidade capitalista em que em vez de promover a vida, acabava gerando uma economia de manutenção e da redução de custos dos produtos nacionais em proveito do Imperialismo. Ibn Khaldun, originário da Tunísia, estudava sobre o processo social e seus aspectos históricos. Desde o século XIV, sua teoria era já conhecida entre o mundo árabe e a presença da Cristandade que lutava pelo espaço do comércio na África. Foi descobrindo que o conceito de “excedente” já havia existindo antes do Karl Marx, de certa forma essa ideia de Nkrumah não seria uma cópia de Marx para entender a realidade africana que na verdade já funcionava com sistema próprio e valorizava o socialismo africano. Segundo Jaldun.

Mais tarde, ao encontrarem-se em melhores condições e com uma riqueza que supera todas as suas necessidades, começam a desfrutar da tranquilidade e da moleza. Combinam ainda os seus esforços, trabalham para conseguir mais do que simplesmente necessário; se lhes veem acumularem viveres, luzir belas vestimentas, edificar amplas residencias, fundar cidades e vilas para colocar-se ao abrigo detentativas hostis. (IBN JALDUN, 1987, p. 263).

A partir desse pressuposto, podemos perguntar: Como é que o pensamento marxista pode ser aprendido na perspectiva colonial?

Conforme Nkrumah, a lógica de marxismo não foi apropriada para pensar o desenvolvimento da África de acordo com a história da dominação imperial na África. Não se nota uma oposição da teoria do marxismo como resistência face às demais culturas não ocidentais. Pelo contrário, o marxismo no contexto africano e no caribe contribuíram como uma grande opressão no campo da cultura para se aproveitar de um capitalismo global resultado da exploração de mão obra escrava africana, da colonização e de exploração de vários outros recursos naturais. Como tal, o seu uso no Caribe causou uma abundância de riqueza durante séculos no custo de milhões de vidas africanas (Marx, 1976, p. 377). A força do trabalho escravo dos africanos era visto como estágio necessário de ascensão para a acumulação do capitalismo.

A descoberta de ouro e prata na América, a extirpação, escravização e sepultamento nas minas da população indígena desse continente, o início da conquista e pilhagem da Índia e a conversão da África numa reserva para a

caça comercial de peles negras, são todas as coisas que caracterizam o alvorecer da era da produção capitalista. Estes processos idílicos são os principais momentos de acumulação primitiva (MARX, 1976, p. 915).

Percebemos que o marxismo contribuiu para um projeto de dominação na sua estrutura social e econômica promovendo uma cultura da supremacia branca nas terras africanas. O capitalismo foi sempre uma estrutura socioeconômica europeia, a sua adaptação na realidade africana causou extremamente conflitos e destruição dos valores das sociedades tradicionais patrilineares e matrilineares. Afinal, como é que a África se posiciona diante do marxismo neste contexto colonial do capitalismo e do marxismo?

Embora Nkrumah desse nome à sua filosofia o “*Consciencismo: Uma filosofia de desenvolvimento para África*”, inspirada pela teoria de Marx, porém havia uma resistência da parte dos africanos em aceitar a produção marxista adaptada na realidade africana. Os africanos lutaram contra a ampliação do comércio ilegal na África.

Após as independências nos anos 60, houve um declínio na política e econômico do continente africano, isso foi o resultado de várias sanções comerciais, interferindo na importação dos recursos africanos para Europa com baixo valor. O Continente ficou sujeito a aceitar as dependências econômicas dos países colonizadores. Diante dessa situação, as teorias pós-coloniais e decoloniais começaram a criticar a teoria de Marx. Frantz Fanon, Appiah e tantos outros que não podemos deixar de mencionar neste trabalho. No momento, não pretendemos utilizar aqui os conceitos formulados por todos desses autores ainda que saibamos que são de grande relevância para nos ajudar na aproximação do objeto ora proposto nessa pesquisa. Frantz Fanon (2001) na obra “Pela revolução africana” demonstra a importância do reconhecimento total do negro diante da colonização, estabelece uma relação entre a visão sintética do mundo e da evolução da consciência oprimida. Descobre que o sujeito negro ficou vazio da sua existência. A única saída do negro diante deste regime colonial é libertar o continente africano da violência do colonizador. Enquanto Nkrumah fala de uma libertação nacional, Fanon acreditava que em primeiro lugar tem que libertar o indivíduo. A libertação nacional pode existir se tivesse em primeiro lugar uma libertação do negro enquanto sujeito da alienação colonial.

O retrato do filme “O Leão de Sete Cabeças” de 1970 dirigido pelo cineasta brasileiro Glauber Rocha, nos mostra que o continente africano foi destruído pelas forças euro-americanas e escravizaram várias tribos, extraindo o algodão, cacau e de cana açúcar levando para América. Suas colônias permaneceram durante quinhentos

anos de dominação branca no continente contribuindo também pela destruição dos núcleos familiares e das relações sociais, impondo um modelo do capitalismo que veio contrariar os valores da economia de subsistência local. Glauber afirma “o burguês que se desliga da sua cultura e faz a revolução (Rocha, 1981, p. 79). Nesse contexto, os continentes da África, América Latina e da Ásia passaram a ser os fornecedores de matérias-primas para a Europa e os Estados Unidos. Os quinhentos anos da presença da colônia euro-americana na África não deixou apenas a miséria, mas os conflitos étnicos que se gravaram e continuam na disputa do poder com os povos vizinhos.

As revoluções promovidas por Nkrumah não foram de caráter violento, mas intelectual. São os homens que pensam como seres conscientes da sua existência visando uma finalidade única, o futuro livre e a independência da África. Diante desse cenário, Nkrumah aproxima-se e anuncia “Que a independência de Gana não deve ser renunciada ou diminuída em nenhum nível para além da promoção da unidade africana” (KWAME, 1963, p. 85). Por este motivo, tem que lutar contra o Imperialismo, com isso, ele diz:

Imperialismo é ainda a mais poderosa força a ser considerada na África. Controla nossas economias, opera em uma escala mundial com combinação de diferentes tipos: econômico, político, cultural, educacional, militar; e por serviços de inteligência e informação. Está criando estados clientes, que manipula a distância (KWAME, 1963, p. XVI).

Enzo Traverso na sua obra “*Mélancolie de Gauche*” publicado em 2016, discute a questão das revoluções do séc. XIX que constituíram uma memória epistemológica, cultural e filosófica em termo da lembrança inesquecível na história do povo. Sua obra trata da questão das lutas revolucionárias e as derrotas das quais o povo sofreu. Com isso, desenvolveu certos sentimentos positivos ou negativos. Dessa forma, a melancolia seria um mecanismo de transcender a tristeza do povo sofrido e buscar a fortalecê-lo por meio de um ritual perpétuo da comemoração das derrotas. Quanto mais o povo se lembra das perseguições, mais ainda se torna consciente de fortalecer a luta. Por isso, na relação entre história e a memória colonial ao ser quebrada pela história da colonização traz as novas visões do mundo para pensar o futuro emancipatório da humanidade, o que Nkrumah vai denominar a revolução africana como condição necessária para o desenvolvimento do povo. O livro de Enzo é um retrato que acompanha o movimento socialista revolucionário no mundo.

Quando falamos da revolução, estamos tratando de um processo de desconstrução da imagem criada pelo colonialismo na África por meio da educação e o conhecimento. A revolução de que Nkrumah fala não se trata de armas, mas é uma revolução da consciência nacional capaz de despertar a consciência humana para o bem de todos. Assim, o conhecimento que os africanos podem usar na produtividade de agricultura, pode ser o maior rendimento do mundo, especialmente no comércio internacional para gerar a auto-suficiência alimentária, a industrialização do tipo da agricultura, integração regional pela pecuária. A utilização dos produtos tóxicos ou agroquímicos não é necessária para a produção dos alimentos na terra africana. A sua rentabilidade mostra que a terra é ainda cultivável e mantém a sua riqueza natural. Com essa ideia iremos discutir sobre o pan-africanismo neste contexto de consciencismo para fortalecer o socialismo africano e a negritude. Suas crenças e doutrinas serão fundamentadas pela filosofia que contribuiu para a base da união pan-africana. Segundo Nkrumah, o socialismo vai assumir uma doutrina política em que as determinações e consciências do povo africano devem ajudar pela emancipação rumo ao pan-africanismo.

CAPÍTULO II. OS FUNDAMENTOS DO PAN-AFRICANISMO

2.1. Aspectos históricos do pan-africanismo

O pan-africanismo possui várias visões e diferentes interpretações, às vezes, difíceis para se conciliar com seus princípios genealógicos. Na década de 1900 a 1945, o termo surgiu dentre as vertentes mais fortes da Europa: o liberalismo, o socialismo e o comunismo. O conceito “pan” se inspirou na ideia de unificação dos povos do mundo em vista do bem comum, tanto na Europa como na Ásia, a ideia foi promovida como ideologia. No contexto africano, ele se apresenta como o pilar pela luta da independência e da união dos Estados Unidos da África baseada numa visão filosófica, ideológica e política contra o colonialismo. De acordo com Nkrumah, o pan-africanismo é o movimento de libertação para os regimes colonialistas europeus na África. Ele encontra sua base na filosofia materialista para se servir como fundamento em vista de

iniciar o caminho rumo ao socialismo africano e futuramente dará origem à criação da organização da União Africana em siglas (OUA). Henry oferece outra definição:

O Pan-africanismo é um movimento global de união da África e seu povo contra a opressão e exploração racial, relacionadas à hegemonia europeia na região. M'bayo e Okhmina também opinaram que o pan-africanismo envolveu esforços para mobilizar os africanos contra o colonialismo e o racismo, bem como foi a base para a união da África por meio da UA (KAM, 2013, p. 124).

De acordo com Decraene, o pan-africanismo tem sua origem nos países de colonização inglesa (DECRAENE, 1962, p. 13). O pan-africanismo encontra seu terreno de reflexão no âmbito da diáspora com os descendentes de africanos, aqueles que emigraram da África para Europa e em outras partes do mundo para refletirem o futuro da humanidade negra, seus direitos e deveres. É um período conturbado pela vida dos negros que deveriam lutar contra a dominação colonial. Para Joseph Harris:

O Pan-africanismo origina-se da oposição aos tráficos escravistas nas Américas, Ásia e Europa, onde foram materializados os experimentos psicológicos e sociais que fizeram surgir movimentos de protesto e revoltas de cunho internacional que reivindicaram a libertação dos africanos escravizados, bem como a liberdade e a igualdade das populações africanas no estrangeiro” (HARRIS, 2010, p. 861).

Percebemos que o pan-africanismo não é apenas uma ideologia ou uma doutrina que luta contra um regime colonial que causava a opressão contra os negros, mas é um sistema do pensamento e conhecimento que cria uma consciência na sociedade humana em vista de preservar os valores das representações sociais, culturais e religiosas de um povo. Uma vez que esses elementos não são contextualizados e sistematizados na sociedade africana, o pan-africanismo continuará sendo uma filosofia sem ideologia. O pan-africanismo cria uma consciência nos líderes de Estados Africanos para pensar em uma ação comum e unificada. Portanto, a unidade política da África não é apenas uma missão dos líderes do Continente, mas de todos. O próprio conceito de pan-africanismo transcende os limites geopolíticos do continente. Não é possível pensar em filosofia africana sem pensar em cultura de solidariedade africana. Na ausência dessa última não terá como falar do pan-africanismo como ideologia de unificação dos negros ao redor do mundo. O pan-africanismo funciona como rede de relações entre os diferentes povos e nações dos negros em vista do bem comum. Não pode compreender o pan-africanismo sem falar da unidade africana.

A problemática da unidade política africana é sempre um grande desafio a ordem política e econômica que implica não somente os interesses nacionais do continente, mas também internacionais e de outras cooperações privadas e governamentais. Não podemos refletir sobre o pan-africanismo sem deixar ao lado o socialismo africano, Anne Bocandé acrescentou:

A África precisa da unidade: A história do pan-africanismo, afirma " O pan-africanismo nasceu no final do século XVIII, quase ao mesmo tempo em que o liberalismo e o socialismo (...) O pan-africanismo Primeiro, houve um pan-negrismo, um sentimento de solidariedade entre os negros deportados para a América no contexto do comércio transatlântico (BOCANDÉ, 2014, pp. 1-2).⁶

Podemos notar que o pan-negrismo se diferencia do pan-africanismo pelo fato que o primeiro lutava contra o racismo Negro e valorizava a arte negra como expressão racial, o segundo expressava o sentimento da unidade racial entre todos os negros do mundo. O pan-africanismo além de valorizar a arte negra, reconhecia também a literatura africana como parte da identidade de todos os negros do mundo. Quanto ao termo pan-negrismo recebe uma conotação de um novo humanismo africano. É o que ter sido distinguido de outras vertentes que receberam a influência ocidental, enquanto o pan-negrismo favoreceu imensamente o pan-africanismo para constituir as bases do socialismo e a política africana em prol da libertação da África. Dessa forma, Nkrumah traz uma nova forma de repensar o pan-africanismo no contexto da África categorizando esse conceito de “revolução” que não se trata de uma revolução libertária e somática, física ou geopolítica, mas de uma libertação das “*inteligências*”⁷. Nessa hipótese, servida por Nkrumah na sua obra “Consciencismo”, ao afirmar que a nossa filosofia deve encontrar suas raízes no âmbito social e não somente em termo de libertação da terra, Nkrumah funda o conceito de pan-africanismo no contexto africano em termo filosófico. Isto é, uma libertação que entende a necessidade de emancipação do homem africano, não só no sentido da economia, mas, sim da descolonização mental. Parece-

⁶ Bocandé, Anne. L’histoire contemporaine de l’Afrique, c’est le pan-africanisme: Entretien avec Amzat Boukari-Yabara, Africulture.

⁷ Na obra de Nkrumah “*O Consciencismo. Filosofia e Ideologia pela descolonização e desenvolvimento*” demonstra que a libertação da África tem que iniciar em primeiro lugar em nossa mente, buscar em primeiro lugar a libertação do homem enquanto homem, é uma libertação do espírito partindo das nossas consciências até chegar a segunda revolução, talvez a mais revolucionária que conduz a uma consciência comum em vista da emancipação de todos. Para Nkrumah, a grande tarefa é chegar não somente a emancipar economicamente os africanos, mas descolonizá-los pela mente impregnadas pela forma que a ideologia do capitalismo e da colonização ensinaram na perspectiva dominante.

me que Nkrumah projetava uma imagem que os africanos pudessem se tornar autossuficientes e responsáveis do seu futuro quando tiverem consciência de suas condições social, político e econômica. Não podemos enaltecer um tipo de libertação senão tivermos uma tomada de consciência. É bom ressaltar que os países considerados do primeiro mundo passaram, também por uma série de revoluções para chegar a um nível do desenvolvimento econômico, educacional ou social. Nkrumah considera a consciência como “pré-revolução”, na medida em que ela prepara o caminho para uma revolução. Para Philippe Decreane, o pan-africanisme:

constitui, por si só, um programa como o do pan-americanismo ou do pan-germanismo (...). Refere-se a correntes bastante diferentes, dependendo do tempo em que são consideradas. Afinal, será que o pan-africanismo é um conceito filosófico, uma teoria prática ou uma ideologia, ou ainda um movimento sociopolítico? O pan-africanismo recebeu muitas tendências, entre outras a filosofia política e ideológica, socioeconômica, religiosa e cultural. O pan-africanismo é um conceito filosófico histórico. Trata-se de uma África “*renascença*” (DECREANE,1970, p. 9).

Sua formação de grandes Estados e Impérios africanos, sua contribuição cultural e econômica pelos negros da África, da diáspora e os negros que retornaram para a África dos Estados Unidos e Caribe para reconstruir suas nações no Continente Africano.

Por se tratar de um tema que tem relevância do ponto vista histórico, iremos embasar nossa leitura filosófica em várias dimensões que compõem esse capítulo. Não temos a pretensão de fazer nesse capítulo um trabalho histórico, mas queremos focalizar a nossa atenção em alguns aspectos pertinentes que dizem respeito à genealogia do pan-africanismo e sua influência no socialismo africano e no movimento da negritude. Essa parte será mais desenvolvida de uma forma ideológica, respeitando o materialismo histórico sendo o objeto principal desse trabalho que leva a uma compreensão de uma filosofia política. O interesse do tema vai refletir entre o período de 1900 e 1945 com início do pan-africanismo no contexto da diáspora e africano pela luta da independência na África.

2.2. Perspectivas do pan-africanismo na diáspora

Historicamente falando, o conceito de pan-africanismo começou em Londres, em 1900, com os três fundadores são Henry Sylvester Williams, Benito Sylvain e Dr

William Edward Burghardt Du Bois, mas a ideia era anterior a esta conferência, o termo já aparece no final do século XVIII com a revolução haitiana de 1791- 1804. São africanos da colônia franceses em Haiti que representavam o símbolo da resistência negra nas Antilhas diante do regime colonial e capitalista que acolheram mais de 100 mil africanos escravizados no Haiti. A ideia vai ser fortalecida mais ainda durante a primeira conferência pan-africana em Manchester em que houve uma grande discussão de acordo com o lugar de onde aconteceria a Conferência. Londres na época foi o único lugar onde se podia discutir esses assuntos. A África, na época ainda estava em plena colonização, nas Américas de modo geral, a abolição da escravatura vinha sendo acabada, mas ainda continuava a segregação, a Europa foi o continente que deu início à colonização, portanto realizar a primeira conferência nesse continente era um motivo de disputa de interesses e não de dar uma resposta positiva para mundo. Houve também o medo por parte dos colonizadores em receber as críticas em relação ao crime que cometeram contra a população negra ao longo da história. Portanto, em Londres havia os grupos de negros formados em várias áreas do conhecimento que discutiam sobre as condições sociais dos negros. Sendo assim, a capital de Londres ficou como a preferência de todos os líderes para dar início à primeira conferência pan-africana realizada na cidade “*Hall de Londres*”, ou seja, a “*Câmara de Londres*”⁸. Esse foi o lugar escolhido para se lembrar da luta e resistência dos negros do mundo diante do regime colonial.

Na mesma data, comemorava na Inglaterra o jubilar de ouro dos 60 anos da rainha Vitória (1837 a 1900), coroada rainha das indígenas. Graças a ela, a Inglaterra se tornou uma grande potência econômica do mundo sobre o continente africano. Nessa ocasião, oferecia aos grupos de negros africanos e afro-americanos um espaço para apresentarem alguns assuntos referentes às questões sociais e culturais. Nessa ocasião, Du Bois tomou a palavra apresentando a situação dos negros da América do Norte, dizendo que esses continuavam vivendo em condições de desigualdades em relação aos brancos. De acordo com Du Bois, os negros americanos eram considerados inferiores em relação aos brancos, não pela questão racial, mas econômica. Os negros americanos sofrem o preconceito de cor e raça. Conforme Du Bois, “O problema do século XX é o problema da barreira racial, a revelação das raças mais escuras com as raças mais claras na Ásia e na África, na América e nas ilhas Oceânicas.” (DU BOI, W.E.B., 1999, p. 319).

⁸ Tradução nossa. Câmara de Londres.

Du Bois quer mostrar como é que o conceito de raça já é ultrapassado. Portanto, esse problema de raça e cor já está superado. No mundo futuro, a população mundial tanto na África, como nas Américas e na Europa será chamada de multirracial onde a diversidade étnico-racial terá um maior controle no mundo. Diante da barreira racial, Du Bois reclama os direitos civis dos negros e políticas públicas que lhes eram negados pela ideologia da conquista colonial europeus nas Américas e na África. Na obra *As almas do povo Negro*, Du Bois refere-se, mais uma vez, ao seu texto base para fundamentar o conceito de pan-africanismo.

Jazem sepultadas neste local, muitas coisas que, se lidas com paciência, podem mostrar o estranho significado de ser negro aqui, no alvorecer do Século Vinte. “Este significado não é destituído de interesse para você, caro leitor, pois a questão do Século Vinte é o problema da linha da cor” (DU BOIS, 1998, p. 35).

Com essa contribuição, Sylvester convida os membros presentes para dar início à primeira Conferência pan-africana em Londres. Podemos afirmar que Sylvester que foi um dos primeiros fundadores dessa ideologia. Por outro lado, Du Bois, com sua capacidade intelectual, contribuiu para criar o conceito de pan-africanismo. Criou também a Associação Nacional de pessoas de cor (NAACP) com ajuda de diversos militantes e ativistas da comunidade negra em vista de garantir os direitos dos negros. Por isso, Du Bois foi considerado como pai do pan-africanismo, e deu continuidade ao projeto do primeiro congresso pan-africano. A conferência teve um caráter ideológico.

Lutar contra a escravidão, até as vésperas da Primeira Guerra Mundial, com a morte quase simultânea de Sylvester Williams (1911) e do ideólogo Edward W. Blyden (1912); depois, fortalecer a formação da ideologia e dos programas, através de uma sucessão de "congressos" concebidos, organizados e liderados por W. E. B Du Bois e através das lutas contra o colonialismo e o fascismo realizados, entre outros, na década de 1920, por figuras políticas como Louis Hunkarin, Lamine Senghor, Samuel Stéfany, Max Bloncourt, Joseph Gothon-Lunion e Tiemoko Garan Kouyat ”(D’ABDOU Diouf, 1970, pp. 15-16 grifo nosso).

Foram três dias de conferência entre 24, 25 e 26 de julho de 1900, com mais ou menos 21 pessoas de Serra Léó, Costa de Marfim, Caribenha, Trindade, Haiti, Pastores e Bispos evangélicos americanos. Dentro dos três primeiros fundadores, Henri Sylvester William foi o mais o articulado secretário dessa primeira conferência. Ele foi originário

da *Trindad*⁹, formado em Direito, é considerado como precursor e pioneiro do pan-africanismo. Suas ideias se encontram na sua obra “*Christianity, islam and the negro race*”. Conheceu a realidade dos negros na Nova Escócia onde esses foram mandados para Será Léo e depois para Inglaterra. Em 1895 fundou a “*sociedade africana*” em Londres. Sylvester está na base do pan-africanismo, foi ele, depois de Du Bois, que tomou a iniciativa de organizar os cinco primeiros congressos dos quais os primeiros marcaram as etapas da história da humanidade negra entre 1919-1945. O primeiro Congresso em Paris (1919), o segundo (1921) e terceiro (1923) realizados em Londres, o quarto à New York em 1927 e o quinto a Manchester em 1945. Sylvester deu uma boa contribuição pela consolidação da unidade pan-africana, defendia uma visão de união para todos os negros do mundo. Era contra a lógica da dominação colonial. Seu convite foi dirigido aos negros que moravam no Caribe, América Latina, os Estados Unidos e África para se unirem tendo em vista o despertar da consciência humana pela luta contra a opressão e exploração do colonialismo.

O segundo pan-africanista é Sylvain Benito, nascido em 1868, cidadão de um país independente, Haiti de 1804. É advogado, poeta, jornalista e escritor. Foi escolhido como embaixador da África pelas colônias francesas e inglesas na época em que a maioria dos países africanos era colônias dos europeus. Morreu novo em 1915 com apenas 47 anos. Trouxe uma grande contribuição do pan-africanismo contra o racismo desenvolvido na obra “*Du sort des indigènes dans les colonies d’exploitation*”. O último é o Dr. William Eduard Burghard (W.E. B) que teve uma longa vida. Nasceu em Great Barrington, nos EUA no contexto da segregação racial. Conhecido como pai da sociologia negra americana, precursor do movimento da negritude. Estudou na Universidade Fisk depois em Harvard (1896) e na Alemanha onde concluiu seu doutorado em sociologia. Foi um dos primeiros negros a ser doutor com apenas 29 anos. É autor de vários livros, entre outros, “*The Philadelphia Negro: A Social Study* e *Almas da gente Negra*”. Du Bois visava um projeto de libertação do pan-africanismo do ponto de vista acadêmico.

O contato feito entre Du Bois e seu mestre Marx Weber na Alemanha lhe ajudou a descobrir que deveria ser libertar das ideias hegelianas baseadas numa consciência alienada. Com isso, Du Bois passa a apresentar uma síntese baseada numa sociedade reconciliadora do pan-africanismo. Desse modo, fala de si mesmo “sua natureza é dupla

⁹ Trindad é uma Ilha que se localiza na América Central, conhecido pela sua qualidade de ilhas, ocupada pelos holandês e depois pelos espanhóis.

- uma americana, uma negra; dois pensamentos, duas lutas irreconciliáveis; dois ideais em guerra em um único corpo negro, que somente a força inabalável impede de rasgar” (DU BOI, 2010, p. 224). As ideias de Du Bois influenciaram vários países africanos com seus líderes políticos para reivindicar o direito dos africanos pela independência de suas colônias nas mãos dos europeus. Du Bois argumentava que os africanos não precisam necessariamente de ajuda bilateral da colônia, o que eles precisam fazer é unir-se e construir em resgate de suas origens tradicionais e culturais. Du Bois é o grande líder que veio trazer as ideias que consolidaram “a primeira vertente pan-africana do pan-africanismo- educacional” (DECRAENE, 1962, p. 14). Não podemos deixar de mencionar outros líderes que marcaram também a história do pan-africanismo na diáspora.

Joseph Antênor Firmim (1850-1911) com sua obra “*De l'égalité des races humaines*” que trouxe as grandes contribuições a respeito do pan-africanismo como superação da hierarquização das raças humanas, acreditando que as raças humanas são iguais desde a sua origem divina. Para Edward Wilmot Blyden, cidadão de Pequenas Antilhas, nascido em Saint-Thomas (1832-1912) ficou conhecido pela sua qualidade de educador, escritor, diplomata e político. Em 1850, mudou para os Estados Unidos onde passou por uma decepção com a instituição religiosa católica que lhe recusou o direito de entrar no seminário em que ele pretendia ser padre por causa da sua cor. Essa contradição de vida lhe favoreceu a vantagem a ter consciência pela luta da vida pública e política. Por esse motivo, mudou para Libéria, país africano sob a dominação americana com a independência limitada em termo de direito, em 1847, para continuar sua luta. “Blyden tornou-se autodidata nas áreas de conhecimento da linguística, história, sociologia e teologia, acumulando, além de suas atividades de professor, posteriormente, o cargo de secretário de estado da Libéria recém-independente” (PAIM, 2014, p. 93) .

Atuou como diplomata. Encontrou-se seu terreno de missão. Lutou contra os argumentos da inferioridade dos negros. Para ele o pan-africanismo de tendência religiosa contribuiu pela construção de identidade negra. Alexander Crummel nascido na Nova Iorque. Trouxe as contribuições do pan-africanismo do ponto de vista também religioso. Foi sacerdote episcopal. Essa visão histórica é apenas uma iluminação para acompanhar o raciocínio do que é o pan-africanismo no contexto da diáspora. Não

pretendemos mostrar a pertinência ideológica de todos os pan-africanistas, pois, sobretudo, porque o nosso tema não se trata de um trabalho histórico, mas filosófico.

O pan-africanismo foi tratado enquanto projeto de libertação e integração. A situação em que os negros se encontravam no mundo capitalista ocidental era de exclusão, dos trabalhos forçados e da dominação colonial. O negro e raça se tornaram assuntos de interesses econômicos. Mbembe afirma.

Esse nome foi inventado para significar exclusão, embrutecimento e degradação, ou seja, um limite sempre conjurado e abominado. Humilhado e profundamente desonrado, o Negro é, na ordem da modernidade, o único de todos os humanos cuja carne foi transformada em coisa, e o espírito, em mercadoria- a cripta viva do capital. (MBEMBE, 2014, p. 19).

De ponto de vista ideológico, o pan-africanismo é analisado por Achille Mbembe não apenas como afirmação do mundo negro, mas como *afropolitarismo*¹⁰, isto é, dar a liberdade aos negros no mundo capitalista para circular onde pudessem se integrar em condições social, econômica e política. A visão de Achille é bem diferente a de Marcus Garvey. Para Garvey, o pan-africanismo como campo de investigação é mais revolucionário em defender a sua postura mais política do que acadêmica.

Nesta vertente, podemos encontrar as ideias mais revolucionárias de Marcus Garvey em tornar o pan-africanismo numa dimensão universal.¹¹ Fundador da sociedade Universal para o Desenvolvimento do Negro, lançou a proposta de construir a universalidade do projeto do pan-africanismo cujo interesse era de formar os Estados revolucionários dos negros contra o colonialismo. Ele é considerado como profeta do messianismo pan-africano. Graças a ele, apareceu o pan-africanismo messiânico em vista de unir todos os negros num só povo. Tinha ideia de criar uma Casa negra ao lado da Casa Branca dos Estados Unidos para promover os direitos dos negros. Pensava instituir o negro no poder dirigente com possibilidade de ser eleito por quatro anos. O negro eleito será o destino dos outros negros dos Estados Unidos. As ideias de Garvey foram incontestáveis em relação ao pan-africanismo de tendência nacionalista. Para Du Bois o pan-africanismo deverá dialogar com os líderes da colonização em vista de

¹⁰ Conceito criado por Achille Mbembe para significar o livre circulação dos negros no mercado internacional tanto em nível do pensamento e quanto econômico.

¹¹ Marcus Garvey foi um dos primeiros negros a lutar contra o racismo de maneira radical no contexto do Novo Mundo. Seu projeto de pan-africanismo tornou-se o mais radical e universal. Nasceu em Saint Ann' Bay em Jamaica. Líder sindicalista, comerciante e nacionalista. Viajou em diversos países da América Latina e nos Estados Unidos. Percebeu que as condições em que viviam os negros no mundo eram de exclusão. Essa leitura social que havia feito sobre os negros lhe causou uma ideologia de construir um projeto de uma única nação negra formada em torno da emancipação.

resolver as situações dos colonizados em seu território visando uma transformação para o desenvolvimento. Nesta mesma perspectiva, Du Bois pensava que uma boa colonização e educação de qualidade podem ajudar os negros a superarem a pobreza, isso pode fazer com que um dia esses últimos podem igualar-se aos brancos de ponto de vista social. A proposta de Du Bois agradou a maioria dos organizadores do Pan-africanismo a apoiar sua ideologia. Portanto, o pensamento de Garvey é ainda atual tanto para os pan-africanistas quanto para os negros nacionalistas que lideraram vários movimentos de oposição contra o regime escravocrata em favor do nacionalismo radical. Foram pastores, bispos americanos e outros líderes nacionalistas. Garvey foi um grande líder sindicalista na Jamaica. Organizou a greve dos trabalhadores em 1907. Teve problema em Kington e tinha que se exilar em Londres em 1935, onde faleceu. Viajou bastante pelo mundo, conheceu vários países da América Latina, Caribenha e os Estados Unidos. Suas idéias influenciaram a sociedade da época na disputa do poder hegemônico entre o colonialismo e os líderes da abolição da escravatura que apoiava a idéia de transferir os negros para África. O retorno dos negros para África levou à criação de Serra Leoa e Libéria, dos negros brasileiros para o Togo, Benin e Nigéria. Esse projeto de Garvey tem caráter militar, *Come back Africa*” “*Mouvement de retour en Afrique des noirs américains* que se encontra na obra *Le cahier du retour au pays natal*.¹² Teve como objetivo juntar fundos para criar uma companhia de navegação (Black Star Line) tendo em vista ratificar o retorno dos negros americanos para África a fim de reconstruir seus Estados independentes.

Infelizmente, o plano falhou sob as pressões dos políticos americanos e ingleses que tinham medo, por um lado, de enfraquecer a economia americana, por outro lado de criar uma desorganização na política colonial britânica. Segundo Padmore, Garvey teve uma visão excelente de criar esse movimento, porém diante das condições econômicas insuficientes que os negros tinham, essa movimentação poderia criar tensões e interesses entre os dois blocos: colonizados e colonizadores disputando a hegemonia do poder, nesse sentido Padmore argumenta:

Qual é o programa de Garvey? O retorno para a África. Os negros devem recuperar a África por si mesmos. Eles poderiam ir para a África, se estabelecer e viver lá tão livres e felizes quanto os europeus na Europa e os americanos brancos na América. Como eles voltariam para a África? Eles

¹² A obra foi escrita por Aimé Césaire para fortalecer a identidade negra no contexto do movimento da negritude.

buscariam os meios dos imperialistas e, se os imperialistas não o dessem, eles os levariam de volta... O resultado teria sido criar um antagonismo entre os imigrantes negros da América e os povos indígenas, da mesma forma que ocorreu em choque entre os dois povos semitas - os judeus e os árabes - na Palestina. (PADMORE, 1946, p.84).

Apesar do fracasso do projeto de Garvey em criar esse movimento, procedeu para fundar uma Igreja Ortodoxa negra e lançou uma legião africana universal e terminou para se proclamar Presidente dos Estados Unidos da África. Em 1920, no seu grande *meeting à New York*, fez um pronunciamento em favor da declaração dos Direitos do povo negro do mundo. O pan-africanismo trouxe as ideias novas para repensar o mundo na perspectiva negra não apenas em nível histórico, mas projetando as bases ideológicas e filosóficas para formar o socialismo africano em vista da unificação dos Estados Unidos da África. Por se tratar de um tema que tem uma relevância no mundo da diáspora, o pan-africanismo tornou-se uma teoria universal, sua interpretação desperta o interesse de vários continentes entre outra África, América e Ásia em formar os blocos comerciais em termos das relações diplomáticas. O mundo na sua lógica das relações internacionais interesse o pan-africanismo como base para fortalecer a ideologia de união dos Estados, tanto em nível comercial quanto político. O pan-africanismo não é uma simples teoria, mas sim uma ideologia que ultrapassa os limites da “*balkanisation*”¹³. Conforme Nkrumah, “a exploração desse tipo só é possível por causa da balcanização do continente africano. Balcanização é um importante instrumento do neocolonialismo, e é necessariamente encontrada onde quer o neolocalismo seja praticado. (Kwame, p. 1965, p. 16).

Neste contexto de busca pela unificação africana, o pan-africanismo se torna uma ideologia por *Padmore*¹⁴. (Padmore, 1960, p. 25). Suponhamos que a ideologia do pan-africanismo se torne irrefutável, então o que diríamos desse princípio, seria mais considerado um elemento de investigação filosófica ou uma doutrina dogmática? Se fosse uma doutrina, ele impediria os avanços do verdadeiro diálogo com as demais esferas da sociedade do mundo. Neste sentido, o pan-africanismo entendido como

¹³ O termo “Balcanização” entende-se no contexto da partilha da África em que os colonizadores não respeitaram as fronteiras no momento da divisão da África. Isso gerou até hoje os conflitos étnico-Raciais.

¹⁴ Padmore desempenhou um papel muito importante com Nkrumah pela luta da emancipação política do Gold Coast . Foi seu conselheiro para organizar a verdadeira política do panafricanismo. Cyril L. James ajudou Nkrumah pela luta da independência. Padmore, Cyril e Nkrumah sendo da mesma geração contribuíram juntos pela unificação do panafricanismo e a independência do Continente Africano.

ideologia contraporá as teorias do progresso. Sabemos que qualquer teoria que seja aprovada pelo conselho universal acadêmico por meio de uma hipótese como experiência e observação do mundo real será sempre sujeito da crítica. Portanto admitir o pan-africanismo como dogma não seria um tema de caráter filosófico para abrir as discussões com o mundo real, do indivíduo para o coletivo. O sujeito de investigação do objeto pretendido não teria mais o direito de opinar suas ideias e pensamentos por meio de um consenso comum. Realmente, por ser tratado de um tema filosófico, o pan-africanismo é uma teoria do conhecimento. Esse, por sua vez, acompanha alguns critérios para se tornar provável, uma hipótese aceitável pela maioria. Para Nkrumah, “o seu objetivo Pan-africanista ultrapassava barreiras geográficas e culturais nacionais impostas pelo colonialismo. (Nkrumah, 1977, p.136). Ele defendia um pan-africanismo ideológico e não doutrinal, ou seja, sua ideologia não é intransigente e não possui um caráter dominante, mas é uma teoria que conscientiza o povo pela luta da libertação. O que nos leva a entender que o pan-africanismo é uma teoria da libertação é seu papel fundamental que desempenha na luta para emancipar os sistemas da dominação colonial europeu em terra africana em vista de conscientizar o povo a se libertar dessas máscaras¹⁵.

De ponto de vista político, entende-se o pan-africanismo como sistema bem estruturado dada a sua origem de diversas áreas do conhecimento o que se opõem a seus anti-valores em vista de construir um conhecimento dinâmico e sistemático. Aqui Nkrumah interpreta esse conhecimento de forma revolucionária e política levando em conta a estrutura desse último a convencer os líderes da colonização pela independência da África. A insistência de Nkrumah na obra “*I Speak of Freedom*” nos mostra que “se não houvesse uma revolução política não seríamos capazes de planejar um futuro melhor. O poder político é um pré-requisito inevitável para o poder econômico e social” (KWAME, 1961, p. 162). No campo social, o pan-africanismo se apresentaria como uma grande revolução de massas. Isto é “a segunda revolução, que em assuntos internos, deveria ser econômica, cultural e social, tinha como objetivo supremo a realização e consolidação da unidade africana” (Ikoku, 1971, pp. 37-41). Se a primeira

¹⁵Máscas é o conceito usado por Frantz Fanon na obra “*Pele Negra e Máscaras Brancas*” buscando uma saída da dominação colonial, ou do oprimido diante do regime colonial. A sua vez o negro poderá reverter esse quando da dominação para se tornar um povo emancipatório, de ponto de vista cultural e econômico.

revolução trata do pensamento intelectual, a segunda trata do social. Não se pode planejar uma vida socialmente igualitária sem conscientizar as massas. Há, porém, no campo social um pensamento considerado absoluto, verdadeiro e irrefutável. Isso pode parecer contraditório com a lógica do pan-africanismo. Todavia, que a ideologia se torna irrefutável pode se transformar em uma coisa intransigente, porém para Nkrumah, a ideologia nesse aspecto, se posiciona frente ao sistema opressor que lhe causa os obstáculos para alcançar seu objetivo. Nkrumah qualifica o pan-africanismo de ideologia porque guia as ações para uma filosofia prática.

Para Nkrumah, Garvey foi uma figura marcante no militarismo nacional negro. Padmore, sendo o grande parceiro de Nkrumah reconhece as contribuições de Garvey tão importante que ele realizou, dessa forma ele diz “Há uma coisa que Garvey fez. Ele levou o negro americano a tomar consciência de sua origem africana e criou pela primeira vez um sentimento de solidariedade internacional entre africanos e afrodescendentes ”(Padmore, 1955, p. 22). Padmore reconhece Nkrumah como o verdadeiro líder incontestável do pan-africanismo chamado de o pai da nação ganês que transformou a antiga colônia britânica do “ouro” para fazer da África uma revolução pan-africana. O pan-africanismo trouxe as ideias novas para repensar o mundo negro não apenas em nível histórico, mas projetou as bases ideológicas e filosóficas em vista de formar o socialismo africano para a unificação dos Estados Unidos da África.

O primeiro passo abordado nessa investigação é de evitar todo tipo dos conflitos inerentes da política africana da desunião. Neste sentido, a política estrangeira e a diplomacia tornaram-se dois aspectos fundamentais para proteger os recursos naturais do Continente Africano. No entanto, para Nkrumah, se nós continuássemos na “*balkanização*”, o neocolonialismo com seus mecanismos de dominação aniquilará a nossa esperança da unidade africana. Nkrumah em texto escrito em 1994, intitulado “*l’Afrique doit s’unir*” acentua a importância da união africana face ao neocolonialismo.

Nossa liberdade, escreveu ele, corre perigo enquanto os Estados independentes da África forem desunificados (...) Se não nos opusermos a essa óbvia e gravíssima ameaça a uma frente africana unida, baseada em uma política econômica e militar comum, a estratégia dos outros nos separará e nos destruirá um após o outro. Nossa principal defesa contra essas ameaças sinistras e os vários outros projetos dos neocolonialistas é nossa união política. Se quisermos permanecer livres, se quisermos nos beneficiar plenamente dos abundantes recursos da África, devemos nos unir para organizar nossa defesa perfeita e a exploração sistemática de nosso potencial material e humano, nos interesse de todos os nossos povos. Para "ir sozinho"

limitaria nosso horizonte, arruinaria nossas esperanças com antecedência e comprometeria nossa liberdade (KWAME, 1994, p. 16).

Parto do pressuposto que o pan-africanismo não é sinônimo da união africana, mas nele nasce a união africana como organização dos líderes dos Estados Africanos que proclama o fim, o último estágio do imperialismo, isto é, “sua última proclamação de existência, como o capitalismo monopolista ou imperialismo” (Nkrumah, 1994, p. 35). Neste caso, somente a união política e econômica pode assegurar o desenvolvimento eficaz e completo da África. A maioria dos Estados Africanos ainda não está livre do progresso da sua independência, porque o colonialismo continua ainda exercendo-se a política de não alinhamento na terra africana exportando os produtos nacionais em benefício da colônia. Na realidade, o tipo do comércio exterior feito pelo continente Africano acaba de desestabilizar a integridade das instituições econômicas e financeiras dos Estados do continente. Para Nkrumah, o inimigo da unidade africana reside na política do domínio financeiro que causa as desigualdades no mundo.

Aí está o inimigo incansável da independência e unidade africanas, ligado a uma cadeia internacional de interesses comuns que considera a provável união das novas nações como sério golpe contra a continuação do seu domínio sobre os recursos e economias dos outros. Aí, na verdade, estão as engrenagens reais do neocolonialismo. Aí, na verdade, estão as ramificações econômicas dos monopólios e grupos de empresas. Seus impérios financeiros e econômicos são pan-africanos e só podem ser enfrentados em base pan-africana. Só uma África unida, através de um governo de uma União Africana poderá derrotá-los” (KWAME, 1967, p. 41).

Existem várias maneiras de o neocolonialismo expressar dominação nas suas colônias. Deve-se, contudo, mencionar que seus mecanismos de dominação se encontram em todos os aspectos de vida dos africanos. Isso pode parecer absurdo no inconsciente da vida do povo negro e, sobretudo, quando esse povo adota um modelo europeu de governar apoiando-se em certas normas antigas e de adaptação das constituições das colônias na realidade africana. Muitas vezes, as leis sancionadas pelo governo legítimo não correspondem à realidade dos cidadãos. Para Nkrumah, o pan-africanismo é uma filosofia que deve valorizar a capacidade intelectual dos próprios africanos sujeitos à transformação do Estado independente para uma autonomia política. Por essa razão, o pan-africanismo assegura o compromisso sócio-político com dimensão da interdisciplinaridade. Isso significaria que os membros da sociedade em que vivem os africanos poderão se beneficiar do bem comum tirando proveito das qualidades de

seus membros e superando os defeitos na convivência. Para isso, a união é importante e deve ser entendida como força vital que interage de maneira interconectada entre as forças ampliando suas energias nas relações humanas. Para Nkrumah, o homem se torna homem quando percebe que ele é valorizado na união com os outros, isto é, o dever-saber da humanidade. Longe desta visão multidimensional da união que valoriza o outro como alteridade em termo de Lévinas. Enquanto a cultura europeia é singular e individualista, a sua singularidade nasce a partir da valorização de certos elementos como antropocentrismo, a propriedade privada e o capitalismo. Nesses elementos, o homem se constitui um núcleo central de poder que é a voz da sua própria consciência. Diferente na concepção africana, os deveres da cultura africana se desenvolvem no aspecto comunitário, e não subjetivo, deve superar todo tipo de individualismo e valorizar o humanismo africano.

2.3. Pan-africanismo no continente (africano)

O Pan-africanismo numa perspectiva filosófica não deve ser entendido apenas como crítica ao sistema colonial, mas é uma abordagem pluricultural baseada pelo fato histórico, político e cultural, tanto na diáspora como também na África, o pan-africanismo entende-se como ideologia. Nkrumah defende o projeto de pan-africanismo na constituição da República do Gana de 1960 com intenção de dar continuidade à união africana caso que ele venha a deixar o poder, assim poderá assumir o projeto de união africana. Por esse motivo, na sua obra “*África deve se unir*”, desenvolve as três vertentes importantes: o Nacionalismo Africano, o Pan-africanismo e o socialismo para toda África. O termo Nacionalismo usado pelo filósofo defende a ideia de uma harmonia nas relações entre os africanos. Para Sekou Touré, o pan-africanismo falhou porque não levou em conta as bases filosóficas. Portanto, Nkrumah foi o primeiro a trazer as bases filosóficas do pan-africanismo para o contexto africano em termo de ideologia. Se antes a preocupação maior dos outros líderes do pan-africanismo era a questão dos direitos dos negros, principalmente a respeito da propriedade da terra, da liberdade, igualdade e emancipação, com Nkrumah, o pan-africanismo se torna uma ideologia pela luta da independência da África. Essa ideologia era uma utopia da libertação da África pelos colonizadores.

O termo ideologia usado por filósofo defende a ideia de uma harmonia nas relações socioeconômicas e políticas entre os africanos. Diante dessa concepção, o Pan-africanismo forma uma união de todos os povos africanos em vista de se libertar da alienação do regime colonial. Para Nkrumah, o pan-africanismo é um conceito filosófico entendido como instrumento de integração de uma nação africana baseada com valores próprios e comuns a fim de instaurar a ordem política; maior controle nas fronteiras do continente e coerção sob as bases da cultura africana, a preservação dos interesses do governo e garantir a ordem da Nação africana. O pan-africanismo é caracterizado pela ideologia social que dá forma às condições de vida e do ambiente social. Segundo Nkrumah, o pan-africanismo afeta a filosofia de vida de modo que os homens possam viver juntos em seus valores de solidariedade, igualdade e emancipação. Para entender melhor o pan-africanismo nesse sentido, devemos analisá-lo na perspectiva de revolução.

Toda verdadeira revolução é um programa e deriva de um princípio novo, geral, positivo e orgânico. A primeira coisa necessária é aceitar o princípio. Então, sua aplicação deve ser limitada aos homens que acreditam nela, e livres de qualquer vínculo, de qualquer relacionamento, com qualquer princípio que se oponha a isso. (KWAME, 1964, p. 89).

A filosofia de ideologia oferece os princípios fundamentais para uma revolução da sociedade. Sem a revolução não haverá mudança na sociedade. Essa ideia se desenvolve na sua obra “*Towards Colonial Freedom*”. O conceito de ideologia como revolução é nada mais que um instrumento racional para pensar melhor a forma de governar os Estados africanos. É importante reiterar que o conceito de ideologia segundo Nkrumah é a designação na valorização das relações sociais e não no sentido do poder. Na época colonial, essa palavra se referia ao poder da dominação imperial e da consciência pela transformação histórica do povo mais civilizado. Para isso, a ideologia se apresentava como mecanismo do pensamento ocidental para hierarquizar as raças humanas, considerando o Ocidente como grupo humano superior e os outros inferiores. Além dos filósofos iluministas citados anteriormente no nosso trabalho, temos também o filósofo francês Joseph Arthur Gobineau que na sua obra “*Essai sur l'inégalité des races humaines*”¹⁶, mostra que as raças são desiguais, e elas funcionam

¹⁶A obra de Joseph Arthur Gobineau influenciou o antropólogo brasileiro, Raimundo Nina Rodrigues, ao escrever o livro *Os africanos no Brasil* no qual ele mostra que o brasileiro seria inferior porque ele é fruto da miscigenação derivada do negro, branco e indígena. A sociedade colonial classificou o negro

de maneira hierárquica de modo que as mais aptas chegam à reta final as que não se adaptam acabam desaparecendo. No caso da época colonial, a ideologia implicava a reafirmação da consciência universal em domínio da geopolítica. Só ela que podia investigar, interpretar e indagar. Nkrumah não entendia a ideologia dessa forma separadamente da consciência dos indivíduos.

Para Nkrumah, a ideologia é uma consciência política que tenta conciliar entre a teoria e a prática para uma boa governança. Essa visão veio sendo elaborada no confronto de ideias sobre o exercício do poder do colonialismo e do neocolonialismo. Nesse sentido, Nkrumah pensa que a ideologia deve ser baseada na filosofia da revolução socialista. Uma revolução sem violência, mas pacífica baseada na consciência política. Em virtude da sua gênese, o conceito permanece racional entre a teoria e o saber, atribuindo a ela a importância de interpretá-la na lógica das relações humanas. Por menor que seja, a ideologia não se define do que é, portanto ela por si mesma se traduz em termo do consciencismo. A ideologia deve se cristalizar a fim de convergir à mentalidade dos africanos. Ao analisar esse conceito, vamos perceber que a ideologia constitui um fator decisivo o que assegura a coesão social do povo. Em sua vez, ela é revolucionária assumindo um papel em que essa filosofia surge no contexto social. A filosofia de Nkrumah é uma ideologia da revolução que desperta a consciência dos indivíduos com objetivo de conduzir o povo ao desenvolvimento.

A dimensão de ideologia entendida como princípio inspirador da união africana, ajudou a reformar as leis adotadas pela Conferência Legislativa de Acra em janeiro de 1962. Esse projeto teve como objetivo definir as linhas principais da democracia para a execução de uma sociedade ideal em que as autoridades por meio da lei podem governar. Porém, na ausência da democracia, a sociedade se tornaria burocrática, isso pode correr o risco de uma arbitrariedade que conduzirá a uma sociedade patológica. Ao mesmo tempo, a situação pode se agravar e tomar rumo ao um regime autocrático. Nkrumah pensa que qualquer sociedade que vem sendo declarada democrática tem a legitimidade de constituir a sua história. Não se pode ler a história africana apenas sob a ótica da expansão europeia e colonial na África. Sem dúvida, a história africana foi interpretada numa lógica colonial e capitalista, muitas vezes, numa perspectiva

numa categoria inferior por causa da sua cor. Por este motivo, a miscigenação foi considerada por Joseph como um defeito ou degeneração. Raimundo Nina Rodrigues nasceu em Vargem Grande, Maranhão é médico brasileiro. Formou-se em Faculdade de Medicina de Salvador-Brasil e faleceu em 1906, na França, Paris. Raimundo Nina inspirou-se da teoria de Joseph Arthutr Gobineau.

distorcida em função dos interesses do imperialismo ocidental. Quando nós usamos a palavra imperialismo queremos fazer referência não somente à Europa, mas também aos Estados Unidos que tiveram um papel muito importante na derrubada de vários governos africanos por golpes de Estado após a independência. Podemos mencionar o caso da República Democrática do Congo, na qual o líder da Independência, Patrice Lumumba, ao recusar os privilégios solicitados pela colônia belga após a independência, teve aumentadas as sanções econômicas e, depois, a morte do primeiro Ministro Lumumba.

O resultado foi decidido em 14 de setembro, quando Mobutu, com o encorajamento ativo da CIA, a Agência Central de Inteligência dos Estados Unidos, e a conivência de funcionários da ONU, anunciou que estava assumindo o poder ele próprio. Ele, então, ordenou a expulsão de todo o pessoal soviético [...]. Em um telegrama de 6 de outubro, para oficiais belgas em Elizabeth ville, o ministro de assuntos africanos, o conde Harold d'Aspremont Lynden, que arquitetara a secessão de Katanga, resumiu as intenções belgas: O principal objetivo a se buscar, no interesse do Congo, de Katanga e da Bélgica, é claramente a eliminação definitiva de Lumumba. (MEREDITH, 2014, p. 578).

A filosofia de Nkrumah expressa os sentimentos de solidariedade e não de ódio, sua política de união aparece como condição necessária para superar as crises durante e após a independência africana. Nesse caso, dizemos que a filosofia de Nkrumah é o consciencismo, filosofia e ideologia. Para Sodré:

Ao se dizer que a consciência é um produto da ideologia, quer-se insistir no fato de que a dimensão ideológica procura constituir a consciência do indivíduo de tal maneira que se resolvam imaginariamente as diferenças, as perigosas indeterminações do sentido, que se evite a sedução - o desvio do caminho da verdade. O efeito de significação produzido pela ideologia contribui para formar a consciência dos agentes do processo produtivo, levando-os a reconhecer um centro, suposto lugar da verdade, e a desconhecer os descaminhos, os outros da ideologia. (SODRÉ, 1988, p. 68).

Sodré desqualifica o aspecto universal da cultura ocidental como sendo a única que pode subjugar as demais culturas por meio da sua ideologia dominante. O que existe dentro das culturas é a similitude, portanto, nesse processo de encontro realizado entre as duas culturas ocidental e negra caso da América Latina, durante o período da escravidão, a cultura ocidental acabou sendo seduzida pela cultura negra.

Pensar a ideologia como filosofia socialista, isto é, levar em consideração que a filosofia não se limita apenas no seu aspecto transcendental e abstrato, mas objetivo.

Durante a história da filosofia, talvez possamos perceber que os objetivos da filosofia moderna não correspondem necessariamente aos da filosofia Antiga. Na modernidade, a questão era mais centralizada no antropocentrismo e no humanismo para afirmar a existência humana, enquanto ser dotado de capacidade de transformação. O que se diferencia dessa filosofia moderna da Antiguidade é por seu caráter abstrato na antiguidade, enquanto na modernidade a afirmação da razão é de suma importância para discutir nas várias vertentes nesse último. Podemos perceber que a filosofia antiga tem como realidade própria em que ela se baseia na ideia de racionalidade humana. Ela buscava encontrar explicações para entender a sua própria natureza. Essa filosofia inspirou-se com um estilo de vida própria com sua prática na Grécia Antiga que teve como influência primordial na vida cotidiana do Ocidente. O que não podemos ignorar é que numa filosofia de ideologia, a sociedade como tal, tem um estatuto dinâmico, para que ela evolua é preciso que haja uma atualização contínua no espaço e no tempo. Por essa razão, a sociedade muda o seu modo de ser. Do mesmo modo, com sua ideologia não permanece abstrata, mas sim, seus princípios acompanham os sinais do tempo. A passagem de uma filosofia abstrata para a prática é uma marca do período de renascença na Europa na qual o ser humano começou a reclamar seus direitos à liberdade individual e à existência humana. Com isso, havia os requisitos desde já antiguidade na obra de Nkrumah “consciencismo” citado por Tales de Mileto que será um dos primeiros filósofos a explicar a natureza das coisas. Acreditava-se que “a unidade da natureza não se baseava na sua essência, mas na sua materialidade” (KWAME, 1964, p. 53). Uma sociedade sem revolução é uma sociedade sem ideologia. Assim como a Filosofia Marxista insistia que a força material é determinante para fundamentar a ideologia de uma sociedade, a ideologia também é necessária para fortalecer as bases da ordem social. De acordo com Nkrumah.

O próprio Tales era burguês em sua vida política. Anaximandro sentiu a necessidade de um princípio social ativo que iluminasse e sancionasse a estrutura social. Ele chamou o princípio da justiça; em seu sistema, este princípio regulado e organização social, e a geração metafísica das coisas (KWAME, 1964, p. 60).

Essa filosofia de caráter metafísico começou a se transformar do abstrato para o social com o declínio do mundo religioso que perdeu sua hegemonia no Ocidente. Se antes, essa filosofia era constituída pela luz da fé como base para o conhecimento do mundo, dessa vez essa filosofia dará mais um passo, da transformação do abstrato para

o materialismo. Então, o mundo atual não será mais o resultado apenas da fé, mas da matéria. A partir disso, a filosofia entendida em termo de ideologia baseada em princípio do materialismo, se tornará um instrumento de justiça social. Por sua vez, a filosofia materialista tem a responsabilidade com os princípios da sociedade. Nkrumah afirma que “Heráclito concebeu a sociedade como um dinamismo, no qual, a partir da luta dos opostos, a evolução surgiu, tanto na natureza quanto na sociedade” (KWAME, 1964, p. 62). Essa sociedade é chamada revolucionária em vista do igualitarismo. Para Nkrumah, a sociedade revolucionária deve ser fundamentada nos princípios de igualdade que não excluem as diferenças na sua diversidade, ao contrário enriqueçam as diversidades entre os homens em vista de uma unidade. Numa sociedade como a nossa, africana, mesmo com igualitarismo que reconhece as suas diferenciações, mas sempre estabelece os limites no plano funcional. Veremos isso com afirmação de Heráclito citada por Nkrumah, “No nível social, isso significa que a sociedade é indispensável à evolução e ao progresso social. A evolução através da revolução é de Heráclito, o obstáculo do progresso.” (KWAME, 1964, p. 62). O termo obstáculo é entendido no sentido do desafio que precisa ser negociado. Dessa forma, a ideologia passa a ser o resultado do contrato social. Parece-me que é fácil analisar a relação entre ideologia e contrato social, mas a realidade nos mostra que não é tão fácil como imaginamos para conciliar os dois elementos. Um pode se contradizer ao outro pelo simples fato que um possa predominar sobre o outro, uma vez que os dois estejam estabelecidos dentro da estrutura social.

O contrato social é o instrumento de uma ideologia dominante na qual os homens são obrigados a comunicar-se com o povo via uma língua comum. Os filósofos contratualistas discordam dessa visão, cada um deles traz uma concepção diferenciada. Eles partem de uma hipótese da existência de um Estado de natureza para explicar a importância de uma formação da sociedade Civil e do Estado. No entanto, em Hobbes (2005, p. 13) “a existência do homem no estado de natureza é perversa, egoísta, e de disputa de poder. A natureza do homem está baseada nas paixões e nas inclinações naturais e não pela razão”. Por esse motivo, Hobbes propõe que haja a necessidade de um contrato social baseado em um regime absolutista representado pelo Leviatã que terá como papel de manter a ordem civil. Diferente de Locke, que pensa que o homem no estado de natureza nem é bom ou mal, mas o que importa é a necessidade de uma formação de Estado em proteger os direitos inalienáveis do homem que são a vida,

liberdade e a propriedade. A postura de Nkrumah em relação ao contrato social segue o pensamento de Rousseau e não de Hobbes e Locke. De acordo com Nkrumah, Hobbes defende um regime absolutista em vista dos interesses do Estado e não pelo social, Locke é um defensor da burguesia que deu a origem a ascensão do capitalismo e neoliberalismo cujos temas foram criticados pelo consciencismo. A postura de Nkrumah em relação ao Contrato Social não visa garantir os bens individuais como na política de Locke e Hobbes. Nkrumah não é um filósofo do Contrato Social, mas ele estabelece algumas divergências na sua filosofia em relação à questão do contrato social fundamentado pelo direito coletivo e comum dos indivíduos.

Ele trata a questão da linguagem e língua no consciencismo. A língua é entendida como sistema linguístico que compõe o som e gestos. Essa deve ser utilizada numa comunidade do povo que tem em conjunto um consenso comum, portanto já a linguagem é diferente da língua por seu caráter de produção, de articulação e compreensão para desenvolver um trabalho específico. No entanto, a língua muitas vezes foi imposta na nossa história pelas autoridades coloniais com finalidade de atingir os objetivos determinados da classe dominante. Com isso, privatizamos as nossas línguas locais para dar espaço às línguas do colonizador. Nesse caso, os cidadãos colonizadores e colonizados passaram a viver numa situação incompatível em relação às diversidades culturais e línguas. Onde não existe uma boa comunicação gera a violência. Os dois povos, africano e europeu não poderiam exatamente se comunicar melhor porque faltou a sensibilidade e humildade humana. Por esse motivo, a língua sendo um fator social não poderá ser imposta a uma determinada nação, mas o que supunhamos estabelecer nessas sociedades é a valorização das diversidades. O contrato social na sua dimensão da legitimidade deve definir o modelo da linguagem social de um povo e não impor uma língua hegemônica. Podemos observar o fato, que os países da língua portuguesa acabaram proibindo suas colônias em falar outras línguas a não ser o português. As colônias belgas na República Democrática do Congo, na época chamada de Zaire interditaram o povo a cultuar seus deuses representados pelas esculturas, eles consideravam essas estátuas como maiores manifestações diabólicas. Portanto, a proibição dessas implica uma relação contraditória com pacto colonial, mas também incompatível com a vida social do povo. Como consequência o resultado foi a reprodução da violência contínua contra a humanidade negra. A linguagem na

perspectiva africana cumpre seus princípios de valores e devem ser respeitados e não violados.

Graças a Nkrumah houve uma emergência de pensar num projeto de mobilização e participação com líderes tais como John Kenyata e Georges Padmore trataram a questão da independência dos países africanos e da sua unificação. Por mérito de Nkrumah aconteceu o 6º Congresso pan-africano à Koumassi em 1953 em Gana. Essa data marca também o retorno do pan-africanismo na terra africana e início de uma luta complexa e permanente pelo desenvolvimento socioeconômico e cultural do continente africano. Esse processo é muitas vezes lento, doloroso e frustrante. Seu dinamismo recebe muita influência de uma política exterior que interfere até nas esferas dos governos locais. Por este motivo surgem às consequenciais na liderança dos governos africanos, o massacre, as ameaças de mortes, suicídio e guerras fratricídios. A filosofia nesse aspecto lança suas propostas críticas a respeito do regime governamental pressupondo um processo razoável e democrático pela luta da independência na África.

No entanto, o início da era da independência inspirou uma nova esperança e um novo propósito que faziam esses obstáculos parecerem menos assustadores. Com o desaparecimento da velha ordem colonial, a África revitalizou-se com uma série de projetos de desenvolvimento. Encorajados por uma influente escola de economistas ocidentais, os governos africanos favoreceram a industrialização como caminho para o sucesso econômico. (MEREDITH, 2007, p. 597).

Qualquer independência concedida num país, se não for conquistada por um processo democrático, participativo e direto, ou seja, vier a ser concedida, essa independência será sempre uma utopia. De acordo com Achille Mbembe (2014) são três coisas que podem atrasar o avanço da democracia num país.

Em primeiro lugar, certa economia política. Em seguida, certo imaginário do poder, da cultura e da vida. E, por fim, estruturas sociais cujo traço proeminente é a conservação da sua forma aparente e das suas antigas máscaras, transformando-as profunda e incessantemente”. (MBEMBE, 2014, p. 53)

Qualquer independência reconhecida pelos países colonizados não necessariamente garante a liberdade dos seus cidadãos. Portanto, se não tivesse consciência do seu processo democrático, isso pode causar uma grande interferência no que diz respeito aos direitos dos cidadãos. Por esse motivo, é preciso ter um plano estratégico do governo local. Para África alcançar a sua expansão social e econômica

deve se unir e formar um governo de união. A união africana é, antes de tudo, a forma de um governo soberano dirigido pelos próprios africanos e deve ser legitimada sobre a ordem política.

A união africana ajudará a lutar contra a política do investimento das armas contra o neocolonialismo na África. É o caso da África do Sul, um país independente, mesmo com a libertação de Nelson Mandela da prisão em 1990, os negros sul-africanos esperavam mais quatro anos a autorização concedida pela colônia Inglesa os direitos de voto, isso aconteceu apenas em 1994. Apesar dos avanços que o país tem feito nos últimos anos, a população negra da África do Sul ainda continua a ser a maioria pobre, a minoria branca detém o poder econômico. A África do Sul pode ser o exemplo de um país que teve um regime do apartheid, portanto, registra-se atualmente com um número significativo dos negros e negras membros integrantes na política nacional contribuindo para as tomadas de decisões. Algo que é bem diferente ainda no Brasil contando que a maioria da população negra que ainda continua sendo excluída dos cargos importantes na política. Do mesmo modo, o Egito sofreu várias sanções econômicas no governo de Nasser pela colônia francesa, mas ele transformou o país em potência regional, desenvolvendo alto nível da indústria e comércio. Aceitou a relação comercial e a política com outros povos da África em vista da unidade africana. Enfim, decidiu refutar a ajuda exterior a fim de não se alinhar na política externa que, naquela época, envolvia-se com a guerra dos dois blocos, oeste e Leste, ou seja, entre o capitalismo e comunismo. Finalmente,

Em 26 de julho de 1956, dirigindo-se a uma multidão na principal praça de Alexandria, em um comício para marcar o quarto aniversário da abdicação de Faruk, Nasser anunciou a nacionalização da Companhia do Canal de Suez, uma empresa egípcia de propriedade de acionistas britânicos e franceses com uma concessão que ainda tinha mais de treze anos de contrato em vigor. Hoje, em nome do povo, estou assumindo a empresa, declarou Nasser. Esta noite, o nosso canal egípcio será gerido por egípcios”. (MEREDITH, 214, p.549).

Devido à sua política comercial e econômica de instalar o canal de Suez o país se tornou independente. Porém, Nasser não teve muito sucesso por ter dificultando a infiltração da colônia francesa e outras em investir no Egito. Ele acabou sendo derrotado. Para Nkrumah, a verdadeira independência para os países africanos deve passar pela consciência de libertar todas as cidades africanas sob o domínio colonial a fim de formar uma união africana. Para Achille Mbembe, “a nossa independência foi

desprovida de liberdade, a liberdade constantemente protelada, a autonomia no seio da tirania, era essa a marca própria” (MBEMBE, 2014, p. 33).

Para África conseguir sua expansão social e econômica deve formar um governo soberano comandado pelos próprios africanos e que esse governo seja legitimado pela sua própria ordem política. O processo da independência na África foi lento, porque “as potências coloniais não viam necessidade de um progresso mais rápido. Esperava-se que o domínio colonial durasse séculos” (MEREDITH, 2014, p.499). O pan-africanismo, nesse contexto, pela luta da independência africana tornou-se um assunto principal no *V Congresso Pan-africano em Londres*. Nkrumah reforça sua ideologia nacional ao encontrar com Du Bois e Padmore em Londres que juntos compuseram a equipe para organizar o *V Congresso Pan-africano*. Nkrumah mostra que esse congresso foi de suma importância, porque os quatro congressos anteriores reuniram apenas estudantes, mas esse teve uma participação maior definindo pela primeira vez na história da humanidade. O tema da independência e da emancipação do Continente Africano. Nesse Congresso, se deu um bom resultado como afirma Nkrumah:

Pela primeira vez insistia-se na necessidade da existência de movimentos bem organizados e firmemente unidos, como condição do sucesso da luta pela libertação nacional em África. Este Congresso reuniu mais de 200 delegados do mundo inteiro. George Padmore e eu próprio fomos secretários da comissão de organização que traçou o plano do Congresso e ficamos bastante satisfeitos com os resultados do nosso trabalho (KWAME, 1975, p. 153).

A figura de Nkrumah no evento marcou a memória histórica e filosófica no contexto da pós-modernidade. Por ser o secretário do *V Congresso Africano de Londres*, Nkrumah defendeu o pan-africanismo na óptica da ideologia filosófica para despertar a consciência dos indivíduos visando que votassem em favor de independência formal na África.

2.4. O pan-africanismo na ótica de ideologia

Uma ideologia é a base de reforço da capacidade crítica do homem em face de seu destino. Cada homem deve tomar consciência de sua conjuntura social e construir os princípios por meio de crítica analítica e objetiva para superar os problemas que a

sociedade africana enfrenta. Nkrumah acredita que o ponto de partida de toda a filosofia é o questionamento, sobretudo, o que pode ser visto como ideal ou não. Mas seja qual for a realidade social é a mais pertinente que nenhum de nós pode deixar de se questionar. Não podemos fechar os olhos enquanto vivenciamos a dor no mundo que é causa das injustiças sociais e políticas. Nkrumah é aquela figura que se preocupa com a vida e não com teorias vazias. Sua filosofia tem força de pensar, de resistir e lutar contra todos os males do mundo. Por ser um presidente de um país independente, ele não se interessa em realizar alianças governamentais com objetivo de se enriquecer, mas sua política é uma problematização para união da África que necessitava o espírito de iniciativa comum. Por este motivo, Nkrumah passa a ser reconhecido como o maior pan-africanista entre outros pensadores do nacionalismo africano como Gamal Abdel Nasser do Egito, Mohamed V do Marrocos, Haile Sellasie da Etiópia, Jomo Kenyatta do Quênia, Julius Nyerere da Tanzânia e Sekou Toure Guiné Conacri e Sankara Burkina Faso, Patrice Lumumba da República Democrática do Congo e enfim Amílcar Cabral de Cabo Verde. Suas ideologias exaltam as formas de união estabelecida pelo *V Congresso* e elas intensificam a necessidade de falar do pan-africanismo como teoria objetiva e materialista.

Quando nós falamos de “ideologia”, não estamos afirmando a sua existência como teoria idealista, mas ela serve como mecanismo de conscientizar os africanos diante da crise econômica e da tomada de consciência em vista de reivindicar seus direitos. De acordo com Nkrumah, a ideologia é o veículo da filosofia que fortalece a ideia do pan-africanismo. Ela não é necessariamente escrita no papel, mas permanece na nossa memória. Ela deve ser lembrada em cada momento na nossa vida e consultada sempre antes de agir de maneira efetiva. Às vezes, essa ideologia aparece inconscientemente nas nossas ações, que talvez não tenhamos consciência plenamente nela: “Se tal ideologia não é escrita em preto e branco, isso não impede que ela seja uma. O importante não é o papel, é o pensamento” (KWAME, 1996, p. 93).

A ideologia tem sentido se pudéssemos falar da sua contribuição para a sociedade. Pode trazer uma ordem específica uma vez que coloque em prática as teorias da política, social e moral. Para Nkrumah, a ideologia tem sentido se ela se manifesta sobre uma teoria moral prática. A prática sócio-política não pode ser compreendida sem ausência de ideologia socialista. Nkrumah não defende uma ideologia totalitária. Por que essa engloba e domina a vida dos indivíduos dentro de uma sociedade. A ideologia

tem um controle sobre os indivíduos na sua diversa categoria, classes, política, social e religiosa. O que tem que ser analisado, é a própria ideologia que deve ser entendida como instrumento de integração e não de dominação tendo como base a história, a literatura e a arte que poderão servir para unificar os povos. A relação que existe entre a arte e a vida é inseparável. Podemos notar na obra de Nkrumah quando afirma “Eu disse que a arte era um dos instrumentos sutis da ideologia.”(KWAME, 1964, p. 101). Nkrumah critica a maneira de conceber a arte na sociedade europeia que essa foi beneficiada pelos interesses da burguesia e não dos pobres. A arte bucólica e clássica foi inspirada pela ideia de um panteão onde os pastores cantavam sem cessar até o fim. Portanto, a arte não tem como finalidade responder a essa demanda da classe dominante. A arte africana expressa a força e cria tensão que gira ao redor do mundo buscando, nas suas contradições, as alternativas para união de todos. Por consequência, o pan-africanismo no contexto africano é visto como uma ideologia de coesão social que vem se posicionando diante as intervenções de vida dos africanos.

Cada sociedade trabalha com princípios filosóficos e objetivos para poder constituir um projeto sociocultural para responder as demandas dos seus cidadãos. No caso do Continente africano, é bom ressaltar que após a independência precisava uma ideologia de união, o socialismo ou da negritude para viabilizar os processos democráticos para o fortalecimento dos Estados independentes da África. Aliás, pode-se afirmar que uma sociedade de ideologia da união é um sobrevivente em detrimento dos valores do neocolonialismo. Como diria Nkrumah, “a unidade e identidade fundamental da natureza sugere a unidade e a identidade fundamental dos homens vivos em sociedade (KWAME, 1964, p. 116). Certamente os indivíduos dentro numa sociedade qualquer com tendência idealista ou materialismo, o homem busca sua realização plena. Cada sociedade tem sua esfera idealista e materialista na qual os homens com suas diferenças e inspirações são chamados a conviver uns com os outros. Na vida prática, as duas vertentes não necessariamente funcionam de modo harmonioso. Há sempre luta e concorrência de opinião e ideias querendo uma prevalecer sobre a outra. É nessa perspectiva que Nkrumah afirma.

a interação entre a modificação das condições sociais, por um lado, e o conteúdo da consciência dos povos, por outro lado, não é unilateral: as condições podem ser modificadas por uma revolução, e as revoluções são o fato dos homens, dos homens que pensam nos homens de ação e agem como homens de pensamento. É verdade que a história faz os revolucionários, mas

longe de ser a bola ao vento da história, eles têm uma sólida base ideológica. (KWAME, 1964, pp. 57-58).

O nkrumahismo constitui uma força de ideologia que guia as nossas ações em que o indivíduo se encontra no seu mundo como um ser consciente da sua realidade. Com isso, cada o indivíduo que queira alcançar tanto seus objetivos pretendidos como ações planejadas deve se basear sobre três elementos, a política, o social e a moral. São os elementos libertadores da consciência alienada do indivíduo, resultado do regime neocolonial. Por este motivo, Nkrumah insistia na necessidade de uma revolução que se opõe a uma ordem dominante que hoje se deteriora pela nova ordem estabelecida pelos princípios de união. Assim como os marxistas acreditavam na força de determinante da matéria para estudar as leis da natureza e a sua evolução, Nkrumah valoriza a ideologia além da matéria como teoria e a base do verdadeiro conhecimento da realidade social. A ideologia de uma sociedade deve funcionar de maneira positiva e não violenta, seu carácter tem que preconizar a criatividade para garantir a imparcialidade objetiva como valor do igualitarismo africano.

A sociedade é uma invenção do ser humano, criamos a nossa sociedade e estabelecemos os princípios que acabam se tornando naturais como se fosse algo inerente à natureza humana. As leis sociais são concebidas de acordo com os interesses da classe dominante. Jamais podemos afirmar uma igualdade diante da lei, porque na esfera social cada ser humano ocupa uma posição diferenciada de acordo com o que ganha ou desempenha ou ainda produz em sociedade. Por este motivo, não ganhamos o salários iguais, não temos a mesma renda de produção e, nem ao menos, temos o mesmo empenho em tudo que realizamos. As leis, mesmo assegurando certa igualdade na liberdade de expressão ou em nível da nossa natureza humana, continuam sendo limitadas e não garantem a todos os seus direitos. As nossas produções intelectuais têm um grande impacto com a situação social em que vivemos. A existência de uma sociedade inconsciente leva os indivíduos a viverem numa instabilidade econômica. Enquanto a sociedade humana não tiver a consciência de se transformar, sua potencialidade para a produção não atingirá a consciência progressista. Uma sociedade evoluída nada mais que é uma sociedade equilibrada na luta contra as contradições para estabelecer a dialética entre a teoria e prática.

Nkrumah reconhece que sua filosofia social teve como fonte de inspiração na teoria social do pan-africanismo, evidentemente essa teoria deu origem a outras teorias

que não podemos deixar de mencionar neste texto. A negritude, que é um movimento literário, político e filosófico contribuiu para a independência e emancipação do continente africano.

2.5. A negritude: Movimento Literário e Filosófico

Era necessário para fortalecer a metafísica da negritude de Senghor, Léon Damas e Aimé Césaire e outros líderes nacionalistas africanos tais como: Selassie, Almicar, Patrice Lumumba e Nyerere para garantir a segurança nacional em direção do socialismo africano. A negritude é um conceito dinâmico, pode ser interpretado de ponto de vista político, ideológico e cultural. Do ponto de vista política, a negritude constitui uma resistência face ao colonialismo e ao Imperialismo ocidental, do ponto de vista ideológico, trata-se de um processo de conscientização. Já no plano cultural é a valorização de toda manifestação cultural, de modo especial da matriz africana. A negritude se define como o despertar da tomada de consciência do negro diante da postura da colonização. Provavelmente o conceito surgiu nos EUA depois passou pelas Antilhas, da Europa especialmente na França onde se criou de modo sistemático. No contexto americano podemos mencionar o Dr. Du Bois (1868-1963), que foi o primeiro a discursar sobre o orgulho racial e a valorização das raízes africanas. Na sua obra “*Almas da Gente Negra*”, no contexto da América racista, Du Bois se definia como “sangue do sangue e carne da carne daqueles que vivem dentro do Véu, ressoa o testemunho do papel fundamental, basilar, do negro na formação histórica e na identidade nacional de seus respectivos países” (DU BOIS, 1999, p. 15). Esse argumento tem suscitado muito interesse nos estudantes negros a tomar consciência da sua situação social enquanto sujeitos negros. Essa ideia veio reforçar a consciência dos negros a acreditarem que ninguém é superior ao outro. Por este motivo, Du Bois será também conhecido como o pai da consciência Negra e precursor do movimento da negritude. Em 1920, surgiu, ainda nos EUA, um movimento literário e artístico, chamado de “*New Negro* ou *Negro renascimento*” cujo objetivo visava a desconstruir o estereótipo e preconceitos raciais contra os negros. Enfim, os três personagens que marcaram a história do movimento da negritude são Léon Gontran Damas, Aimé Césaire e Léopold Sédar Senghor. Léon Gontran Damas (1912-1977) nascido em Guyane, de uma família burguesa, pai branco e a mãe negra. Sua infância foi difícil.

Sofreu de asma desde o nascimento aos 6 anos e ficou mudo até 7 anos. Damas tomou a decisão de se distanciar de seus pais, que lhe proporcionavam uma educação dura e severa de tendência ocidental. Sua poesia tratava da realidade do negro, da angústia do colonizado, da privação de uma verdadeira pátria, do sofrimento no exílio e da raiva contra o branco. Ele afirmava que os negros foram muito passivos face aos brancos que lhes maltratavam, razão pela qual, sua poesia era marcada com tom de revolta. Aimé Césaire nascido em Martinica, dia 25 de junho de 1913, mestre em Letras, Césaire foi ao mesmo tempo escritor e homem político. Companheiro de Léopold Sédar Senghor e Damas. Desempenhou um papel muito importante no movimento da negritude. Sua poesia é de compreensão extremamente difícil, não era tão popular como a de Damas, mas sua poesia apresentava-se em forma de drama. Léopold Sédar Senghor nascido em Joal e falecido na França, dia 20 de dezembro de 2001. Senghor foi o primeiro negro africano a ser formado no Império colonial francês em 1939, o primeiro a ser eleito deputado na França. Desempenhou o papel no ensino como primeiro professor africano na França, administrou as aulas de francês aos filhos dos brancos. Foi membro da academia francesa de 1981 até a morte. Senghor viveu sua negritude sem rejeitar os valores europeus. Na Revista “*Présence Africaine. Nouvelle Série bimestrielle*” redigido pelo escritor Alioune (Diop, 1947, n.23), Senghor interpreta seu poema de maneira dicotômica entre valores ocidentais e africanos. Identifica o ser africano a um aspecto emocional enquanto o branco à razão com a seguinte frase “A emoção é negra como a razão é helena (Diop, 1956, p.52). O negro seria certo homem da natureza, ele tem um domínio da terra e do cosmos. Sua compreensão como um ser racional é longe da visão do mundo intelectual. Com isso, Sartre citado por Alfredo afirma “do utensílio, o branco sabe tudo. Mas o utensílio arranha a superfície das coisas, ignora a duração, a vida. A negritude, pelo contrário, é uma compreensão por simpatia”. (MARGARIDO, 1964, p. 33). Portanto, podemos perguntar: Que tipo de razão Senghor afirma seu parecer? É a razão discursiva ou analítica?

A leitura crítica feita para Senghor mostra que muitos autores ainda não compreenderam a mensagem que Senghor queria passar na sua poesia, mal interpretada ao considerar literalmente o negro no seu aspecto limitado à emoção. Senghor constituiu o conceito de negritude como um projeto universal no qual o negro e branco poderão viver juntos colocando os valores positivos uns aos outros em favor da humanidade. Senghor rejeita todo tipo de segregação cultural e racial e tenta reconciliar as duas raças

negra e branca. Quanto ao aspecto emocional, sua característica dá impressão que o negro é pura emoção, Senghor vê que a alma é sinônimo da emoção negra, ou seja, a emoção é vida que se encarna em todas as espécies humanas. Essa alma se relaciona tanto no mundo visível e como no mundo invisível. Ela é realmente a verdadeira expressão do intelecto africano. A negritude é, para Senghor, um projeto de reconciliação das categorias raciais. Porém, após a independência de Senegal da qual foi o líder, Senghor percebeu que seu país não precisava tanto do discurso de raça ou da negritude, pois também era necessário abordar nesse contexto o problema econômico. Nesse período, a pequena burguesia europeia detinha o poder em território nacional enquanto a população nativa vivia na pobreza.

Quanto a Césaire, na obra “*Cahier d’un retour au pays natal*” (1939) questiona a postura da Europa incapaz de resolver as questões de violência racial que atingiam especialmente os negros como vítimas de holocausto no continente. Critica a revolução Francesa que, ao mesmo tempo, que valorizava a igualdade dos povos, a liberdade e a fraternidade, mas foi a favor da escravidão negra na Europa. A ideia que se manifesta no seu poema célebre:

Os não inventaram nem a pólvora nem a bússola – Os que nunca souberam domar o vapor nem a eletricidade- Os que nunca exploraram nem os mares nem o céu, mas conhecem nos seus menores recantos o país do sofrimento, os que se tornaram flexíveis nos ajoelamentos os que foram domesticados e cristianizados os que foram inoculados de abastamento tantãs de mãos vazias tantãs inanes de chagas sonoras tantãs burlescos de traição tábila (...). Mas que estranho orgulho de repente me ilumina. (CESAIRE, 2012, p. 61).

Para Césaire, a negritude é o simples reconhecimento pelo fato de ser negro, de aceitar seu destino, a nossa história e a nossa cultura. A negritude seria neste sentido uma memória coletiva e solidária para preservar os valores dos negros e lutar contra o colonialismo. Pois, para Senghor (1992), na obra “*Negritude e Humanismo*”, a negritude é um patrimônio cultural e, sobretudo, no espírito da civilização negro-africana. A diferença é que Senghor reafirma a sua negritude pela luta de igualdade na África, e Césaire pelo reconhecimento do negro como ser de potencialidade. Aqui podemos mencionar o autor crítico à negritude. Achille Mbembe (2014) estabelece a relação entre Democracia e poética da raça, na sua obra “*Crítica da razão Negra*” mostra que a negritude da era *pós-Césaire* contribuiu para uma resistência contra o regime escravocrata a partir das tradições políticas, culturais, religiosas e artísticas dos

negros tanto na diáspora, como também na África. É verdade que essas manifestações vêm representando a filosofia prática, ou seja, uma filosofia política em vista de construir e desconstruir as ideologias de desumanização e de morte que ainda atinge a maioria os afro-americanos e africanos. Elas reforçam também a ideia de que a negritude era valorizada e expressada em forma da arte africana contemporânea, mas esse processo tem que ir além, isto é, transcender o real, a África deve tornar-se seu próprio centro do conhecimento, seja na cultura, na estética ou na política. Nesse sentido, toda a manifestação filosófica representada nas suas diversas manifestações real ou escrita deve facilitar a luta contra todo tipo de dominação colonial. Na obra “*Crítica da Razão Negra*”, Mbembe mostra o papel da arte na valorização da negritude. Para ele:

A obra de arte nunca teve por função principal simplesmente representar, ilustrar ou narrar a realidade. Sempre esteve na sua turvar e mimetizar tudo, as formas e as aparências originais. Enquanto forma figurativa, é um facto que mantém relações de semelhança com o original. Mas, ao mesmo tempo, duplica constantemente o próprio original, na sua deformação, afastamento e, sobretudo, na sua conjuração. De facto na maior parte das tradições estéticas negras, só havia obras de arte com um ato prévio de conjuração, descobrindo-se a função óptica, a função tátil e o mundo das sensações reunidos num mesmo movimento de revelação do duplo mundo. Assim, o tempo de uma obra seria a encenação da vida quotidiana liberta de regras convencionais, sem entraves nem culpa (MBEMBE, 2014, p. 290).

A leitura de Mbembe vem desconstruir os estereótipos que determinavam todo tipo de arte africana como se fosse uma obra de um continente depravado de moral. Para Nkrumah, o conceito de negritude vem causando os obstáculos para a unificação da África. Enquanto Senghor queria constituir um projeto universal da cultura negra, acolhendo tanto os brancos como os negros, já o materialismo de Nkrumah valoriza apenas a união dos povos africanos em vista do desenvolvimento da África. Senghor discorda da ideia de Nkrumah, ele pensa que deveríamos iniciar com a unificação regional e não dos Estados. É preciso ilustrar que Senghor não estava contrapondo Nkrumah em formar a união Federal africana, mas o que ele quis propor foi um método que tivesse sucesso para o resto do continente. A sua preocupação era com a independência e descolonização da África. Ele afirma:

A verdadeira independência é do espírito. Um povo não é realmente independente quando, adquirida a independência *nominal*, seus dirigentes importam, sem modificação, instituições- políticas, econômicas, sociais, culturais- que são, em outros lugares, os frutos naturais da geografia, da história, da raça. (SENGHOR, 1965, p. 1).

Senghor, consciente do surgimento do socialismo dentro da perspectiva do marxismo-lenismo, preferiu reler o socialismo de Marx como havia feito Nkrumah a fim de estudar as estruturas da sociedade africana. Evidentemente o marxismo influenciou tanto a sociedade africana após a segunda guerra mundial de modo especial dentro da perspectiva da divisão entre os dois blocos o capitalismo e o comunismo. Um primeiro grupo sustentava que o futuro da humanidade seria viável enquanto houvesse um regime capitalista que pudesse diminuir as desigualdades no mundo e acabar com a pobreza, o segundo grupo acreditava que o comunismo seria a salvação para os povos que não tiveram os privilégios das classes dominantes e burguesas. Para Marx e Engels, o fim último do comunismo é a liberdade dos indivíduos. Essa liberdade seria a condição plena para o desenvolvimento humano. Nesse contexto da independência africana, o comunismo teve mais influência do que o capitalismo, as bases do comunismo ajudaram muitos países a se posicionarem contra a dominação colonial. Nessa mesma perspectiva, o Continente africano buscava os mecanismos de defesa dentro do regime comunista para o desenvolvimento. Porém, nenhum dos países africanos reconheceu este regime como parte componente dos regimes governamentais, houve apenas uma participação na área da tomada de decisão e nas políticas exteriores.

A Filosofia de Nkrumah é a marca dessa linha, porém há uma diferenciação na sua abordagem enquanto corrente de ideologia. Nkrumah, como tantos outros líderes que se inspiraram no socialismo de Marx não se fez comunista, mas socialista de maneira humanista e nacionalista. São regimes que lutavam contra a invasão do capitalismo na África, restaurando a unidade e democracia participativa. Muitos desses intelectuais africanos e da diáspora tiveram um papel preponderante na construção de identidade africana que, muitas vezes, era distorcida durante a colonização. Senghor é um deles que pensava numa sociedade humanista justa e igualitária.

2. 6. O Socialismo de Senghor, Nyerere e Nkrumah

Para Senghor, o socialismo é uma continuidade da negritude, mas não em termo de raça e identidade, mas do humanismo. A partir da leitura de Marx, Senghor analisou o funcionamento das estruturas da sociedade senegalesa. Porém, sua formação desde a

infância foi marcada pelas raízes cristãs católicas. E não ficou tão motivado pela teoria de Karl Marx. Senghor afirma:

Eu me joguei com uma paixão que queria lúcida, em um novo estudo sobre Marx e Engels. Mais do que isso, o escândalo da burguesia católica me fez perder a fé por anos. O catolicismo, pelo menos como foi vivido na França, não podia concordar com o negro-africano que eu era: humilhado do que alienado (SENGHOR, 1993, p. 9).

Para Senghor, o socialismo não é nem religioso, nem dogmático, mas é uma teoria social que busca o desenvolvimento do homem não somente em nível material, mas pelo espírito. Não nega os outros valores que compõem o socialismo, portanto o homem que tem o valor fundamental e universal. Aqui é a questão de discutir sobre o resultado que o capitalismo deu no contexto africano. Neste contexto, o socialismo de Senghor inspirou-se da teoria de Pierre Teilhard de Chardin reedificando o socialismo de Marx sobre a existência de Deus. Teilhard de Chardin foi um padre Jesuíta francês filósofo, teólogo e paleontológico. Sua pesquisa filosófica buscava conciliar a fé e a ciência no mundo da matéria e sagrado. Para Teilhard de Chardin, os africanos são aqueles que realmente entenderam o verdadeiro Cristianismo. Os valores do Cristianismo se conformaram com a cultura africana no que diz respeito à solidariedade, a ancestralidade e as tradições. Esses valores superaram o individualismo e o acúmulo da propriedade privada na sociedade ocidental. Por esse motivo, o socialismo de Senghor se torna humanista e espiritualista. Assim como Nkrumah fala do socialismo em termo de ideologia, Senghor disse que o socialismo africano é uma ideologia política enraizada na realidade própria dos africanos. Isso é “a síntese que Senghor fez de Marx e de Teilhard deste socialismo senegalês que nasce e atinge um lugar eminente com a religião e a cooperação fraterna entre homens (NDAW, 1998, p. 266).

No primeiro capítulo, mostramos que o materialismo de Nkrumah superava o marxismo pelo fato de que Nkrumah afirmava a existência absoluta e independente da matéria em detrimento do ateísmo. Tanto Senghor como Nkrumah não discutem a questão do ateísmo em Marx, os dois pensam que a questão da religião e o dogma levantados por Marx são assuntos importantes, mas não correspondem à realidade africana, qualquer africano que seja religioso, ou não desde a sua existência faz um rito de iniciação pela sua cultura. Com isso, ele passa acreditar em Deus ou aos antepassados. A crença é imprescindível aos africanos. Falar do ateísmo no contexto africano não teria sentido. Portanto, a preocupação principal do socialismo africano é

refletir não sobre a religião, mas sobre as desigualdades entre os países pobres e ricos. Dessa forma, Senghor funda seu socialismo no humanismo da negritude.

O objetivo principal do humanismo é o desenvolvimento do homem e sua liberdade. Senghor argumenta que o progresso para o desenvolvimento do homem africano é a sua aceitação em participar na integração com os outros povos para construir juntos o que ele chama de universalismo cultural. Porém, esse argumento que Senghor apresenta é contrário à ideologia do consciencismo.

Analisando os dois casos de socialismo de Nkrumah sobre a unidade da África e de Senghor sobre o humanismo da negritude, percebemos que Senghor insiste num projeto de união não somente com os africanos, mas também com os países colonizados. Nkrumah desqualifica a existência de um socialismo africano vinculado à história das potências europeias. Para Senghor, o socialismo africano deve se abrir a outros horizontes para poder construir o seu próprio sistema. A proposta de Senghor sobre o socialismo africano dialoga com os valores tais como do liberalismo e capitalismo. Nkrumah irá discordar dessa visão, uma vez que apoia a existência da matemática como prova para argumentar o seu socialismo afirmando que devemos: “Passar o domínio da verdade da revelação mística para a demonstração matemática e pública” (Kwame, 2009, p. 69). Existe, para o socialismo de Nkrumah, uma luta de classes em teoria, um conflito social, implícito ou explícito, no pensamento dos filósofos que precisa solucionar as suas divergências e convergências. Para Nkrumah, o socialismo africano nasce a partir do encontro entre o regime tradicional comunalista e a irrupção violenta da modernidade. A partir dessas duas vertentes, deu-se a entender que podemos chamar de dialética histórica. Por esse motivo, Nkrumah não aprova a existência do socialismo africano em parceria com os valores ocidentais como havíamos defendido em Senghor. Para ele, os africanos devem voltar a valorizar seu passado, não só no sentido de permanecer numa posição histórica e intransigente, mas a cultura africana deve ser adaptada com os valores das tradições africanas e europeias para poder lutar contra a violência e extermínio do capitalismo na África.

O comunalismo é a reafirmação de ideologia que inverte as expectativas do capitalismo em prol do Imperialismo Ocidental. Nesse sentido, o ideal do socialismo é reforçar a união e a integração entre os povos africanos. Caso não fizesse isso, o desenvolvimento da África seria lento. Por este motivo, o modelo socialista africano deve ser distanciado dos valores fundamentais do liberalismo econômico e do

capitalismo europeu para adquirir a sua autonomia econômica. Portanto, se a gente analisar os aspectos do liberalismo ou capitalismo, podemos perceber que são sistemas agradáveis aos homens que têm um bom capital econômico. Para os capitalistas, o sistema econômico do mundo liberal se apresenta como um bem. Aqui nós chamamos o bem àquilo que lhes mantém pelo seu capital econômico. Portanto, os que não têm a propriedade privada se sentem ameaçados pela própria sociedade que lhes causa a insegurança em viver.

Apesar de nós admitirmos que existam ainda certos valores considerados dominantes no contexto do capitalismo que subjagam os outros povos, continuamos a considerar a mundialização do capital e globalização como os maiores braços do capitalismo econômico. Tal realidade prova que os países do terceiro mundo não se enquadram nessa lógica. Nesse caso, podemos acreditar no que afirma Nkrumah, esses valores ocidentais são as formas para salvar a decadência do capitalismo e empobrecer os demais países. Achille Mbembe, citado por Ingrid, demonstra que “o liberalismo econômico tem por base o comércio de escravos, responsável pelo desenvolvimento do capitalismo e pelo que hoje chamamos globalização” (Mbembe, 2014, pp. 696-703).

Nkrumah apresenta a postura de Descartes quanto ao socialismo africano afirmando que o socialismo de Descartes foi cooperativo em que o mesmo defendia que a ideia da razão é o fundamento de tudo e, através dessa última, somos capazes de perceber as verdades para julgar o que for bom ou ruim. Conforme Nkrumah, não podemos ter as verdades prováveis e capazes de indagar um sistema fenomenal que precisa as experiências e cálculo que passam apenas pelo simples exercício da razão. Dessa maneira, Nkrumah faz uma crítica na obra de filosofia de Descartes, *Discurso do Método*. Considerando que sua filosofia apesar de ser racionalista, continua a ser idealista na perspectiva africana. Segundo Nkrumah, Descartes aborda a questão do conhecimento e defende sua dúvida metódica para obter o verdadeiro conhecimento. Tendo com sua célebre expressão “*Penso logo, existe*”, com isso, vem afirmar uma verdade universal e objetiva sobre as origens das coisas. Sua indagação é baseada sobre o sujeito pensante, puramente pessoal pelo qual ele chega a uma conclusão universal.

Nkrumah demonstra que o conhecimento humano não é infalível, mas também não apóia a probabilidade de universalizar o sujeito pensante a partir de uma subjetividade. De acordo com Nkrumah, o *Cogito* de Descartes não representa nada, isto é, apenas um simples “pseudo-pronome”. Descartes ao afirmar a razão como processo

de autoafirmação para o conhecimento do mundo, passa a ser idealista do que racionalista, por consequência sua teoria encontra-se em argumentos limitados. Por essa razão, Nkrumah pensa que não há uma relação evidente e verdadeira entre o sujeito pensante e a própria existência humana. Se para Descartes, a razão não tem limites, mas é operante e necessária para o conhecimento, então para Nkrumah, a razão não tem sentido senão houver a matéria. Por este motivo, Nkrumah critica a proposição cartesiana que afirma a unidade das coisas a partir da razão, e refuta a filosofia de Leibniz que coloca em vigor a harmonia preestabelecida da natureza das coisas e para refletir sobre as questões de antropologia liberal e do capitalismo. Para Nkrumah, a filosofia tem um campo vasto de investigação. Ela vai da cosmogonia para o contexto sociocultural. Essa filosofia tem algo a ver com a sociologia. Entende-se para analisar a sociedade, a filosofia parte da união com todos e para todos em busca do bem comum. É importante ressaltar que a filosofia social promove sua análise coerente e transformadora para uma sociedade justa. Essa filosofia que valoriza seu aspecto da união conhecida dentro dessa vertente do pan-africanismo precisa de uma base no materialismo para avigorar a existência numa sociedade sólida.

Nkrumah defende um socialismo científico de caráter materialista em que cada um pode ter um bem pessoal não necessariamente em termo da propriedade privada, mas com suas propriedades esse indivíduo pode contribuir para o benefício de todos. Assim, como imposto que se deve devolver para o governo (materialismo). Pelo contrário do que opina Julius Nyerere, o socialismo de Julius funciona como sistema de despojamento, chamado de “Ujamaa”¹⁷. Trata-se de um socialismo que valoriza toda a riqueza em comum. O que eu possuo como bem material entrego tudo para o bem comum. Se eu entrego tudo, então o que sobra é nada. Para Nyerere, os bens materiais não são individuais, mas coletivos. Cabe ao governo cuidá-los para o benefício de todos. Nkrumah contrapõe dizendo que se eu entregar tudo o que eu possuo estaria criando uma sociedade de preguiçosos. Neste sentido, Nkrumah irá defender os valores de liberdade, fraternidade e igualdade visando em primeiro lugar o fim último da pessoa que é a vida humana.

¹⁷O termo mencionado no texto vem da língua swahili “Ujamaa” quer dizer um código moral ou conjunto de valores e normas que proporcionam uma identidade nacional. O conceito foi usado por Nyerere para promover o desenvolvimento social e econômico da Tanzânia.

O socialismo de Nkrumah é fundamentado numa ideia da revolução africana que busca abolir o sistema de classes. Na sua obra *Luta de classes na África*, afirma “Assim como existe apenas um socialismo verdadeiro, o socialismo científico, cujos princípios são universais e permanentes, existe apenas um caminho para conquistar os objetivos revolucionários da África, de libertação, unificação política e socialismo. (Kwame, 2017, p. 70). O socialismo de Nkrumah se desenvolve no campo prático da realidade africana. Com isso, ele diz:

Os princípios do socialismo científico são universais e permanentes, e envolvem a genuína socialização dos processos produtivos e distributivos. Aqueles que, por motivações políticas, falam de socialismo, enquanto auxiliam e são cúmplices do imperialismo e neocolonialismo, servem aos interesses da burguesia” (KWAME, 2017, p. 14).

Nesta perspectiva, Nkrumah vê a presença colonial nas terras africanas como uma grande ameaça contra a democracia. De acordo com Nkrumah, “Uma transformação total da sociedade só será realizada com a derrubada da burguesia pela revolução socialista” (Kwame, 2017, p. 64). Os revolucionários socialistas se preocupam pela instauração de um Estado que garante o direito de todos. Assegura a participação de todos os cidadãos nos escalões do governo. Nas tomadas de poder pela revolução socialista, a África pode restaurar o regime socialista e favorece o avanço do socialismo. Por este motivo, Nkrumah admite que:

Existe apenas uma forma de atingir o socialismo: pela elaboração de políticas voltadas para os objetivos socialistas gerais, cada uma das quais demandando uma forma particular nas circunstâncias específicas de um determinado estado em um período histórico definido. O socialismo depende do materialismo dialético e histórico, na visão de que há apenas uma natureza, sujeita em todas as suas manifestações às leis naturais e que a sociedade humana é, nesse sentido, parte da natureza e sujeita às próprias leis de desenvolvimento. É a eliminação das fantasias de cada ação socialista que faz do socialismo científico. Supor que existem socialismos tribais, nacionais ou raciais é abandonar a objetividade em favor do chauvinismo. (KWAME, 2017, p. 9).

A partir dessa afirmação, Nkrumah critica o socialismo de Julius Nyerere “Ujamaa” que superava todo tipo de acúmulo de bem privado em valorização dos bens comunitário. Apesar de seu socialismo ter sido considerado o melhor para os líderes africanos, sua política passou por várias crises econômicas. Foi o líder que apoiou as rebeliões contra os povos vizinhos, entre outros, Moçambique, África do Sul e Namíbia.

O socialismo de “Ujamaa” não teve sucesso na economia do país. Nyerere foi reconhecido como um defensor do socialismo africano. Foi considerado como o líder da unificação do continente africano a partir da proposta que fez da língua swaíli como língua nacional africana. Ele foi conhecido como o único Presidente africano que morreu pobre e não acumulou nada. Uma coisa que é surpreendente no continente africano onde a maioria dos presidentes ao terminar o mandato acaba se declarando milionário, ou seja, declaram suas rendas superiores a do cidadão comum, muitas vezes, suas riquezas são enormes e incompatíveis com a situação social do país.

Nyerere expressava seu socialismo por vários exemplos, a dor é uma expressão fundamental pela qual o africano se torna irmão. Se um africano encontrar alguém que esteja sofrendo por causa da perda de um ente querido, mesmo não conhecendo o falecido, o africano também sofre com ele e chora. Em termo de alteridade, a dor do outro se torna também a minha dor. O socialismo de Nyerere tinha um princípio solidário, tudo o que recebia distribuía e partilhava com os pobres. Para Nkrumah, o bem pessoal não é problema, o problema é quando não se coloca o bem à disposição da sociedade. A riqueza em si não é um mal, mas o mal existe quando essa riqueza pessoal não é partilhada pela solidariedade justa. Segundo Nkrumah, a solidariedade é um valor da sociedade africana, ao mesmo tempo é uma questão complexa, mas nesse caso poderia ser comunicada com a mediação dos grupos formados no continente na sua diversidade tanto material como espiritual levando em conta a diversidade cultural e étnica. A solidariedade é considerada como herança coletiva que deverá ser transmitida de geração para geração. O que Nkrumah considera é que a solidariedade africana não se torna um nepotismo, o uso de dar ou de receber. Pelo contrário, a solidariedade africana deve fortalecer a ideia de união de trabalhar juntos pela conscientização do futuro da humanidade e não esperar apenas receber do outro. Já que estamos falando do socialismo crítico e científico.

Depois da realização do *VI Congresso Pan-africano*, Nkrumah começou a pensar a ideia de organizar a Organização da União Africana - OUA. Na sua obra “*África deve unir-se*”, publicada no momento da OUA, de 1963, tendo objetivo fortalecer as bases para a unificação africana, salvaguardando o patrimônio continental e a consolidação dos Estados membros que formaram a unidade africana. Ele lança uma proposta de uma união total e completa da África sob a forma dos Estados Unidos da África como já mencionamos anteriormente. Propõe um governo da união dos Estados

Africanos, uma política exterior e uma diplomacia comum, um programa comum de defesa militar. Apoiar um programa econômico comum pela África para um mercado comum, uma moeda única africana numa zona monetária africana e uma criação do Banco central africano, pensando também num sistema continental de telecomunicação. Enfim, apresenta a proposta da criação da cidadania africana comum.

No entanto, mesmo com a criação da OUA para o desenvolvimento dos povos africanos, o colonialismo continua a exercer uma forte influência nas terras africanas em termos de domínio de posse-chave dos governos, estão “na marinha e força aérea, no serviço diplomático, nos organismos que tomam decisões administrativas e nas organizações e instituições internacionais através das quais as orientações escolhidas são filtradas para o cenário mundial” (Kwame, 1967, pp. 89-90). Já em 1979, a OUA apresentou o programa de autossuficiência nacional e coletiva baseada num mercado comum dos africanos com ajuda de uma criação comunitária econômica africana. Kumah, citado por Henri Kam Hah, mostra que a OUA passou a reconhecer o pan-africanismo como a base para o fortalecimento da união africana.

O pan-africanismo é uma ideologia e movimento que encoraja a solidariedade entre africanos no mundo todo. Ele é baseado na crença de que a união é vital para o progresso econômico, social e político, e visa a unificar e elevar o povo de linhagem africana. A ideologia afirma que o futuro de todos os povos e países africanos está entrelaçado. Em seu âmago, o Pan-africanismo é uma crença que o povo africano, tanto do continente quanto da diáspora, compartilha não somente uma história comum, como também um destino comum. (KAM, 2016, p. 152).

Essa tese defende evidentemente a construção de um projeto que visa uma política socioeconômica para o desenvolvimento da África. A Organização da Unidade Africana (OUA) passou para União Africana (UA), e Nkrumah ficou conhecido como um grande incentivador e fundador dessas duas grandes organizações, sua sede em Etiópia, cujo rei Salassier considerando como ancião dos líderes africanos recebeu essa proposta e apoiou a unificação da África para o desenvolvimento do povo.

A criação da UA considerava que a OUA teve um avanço constitutivo desde a sua natureza, a ideia de promover a luta pelos heróis africanos em vista da independência política propiciou os resultados da emancipação econômica e libertação do continente. Essa ideia ajudou a África a ter uma identidade comum, a realização da unidade continental e a afirmação de uma ação coletiva na África diante o mundo. Por essa razão se cria UA para fortalecer os desafios multiformes que são confrontados na

vida social e econômica dos africanos. A proposta da união africana é nada mais que estimular os negros a lutar pela descolonização da África e conseguir seus direitos em vista de uma consciência comum. O ato constitutivo da UA se apresenta como um constitucionalismo avançado e pronunciado, em nível de preâmbulo insiste sobre a resolução de promover e proteger os direitos Humanos e dos povos, consolidando as instituições democráticas para uma boa governança e o direito do Estado. A UA toma as medidas possíveis de reforçar as intuições comuns. A Organização da Unidade Africana foi ideal para concretizar o sonho de Nkrumah, isso é, mostrar que a África deve unir-se através seus povos, rejeitando qualquer tipo de conflito interno. Fundamentalmente sua ideologia era exercitada numa visão filosófica para preservar o direito de todos:

Enquanto nós africanos, para quem a unidade é o objetivo final, nos esforçamos para concertar nossos esforços nessa direção, os neocolonialistas fazem de tudo para torná-los vaidosos. Eu sei que quando falamos de união política aqueles que nos criticam apressam-se a salientar que estamos tentando nos impor como líderes para outros países e cancelar sua soberania. Mas os muitos exemplos de união que citamos mostraram que a igualdade dos Estados é zelosamente guardada em todas as constituições e que a soberania manteve (KWAME, 1994, 249).

Esse argumento de Nkrumah passa a valorizar o diálogo pacífico entre a África do Norte e a África Subsaariana, acreditando que se houvesse qualquer incidência da violência ou divisão de classes dentro da ordem política africana, isso deveria ser motivado pelos interesses do Imperialismo. A ideia da União africana não seria contrária ao Imperialismo europeu, embora a África fosse o primeiro continente a iniciar a proposta de um continente unificado, essa ideologia foi combatida pelos europeus por medo das consequências da perda da hegemonia nas terras africanas. Mais tarde, a Alemanha e a França, após a segunda guerra mundial, inspiraram-se na união africana para formar sua união europeia.

Dessa forma, Nkrumah retoma suas ideias iniciais defendidas pelo *V Congresso Pan-africano*, sobre a reivindicação de uma verdadeira independência. A Independência africana concedida pelos líderes europeus nos anos 60, na sua maioria continua sendo uma independência formal e não real. Por isso, os africanos devem ter consciência desse fato e romper com o neocolonialismo. A filosofia de Nkrumah fundamentada no conceito de pan-africanismo não vem para acabar com a lógica colonial ou da dominação no mundo africano, mas sua filosofia é um princípio fundamental que lança

as bases pela luta de uma emancipação do homem em vista de uma democracia participativa.

A visão do pan-africanismo é diversa não podemos comparar ao mesmo tempo com a da América ou Europa. Porém, essa gera divergências e convergências em alguns pontos de vista de suas análises. Tal argumento é apresentado por Sturman mencionado na “*Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais*”, por Kam:

O pan-africanismo é também uma filosofia na qual a África é lembrada como lar espiritual de um povo africano unido, com ênfase na solidariedade e fraternidade entre todas as pessoas de origem africana. Ele tem, de fato, origens diferentes em relação ao pensamento político dos afro-americanos e caribenhos, bem como em relação à elite africana educada na Europa nos séculos XIX e começo do XX. (STURMAN, 2007, p. 3).

Por esta razão, seria muito difícil conciliar o pan-africanismo com o capitalismo no contexto africano. São duas vertentes opostas para uma proposta do desenvolvimento do continente. Os princípios do capitalismo contrariam os valores africanos. Numa tradição da cultura africana, o acúmulo é superado pela partilha. O excedente é coletivo e não individual. A existência dessa cultura cria uma harmonia na convivência entre os grupos étnicos que convivem com sua herança coletiva transmitida de geração em geração. Tudo o que se possui é partilhado com os outros de modo especial com os membros da comunidade. Enquanto o pan-africanismo no contexto da diáspora não deixa de ser capitalista, apesar das divergências opiniões de alguns pan-africanistas que se declararam marxistas ou socialistas, mas o pan-africanismo no contexto africano compartilha com os valores africanos. O capitalismo não visa à união do continente africano, pelo contrário ele tem como objetivo investir-se para o benefício do Império.

CAPÍTULO III. O CONSCIENCISMO DE NKRUMAH

3.1. O Consciencismo

O Consciencismo é uma filosofia do desenvolvimento econômico e de libertação do Continente Africano. Para Nkrumah, o consciencismo é nada mais que uma filosofia política. Tem como objeto o materialismo que está na base da cultura africana com

valores e aspirações profundas dos africanos. Esse é chamado, às vezes, de ideologia social, vertente de uma filosofia política que surge no período das independências africanas. Ao falar do consciencismo como filosofia é preciso lembrar que ele não trata de um problema factual, mas de uma filosofia de ideologia que encontra seu fundamento no materialismo histórico e dialético inverso ao idealismo. Para essa filosofia, o materialismo é uma ferramenta do socialismo cujas fontes encontram-se no socialismo africano e no regime comunitarista. O socialismo, nesse aspecto, garante a igualdade de todos os cidadãos diante da lei revogada pelo governo. De acordo com Nkrumah, o governo representa o corpo político, sem o povo não se pode falar do governo, é o povo que governa e desempenha o papel da responsabilidade para todos e para cada um dos cidadãos. O líder político é apenas o representante do povo. Qualquer cidadão que estivesse contribuindo ao governo do povo estaria também formando uma organização humanista e humanizante da sociedade.

O consciencismo de Nkrumah é uma filosofia da revolução intelectual longe de ser reduzida a um aspecto material. Ela parte da realidade concreta que indica que em muitos países da África falta de políticas públicas de qualidade, é o fato de perceber que os problemas atuais em que os africanos enfrentam são frutos do passado, de uma colonização que deixou os traços da destruição na história do povo. Esse regime continua interferindo diretamente de outra forma na situação atual da África, chamada de neo-colonialismo. Por esse motivo, os africanos devem buscar todos os mecanismos de fortalecimentos para combater todo tipo de ideologia dominante e do neocolonialismo em vista de transformar essa natureza sociopolítica corrompida para uma emancipação plena. Por essa razão, o consciencismo promove um pensar político da unidade incondicional para todos os africanos e do continente.

Essa filosofia responde aos problemas mundiais e não apenas no contexto africano. O consciencismo é a ideia central dessa filosofia que enfatiza o termo de consciência como base para realizar uma política de economia africana. Portanto, para chegar lá deve passar pela ideia da revolução social. Diante dessa constatação, Nkrumah procederá a fazer perguntas: Como levar o povo africano a se tornar independente? O que fazer para sair da crise econômica na África? Desse modo, o consciencismo desperta a consciência do que é a identidade dos africanos, tomar consciência da sua identidade e estabelecer alguns princípios do materialismo em vista de constituir uma

política de união. Um país não se desenvolve se estiver desunido. A união é fundamental para falar do consciencismo.

Em virtude da sua gênese, o conceito de consciencismo permanece racional entre a teoria e um saber, tem atribuído sua importância na interpretação da lógica das relações humanas. Por menor que seja, não se define do que é, portanto, ele por si mesmo se traduz em termo do consciencismo. Em suas palavras:

O Consciencismo é o conjunto de termos intelectuais para a organização das forças que capacitarão a sociedade africana a assimilar os elementos ocidentais, mulsumanos e euro-cristãos presentes na África e transformá-los de modo que se encaixem na personalidade Africana. (KWAME, 1964, p. 120).

O consciencismo¹⁸ investiga o agir racional a partir do despertar da consciência dos africanos para o procedimento real e seu dispositivo, na prática, se transforma em uma ação para o povo africano em vista de sua condição de emancipação política e social. Partindo dessa análise crítica e concreta pela visão socialista no contexto africano, Nkrumah irá elaborar sua ideologia da união para todos os cidadãos africanos em vista do bem comum. Animado pela consciência nacional, procura entender que o consciencismo não é apenas uma filosofia transcendental e moral no sentido ético, mas é uma filosofia de vida. O Consciencismo de Nkrumah tem como base o materialismo que afirma “a existência absoluta e independente da matéria” (Kwame, 1964, p. 120). A matéria se faz de forças opostas, e na sua contradição se mostra que ela é dinâmica e se move com seu objetivo para estabelecer o princípio de identidade. Mais adiante veremos algumas análises de alguns filósofos com quem Nkrumah estabelece a relação entre a concepção da matéria e espírito no seu dualismo. Portanto, a matéria varia de uma propriedade a outra apelando os vários tipos de movimento. Com isso, Nkrumah chega a distinguir dois tipos de movimento para dar um caráter dinâmico à matéria.

Se devemos distinguir as propriedades das relações, diremos que existem duas grandes categorias de movimentos: aquelas que causam mudanças de relacionamento e aquelas que causam mudanças de propriedades; vemos o movimento linear e o movimento rotativo causar uma mudança de

¹⁸ O consciencismo é uma teoria que foi concebida na perspectiva do socialismo científico visando os valores tais como: a emancipação, a liberdade e igualdade. Seu campo de interesse começa pelo Partido da Convenção do Povo criado por Nkrumah em 1950, depois foi estendendo como realidade para toda a África em vista de constituir um regime da unidade socialista africana.

relacionamento. Se existem esses dois tipos de movimento, o que resulta em uma mudança de propriedade, quando se diz que a matéria originalmente tem o poder de se mover sozinha, isso não implica necessariamente nenhum dos movimentos nem os dois juntos. (KWAME, 1964, pp. 121-122).

Se para Newton a matéria é inerte, para o consciencismo a matéria tem uma capacidade de se transformar e mover. Nkrumah afirma: “Newton também se recusou a um corpo o poder do movimento rotatório. Para usar as palavras de Whitehead, a inércia da matéria é a sua passividade” (Kwame, 1964, p.123). Conforme Nkrumah, para Newton a matéria não possui a atividade física. Portanto, quando nós analisamos a inércia do ponto de vista filosófico, percebemos que essa categoria parte do movimento físico, mas ela carrega uma capacidade de ação intelectual, ela pensa na sua percepção e na capacitação do seu sentimento. Dessa maneira, a nossa filosofia propõe o materialismo como condição necessária para o regime socialista africano. O consciencismo passa a fortalecer o pan-africanismo por meio do regime socialista como havíamos mostrado no capítulo anterior.

O consciencismo não é uma cópia modelo do Ocidente para poder adaptá-lo à realidade africana, mas um estudo analítico e sistemático da conjuntura do povo africano, os problemas concretos dos africanos, guiados pelos esforços da transformação sociopolítica. Dessa forma, podemos entender que o materialismo de Nkrumah analisa os fatos sociais, econômicos e políticos, elaborando uma síntese entre teoria e prática, verdade e o conhecimento para chegar a uma dialética histórica. Por essa razão, o elemento central do consciencismo é a valorização da união dos três povos que compõem a história desse gigantesco continente mais velho do planeta. Portanto o consciencismo não é uma filosofia perfeita, ideal em termo da harmonização das culturais africanas, pelo contrário ele tenta valorizar as diversidades na unidade do povo.

Com isso Nkrumah argumenta que a nossa consciência deve ser apoiada no materialismo que afirma a existência absoluta e independente da matéria. Assumindo que a matéria pode mover-se espontaneamente. Enquanto os outros materialistas afirmavam que a realidade possui a única existência que é a matéria existente no mundo, alguns deles se apoiaram a teoria de Isaak Newton. Conforme Nkrumah, a teoria de Isaak sobre a gravidade da matéria exclui a existência de outras categorias do ser enquanto sujeito da invesgação filosófica. O consciencismo valoriza a união desses movimentos, interconectados entre as três culturas do continente, porém as duas

primeiras ocidental e muçulmana precisam ser infiltradas em alguns elementos para se adaptar com a realidade própria da África, mas a terceira que é a cultura tradicional africana deve ocupar mais atenção. Porque é dessa última que decorre a revolução mental africana. Sobre isso, esclarece Nkrumah:

Toda verdadeira revolução é um programa e deriva de um princípio novo, geral, positivo e orgânico. A primeira coisa necessária é aceitar o princípio. Então, sua aplicação deve ser limitada aos homens que acreditam nele e livres de qualquer vínculo, de qualquer relacionamento, com qualquer princípio que se oponha a ele” (KWAME, 1964, p. 89).

Nesse texto, Nkrumah estabelece a diferença e relação entre a revolução e ideologia. Admite que foi a ideologia que revolucionou o lugar social. Os princípios da revolução devem se manifestar de maneira geral, positivo e orgânico. A formulação desses três princípios é o que podemos denominar de filosofia. A revolução decorre a partir da própria consciência de identidade africana que busca entender as questões existenciais da sua história do passado, da colonização e das independências para constituir uma filosofia social. O consciencismo busca libertar os africanos das amarras do sistema colonial que, ao longo da história foram subordinados pelos interesses do Imperialismo. Todo o processo de libertação requer uma consciência para o desenvolvimento. Entende-se por desenvolvimento a ideia de uma filosofia que investiga os princípios vitais de um povo, não necessariamente as características fenomenais, mas ideológicas. Isso é uma filosofia de ideologia que fundamenta sua prática na tomada de consciência para os africanos para lutar pela libertação a favor da união africana. Esses princípios encontram-se no materialismo histórico e dialético que analisam as condições de vida social dos africanos. Esclarece o autor:

Proponho chamar (...), essa posição de consciencismo filosófico, porque é aqui que a filosofia nos dará o fundamento teórico de uma ideologia cujo objetivo será conter a experiência africana da presença muçulmana e eurocristãos e da sociedade tradicional, e por uma espécie de gestação, para usá-los no desenvolvimento harmonioso dessa sociedade (KWAME, 1964, p. 88).

Essa é a própria convicção de que para Nkrumah, para quem não é legítimo cidadão africano não pode propor uma revolução militante contra o neocolonialismo. O que queremos mostrar nessa perspectiva é uma revolução que nasce de uma ideologia da união não necessariamente baseada numa filosofia específica, mas de uma filosofia que é aplicável universalmente. Seu aspecto enquanto área do conhecimento não é

limitado no contexto apenas da África, mas ultrapassa os limites das relações africanas econômicas e políticas para estabelecer a cooperação da união diplomática com outras nações. Para o consciencismo, a filosofia é o lugar no qual o ser humano começa a questionar sobre a sua existência enquanto ser no seu processo para o desenvolvimento, buscando a questionar sobre os princípios de universalidade tais como, argumento racional, lógico e coerente. Portanto, essa filosofia do consciencismo deve apoiar a revolução social de que a África precisa para seu desenvolvimento do materialismo dialético.

O materialismo de Nkrumah se diferencia o de Marx na medida em que a existência absoluta e independente da matéria no materialismo de Nkrumah se dá sem descanso, o status de uma filosofia profundamente materialista. O materialismo procede pela ideia principal no despertar da consciência alienada dos africanos diante do regime colonial. Portanto, não se nota a leitura de Marx em relação à exploração da burguesia europeia e proletária negra cujos negros desempenharam um papel importante na ascensão dessas sociedades modernas.

O consciencismo é uma filosofia original. As suas razões de ser uma filosofia específica e única, sem contradições, são de fato não ser igual a nenhuma outra filosofia do universo intelectual. As bases dessa filosofia encontram-se na sociedade tradicional africana que apresenta o modelo dos regimes para continente: o comunitarista e socialista. Os africanos vivem juntos, suas práticas culturais visam antes de tudo, à unidade e não a divisão. Qualquer discórdia ou conflito que vier acontecer nessa sociedade é o motivo de desgraça. Por consequência, o povo deve cumprir um rito de reparação pelos danos causados. A prática ritual na África marca a união sistemática e vital entre o mundo profano e sagrado. Por esse motivo, na cosmovisão africana, não se pode separar o mundo sagrado e profano, assim também como a matéria e espírito são duas realidades distintas, mas se complementam.

3. 2. A relação entre a matéria e espírito

A matéria e o espírito funcionam de maneira dialética no consciencismo, portanto a matéria é superior ao espírito. O espírito supera o corpo apenas quando se torna ativo, ao produzir as ideias do pensamento. De qualquer forma, todas as entidades da matéria e espírito funcionam de maneira interativa. Essa interação exclui o

paralelismo entre a matéria e o espírito, ou seja, entre o corpo e espírito de modo que o consciencismo não afirma a relação entre as duas espécies de forma dualista, o que existe é a multiplicidade de propriedades, e não a sua relação. Portanto, o consciencismo reconhece o problema do dualismo entre o corpo e espírito, mas aceita apenas a sua interação e não a divisão. Por esse motivo, o consciencismo propõe uma solução, dado que o paralelismo nega a interação dessas duas categorias. A solução que o consciencismo propõe é a demonstração por meio de uma conversão categorial. Trata-se de uma intervenção da convertibilidade que será feita de forma interativa de passar de uma categoria a outra. No consciencismo, existem algumas qualidades que são geradas pela matéria. Portanto, nessas últimas existe uma quantidade da matéria que passa a ser subordinada pelo consciencismo. Esse processo será realizado por meio da dialética da matéria, sendo que a matéria tem o poder de se mover por si mesma.

No consciencismo, a matéria é capaz de sofrer qualquer transformação, mas uma transformação dialética capaz de levar as suas propriedades naturais para uma disposição quantitativa da matéria. Uma vez que as propriedades naturais sofrem uma transformação, a matéria também deve mudar a sua dispositiva de quantitativa. A matéria sendo um conjunto de forças na qual se produz a tensão, por si mesma gera as partículas, suas constituições estão nas fórmulas matemáticas. A matéria não é apenas uma forma simples de uma partícula, mas constitui a sua própria essência enquanto alma no poder de se mover. O consciencismo não teria sentido se a matéria não tivesse o poder de se mover. O processo dialético de mudança na matéria dá realmente a importância de entender o que é o consciencismo de Nkrumah. Sem a mudança na propriedade não podemos falar do consciencismo. Ele comenta:

Quando o materialismo se torna dialético, o mundo não é considerado como um mundo de estados, mas como um mundo de devir; não como um mundo de coisas, mas como um mundo de fatos. O sustento do mundo consiste em um devir; e a atividade, ou tornar-se, torna-se o fluido vital da realidade. Construcionismo, nominalismo e reducionismo, todos param na base lógica da conversão de categoria; eles ficam felizes em dizer que a conversão é logicamente possível (KWAME, 1964, p. 45).

O consciencismo na sua dimensão de estabelecer a relação interativa entre a matéria e o espírito descobre que a filosofia social ou do desenvolvimento deve entender o mundo de maneira objetiva e crítica, elaborando a relação entre o conhecimento e a ação. O consciencismo deve fazer essa relação entre os dois aspectos

passando a uma realidade ética que é a unidade fundamental da matéria nas suas várias manifestações entre o igualitarismo e o socialismo. No consciencismo não existe uma prova da existência do princípio da matéria na inércia para postular o espírito e a alma. Portanto, não podemos separar matéria de inércia, mas se postularmos o princípio do espírito e alma na inércia, seu vitalismo conduziria a vários tipos de ocultismo que possam ser defendidos no universo da matéria. A separação da matéria e inércia pode nos levar a cair num animismo extremo e radical que conduzirá ao princípio da matéria não vivente. No “*Consciencismo*”, Nkrumah afirma:

Podemos até dizer que o antecessor de todos os filósofos ocidentais, Thales, foi colocado diante dessa alternativa. Ele disse que o mundo não deve ser explicado por sobrenatureza, então tudo é água. Ele então teve a ideia de explicar por que os moleiros não eram aguados. (KWAME, 1964, p. 126).

Existe uma divergência na discordância das ideias entre os filósofos de conceber o dualismo da matéria para espírito. Alguns defendem a união estável e contínua, outros rejeitam e negam que a união entre a matéria e espírito é impossível. Nesse sentido, a nossa reflexão serve como intuito de valorizar a união estável das duas naturezas expressadas pela produção intelectual dos povos africano, tradicional, euro-nativo e muçulmano que buscam juntos fortalecer a unidade da África tendo um objetivo comum, o do desenvolvimento desse continente. Por esse motivo, o Nkrumanhismo é entendido como filosofia de conscientização que mostra o verdadeiro caminho para a emancipação dos africanos a fim de esses estabelecerem as relações de autonomia em termos de liberdade, igualdade e justiça. É uma Filosofia do “conhecimento no instrumento de emancipação e integração nacional” (Kwame, 1964, p. 13). Essa filosofia tem a sua importância na esfera social e política quando ajuda o ser humano a conduzir seu próprio destino. Para Nkrumah, a matéria se apresenta em fórmula da matemática “*pa*” que significa a ação positiva na sociedade, enquanto o símbolo “*na*” representa a ação negativa.

A Ação positiva representará a soma das forças que tendem a estabelecer justificativas sociais, abolindo a exploração e a opressão por uma oligarquia. A ação negativa será a soma das forças que tendem a prolongar a sujeição e a exploração colonial. Ação positiva é revolucionária, ação negativa é reacionária. (KWAME, 1964, p. 150).

As fórmulas matemáticas nos mostram como podemos manter a independência duradoura ao longo do tempo. Na medida em que a ação positiva deve crescer contra a ação negativa para contrariar ao imperialismo. Os termos matemáticos que usamos neste texto são apenas abstratos, mas também fundamentam as bases filosóficas do consciencismo que tenta refletir sobre a realidade social africana. O aspecto político do consciencismo volta a questionar sobre as realidades do colonialismo, imperialismo, a balcanização e o sobdesenvolvimento. As colônias europeias na África utilizavam os territórios africanos como suas principais produtoras da matéria-prima. Com isso, eles se serviam como produto de manufatura nas indústrias e nos capitais estrangeiros. A força do colonialismo na África se encontra na destruição da ordem econômica.

Na relação entre a matéria e atividade psíquica ou intelectual, a matéria se mostra inerte. Em outras palavras, não tem como provar a existência da matéria nas faculdades de inteligência enquanto propriedade que se move. Razão pela qual a matéria não produz o movimento quanto às categorias psíquica ou física. A inércia da matéria é entendida no sentido da sua passividade quando não produz a mudança ou a ação positiva no consciencismo. Mas, nós afirmamos que o espírito é uma única entidade para entender a realidade, então estamos supondo que o espírito se reduz à matéria. O consciencismo não afirma que só a matéria é real, mas afirma que a primeira realidade que existe é a matéria. Nkrumah ao pensar o materialismo como categoria absoluta e independente da matéria, quer afirmar a autodeterminação da África como hipótese para o desenvolvimento. Se a matéria é independente, então a África pode se tornar independente para caminhar com seus próprios meios. Nkrumah comenta:

Para que o desenvolvimento não seja coxo, o consciencismo exige que se leve em consideração as condições materiais do território em questão, bem como a experiência e a consciência política das pessoas cuja busca é a redenção. Um povo só pode ser salvo se for puxado, como se costuma dizer, por seus cadarços. Nessas condições, o desenvolvimento deve ser socialista. Somente um desenvolvimento do tipo socialista pode garantir a salvação da sociedade, a busca desinteressada do bem-estar geral, a atribuição de autonomia ao todo, e não apenas a uma parte da sociedade, respeito, finalmente, da experiência e consciência política das pessoas. (KWAME, 1964, pp. 168-189).

A filosofia não dá resposta às crises do desenvolvimento econômico, ela intervém na compreensão crítica sobre a realidade econômica. A Sociedade colonial sufocou o desenvolvimento da África. Certamente com um regime socialista, ao mesmo tempo, interagir-se com o materialismo dialético e o consciencismo, a África

estabelecerá a sua unidade nacional. Não podemos entender o consciencismo separadamente do socialismo africano. A situação material e a experiência do povo africano nos mostram que as sociedades africanas funcionaram bem com sistema socialista, porém os mecanismos do capitalismo na África vieram causar o retrocesso para o desenvolvimento do continente.

3. 3. Conversão Categorical

A palavra conversão parece que tem a ver com o termo religioso, converte-se, ou mudar de vida. A conversão cujo Nkrumah apresenta é produzida por processo dialético que afirma a realidade não exclusiva da matéria, mas independente e absoluta. A matéria é um conjunto de forças opostas que cria tensão na qual se produz a transformação. Se não houvesse uma transformação da matéria, não haverá também a mudança dialética. É nessa lógica que funciona a filosofia africana. É preciso que haja tensão entre a existência absoluta e independente da matéria para falar de uma filosofia africana. A tensão de forças é necessária para atribuir à matéria a qualidade de transformação qualitativa e categorial capaz de se mudar.

O que é chamado por Nkrumah de conversão categorial é nada mais que a intervenção do consciencismo diante das contradições dos movimentos. Nkrumah explica de modo seguinte:

O materialismo é uma forma séria, metafísica, orientada a objetos e quase descritiva. Ele afirma pelo menos a existência da matéria, independentemente do conhecimento da mente. Essa concepção minimalista é claramente muito inadequada. A filosofia materialista tem a possibilidade, mas não a obrigação, de afirmar como uma segunda tese a primeira realidade da matéria (...). Deve, então, mostrar-se que outras categorias podem surgir da matéria através de algum processo. É aqui que o materialismo se torna dialético. (KWAME, 1964, pp. 37-38).

O que nos interessa nessa fragmentação é a afirmação estabelecida no materialismo pela conversão categorial. Para conversão categorial, nós entendemos que existe uma linha de conduta e regra pelas quais toda categoria será sancionada a cumprir seu estágio de passar da matéria para se tornar o espírito reconciliador do mundo consciente.

Poderíamos, descaradamente, pensar que a afirmação da única ou mesma primeira realidade do assunto em frente dos fatos que acabamos de dizer trai um destemor em garantias em relação ao paradoxo e ao absurdo categórico. A solução do problema, a chave para a reconciliação desses fatos, está na conversibilidade categórica (...). Por conversão categórica, quero dizer algo como o colapso da autoconsciência a partir do que não tem autoconsciência, algo como brotar a mente da matéria, qualidade da quantidade (KWAME, 1964, pp. 37-38).

A conversão categorial busca o bem de todos, a sua prática está ligada à emancipação dos homens e não à exploração. Os homens são felizes quando se vivem em sociedade estabelecendo uns aos outros as relações humanas. Eles se ajudam mutuamente. Nessa sociedade não se busca os interesses privados, mas comuns. A conversão se opera quando o princípio fundamental da ética busca colocar em prática os valores originais de cada indivíduo. Na comparação entre o materialismo de Nkrumah e o marxismo, Nkrumah pensa que a teoria de Marx é oposta ao consciencismo, quando se afirma.

A prática sociopolítica visa impedir o surgimento ou o fortalecimento de classes, porque na concepção marxista de estrutura de classes, se há classes, existe uma que explora e subjuga outras. Mas tanto a exploração quanto a sujeição são detestadas pelo consciencismo. (KWAME, 1964, p. 148).

Existem certamente vários tipos de movimento, três dos quais merecem atenção: o caso do deslocamento, o movimento rotativo e a modificação da propriedade. Assim, se devemos distinguir as propriedades das relações, podemos dizer que existem duas categorias principais de movimento rotativo e a modificação da propriedade. O primeiro provoca a mudança nas relações, o segundo provoca a mudança nas propriedades. O primeiro sendo o movimento linear e o segundo rotatório todos os dois provocam a mudança nas propriedades. Na sua obra “*Luta de classes na África*”, Nkrumah diz “A matéria é capaz de um movimento interno auto-induzido; que o movimento da matéria é tanto unilinear quanto em saltos, isto é, uma mudança na matéria é tanto quantitativa e qualitativa” (Kwame, 2017, p. 14). Com isso, podemos ver que a matéria tem o poder de produzir o movimento por si mesmo, mas isso não impede que na ausência desses movimentos a matéria não possa produzir o movimento.

O materialismo dialético apresenta três características principais para estudar a sociedade africana, são elas: a existência independente, o absoluto e a matéria que se move. Porém, existe uma diferença entre o materialismo já implicado pelo consciencismo e o materialismo que afirma apenas única existência da matéria

existente. O Consciencismo é caracterizado pela reação não aperceptível, porque seu princípio ultrapassa o nível da consciência instintiva. A reação aperceptiva é deliberada pelo princípio único que é o espírito da consciência revolucionária. De acordo com Nkrumah, tanto os homens quanto os animais possuem essa consciência, contrariamente do que pensava Descartes “As reações de todos os animais, exceto o homem não era aperceptiva” (Kwame, 1964, p. 128). Os homens, embora possuam um nível mais alto da percepção que os animais, sua própria percepção escapa das coisas do mundo real quando a produção dos reflexos se enganam pelos nossos sentidos. Conforme Nkrumah, Aristóteles defendia a mesma questão, “Somente seres humanos são capazes de auto-reação consciente, aperceptível” (Kwame, 1964, p. 129). A proposta de Aristóteles vem estabelecendo a diferença entre as três almas: alma vegetativa, ligada as atividades biológicas, a alma sensitiva ou desiderativa está presente nos animais e a alma racional é própria para os homens. Porém, em Aristóteles o homem é razão, mas é também desejo e sensação. É importante ressaltar essa diferença para entendermos melhor o processo como se dá o materialismo para superação do dualismo cartesiano. As duas categorias do consciencismo, a matéria e espírito não devem ser compreendidos em termo do paralelismo, mas sim devem se complementar. De acordo com Nkrumah, a teoria de Einstein não corresponde ao consciencismo porque seu materialismo “implica a existência independente e absoluta de espaço e tempo, os receptáculos necessários da matéria” (Kwame, 1964, p. 133). No consciencismo não existe o conflito com a teoria da relatividade, portanto o materialismo é incompatível com a existência independente e absoluta do espaço e tempo. “Se alguém afirma que existe apenas matéria, espaço e tempo, não sendo matéria, são irrealis. Mas o consciencismo não afirma que apenas a matéria é real” (Kwame, 1964, pp. 133-134). O nosso espaço não pode ser absoluto ou independente, sempre ele está sujeito as outras entidades do universo. As propriedades do espaço se referem à ordem geométrica, porém as características da geometria são propriedade da matéria. Então, podemos afirmar que o consciencismo implica a geometria. O consciencismo rejeita a existência absoluta e independente do espaço, mas valoriza a sua teoria como propriedade do conhecimento.

Entender o dualismo no contexto africano é impensável. Há uma dúvida na maneira de conceber o dualismo na perspectiva europeia, a cultura europeia entende o dualismo como uma categoria distinta. É muito comum encontrar essa separação no dualismo platônico entre corpo e alma, o mundo das ideias e sensível, essa concepção

traz um problema para interpretar as visões de outros povos. O dualismo é superado pela sua concepção dicotômica a partir do consciencismo. “No consciencismo, por outro lado, a interação da mente e do corpo é admitida como fato. A dificuldade filosófica que isso implica é descartada pela demonstração da possibilidade da conversão categórica.” (Kwame, 1964, p. 132). O consciencismo não se preocupa em estabelecer a relação entre corpo e espírito, mas retém uma categoria única entre corpo e espírito. Reconhece as limitações entre as duas categorias, mas valoriza a sua união interativa em busca de uma solução operativa.

O que Nkrumah chama de conversão categorial, é nada mais que a intervenção do consciencismo diante das contradições. O consciencismo possui um caráter social baseado no materialismo dialético que estabelece a relação interativa entre a matéria e o espírito. Essa filosofia não propõe qualquer tipo de materialismo, mas a matéria e as ideias são fontes do materialismo dialético em Nkrumah porque admitem a sua contradição, oposição e antítese. As três categorias se resumem numa só existência da matéria íntegra, como elemento da formação de seu princípio ontológico. Em outras palavras, o espírito é antítese enquanto a tese é o resultado da filosofia prática e a síntese é o consciencismo. Podemos entender isso de modo seguinte, quando ele afirma:

O materialismo é uma forma séria, metafísica, orientada a objetos e quase descritiva. Afirma pelo menos a existência de conhecimento pela mente. Sua concepção minimalista é obviamente muito inadequado. A filosofia materialista tem a possibilidade, mas não a obrigação, de se afirmar como uma segunda tese a primeira realidade da matéria (...). Deve, então, mostrar-se que outras categorias podem surgir da matéria por um processo. É aqui que o materialismo se torna dialético (KWAME, 1964, pp. 37-38).

A partir dessa fragmentação, podemos descobrir que a conversão categórica se opera por meio de um processo. Para conversão categórica, nós entendemos que existe uma linha de conduta e regra pelas quais toda categoria será sancionada a cumprir seu estágio para passar pela matéria para se tornar espírito. Essa transformação da matéria para espírito se torna o fundamento da evolução da sociedade. Essa visão supera o reducionismo do consciencismo que pode conceber a filosofia de Nkrumah como idealista. Portanto, no Consciencismo, o espírito surge da matéria e segue como padrão de organização crítica da matéria. O espírito oferece uma complexidade de atividade intelectual para produzir uma energia da quantidade crítica da matéria. Em outras palavras, a filosofia tem o papel de converter o materialismo dialético para uma

revolução científica a fim de eliminar os obstáculos para autolibertação e emancipação da África. A filosofia africana se apresenta para muitos homens como uma força de pensar e resistir. Nessa categoria, encontramos os jovens africanos, que são a maioria desse cenário, que questionam sobre a política atual na África. Como a questão de imigração forçada, a instabilidade política nos territórios africanos, e tantas outras coisas que são resultados do neocolonialismo. Diante desse caso, a revolução se resalta um importante elemento como determinante para criar uma ordem social. A dialética do materialismo é o resultado também de umas, duas ou três culturas que se encontram. Certamente na fusão dessas culturas haverá uma crise que pode dar uma síntese para o bem ou para o mal. Mas para que não possa produzir um resultado negativo, é preciso criar uma ideologia. Se não houver uma ideologia, tendo ideia de unificar as culturas, isso pode levar a uma ruptura revolucionária. Para que isso não aconteça deve proceder pela dialética da matéria na evolução das suas espécies.

A conversão categorial nos leva a refletir as relações de interdependência entre o espírito e a matéria no consciencismo de Nkrumah. Não podemos entender a filosofia social de Nkrumah sem analisar a relação entre os dois princípios. O espírito nos remonta a ideia de descolonizar as mentes alienadas, enquanto a matéria liberta todas as estruturas que nos oprimem e nos foram estabelecidas pelos colonialismos. O consciencismo fundamentado no seu aspecto da união entre a matéria e espírito suscita em nós uma crítica face ao Imperialismo ocidental na África. O espírito é o despertar da consciência na sua complexidade em relação ao mundo social.

O contrário disso, não pode analisar o espírito no consciencismo como a negação do espírito. O materialismo não rejeita o espírito, sua concepção é conhecida como uma abstração mais perfeita da matéria no espírito. O materialismo, pelo contrário, reafirma a existência do espírito. No consciencismo, existe um tipo de materialismo chamado de “Serenos”. Esse materialismo afirma a existência absoluta da matéria, sua exclusividade conduz à negação da existência das ideias e do espírito. Portanto, Nkrumah não faz de opção para analisar esse tipo de materialismo na sua filosofia, prefere abordar o materialismo dialético que afirma que a realidade da matéria é anterior ao plano ontológico ao espírito. Por consequência, o espírito se deduz da matéria. Nosso espírito é produto da matéria quando os nossos cérebros funcionam com consciência das condições sociais em que os homens estão condicionados a viver.

O materialismo dialético é o desenvolvimento cognitivo. Nós somos o resultado naquilo que nós produzimos. A ideia do materialismo é a primazia da matéria e do seu dinamismo no espírito para entender os efeitos da dialética, mas também a matéria pode acessar outras categorias sem perder a sua essência. Portanto, podemos nos distanciar do materialismo de Nkrumah ao afirmar categoricamente a união entre a matéria e o espírito. Algumas teorias do materialismo admitem que ninguém criou o universo ou a matéria, então a matéria seria o resultado de uma absurdidade. Essa teoria afirma que a matéria se criou por si mesma. Essa posição é uma atitude que rejeita a transcendência de Deus e de localizar a matéria na esfera da imanência material. Apesar de Nkrumah valorizar a ideia do materialismo dialético, encontramos uma contradição na sua abordagem em relação à concepção do mundo social. Nesse aspecto, me distancio do autor nas minhas leituras quando ele afirma: “Deve-se realmente postular como axiomas que a matéria pode existir sem ser percebida e que existe independentemente do espírito, ou seja, não é criada por Deus” (Kwame, 1964, p. 36). Essa afirmação demonstra que há uma contradição na afirmação do mundo a partir da lógica de Deus. Nkrumah confirma a negação do mundo real a partir da lógica de Deus, portanto, a ideia da criação do mundo por Deus em Nkrumah permanece em dúvida, mas ele não nega a existência de Deus, pelo contrário, afirma a sua essência na valorização das três culturas que compuseram a África. O materialismo de Nkrumah serviu também como mecanismo de luta contra o racismo na perspectiva colonial da expansão na África.

3.4. O Racismo colonial

O racismo colonial serviu como base para sustentar a dominação em quase todos os campos da vida na África. Para poder colonizar um povo, o colonizador deveria mostrar para o colonizado que ele não tem cultura e nem identidade, portanto o negro passava a ser submetido e obrigado a abandonar a sua identidade e cultura para se adaptar as dos brancos. Sabemos que não foi fácil para os colonizadores conseguir alcançar esse objetivo. Havia várias etnias que se envolveram em guerras contra os brancos na África para proteger as suas raízes tal como o caso da tribo *pende* na República Democrática do Congo, localizada na região de Bandundu. Essa mostrou uma grande resistência contra a dominação colonialista. Para Nkrumah, todo o

problema racial surgido no contexto colonial é também o problema de classes. Desse modo, Nkrumah destaca esse aspecto da seguinte maneira:

Não será nunca uma dádiva da minoria dirigente, porque é impossível separar as relações raciais das relações de classe que as sustentam. Aqui, ainda, poderia citar-se o exemplo da África do Sul. No começo da colonização holandesa, a distinção era feita, não entre brancos e negros, mas entre cristãos e pagãos. Somente a partir da introdução da economia capitalista é que apareceram as relações feudais de tipo capitalista e a discriminação racial conhecida pelo nome de apartheid. O apartheid é o sistema mais intolerável e mais iníquo jamais engendrado pelo Ocidente burguês capitalista: 80% da população da África do Sul, não sendo branca, não tem direito de voto” (KWAME, 1970, pp. 28-29).

Kwame ressalta que o problema racial no contexto da dominação colonial poderia acabar se os negros tivessem consciência de abolir as ideologias do capitalismo e do neocolonialismo. Em “*Condenados da terra*” (1961), Fanon mostra que o negro era visto como preguiçoso, impulsivo e selvagem. O impulsivo tornou-se símbolo da resistência. Até que o Rei do Portugal João I tinha que negociar com o rei do Kongo, Nzinga a Nkuwu (1470-1509) para facilitar a ocupação colonial na região do sudeste da África, territórios atuais de Angola, Cabinda, República Democrática do Congo e a parte centro-sul do Gabão. A força e resistência do negro mostra que os colonizadores encontraram a resistência dos negros para não aceitarem passivamente a dominação. Portanto, se não fosse pela autorização do rei do Kongo para autorizar os colonizadores entrarem em contato com os povos nativos, os portugueses não teriam condições de invadir a África. Ainda existem países na África até hoje não foram colonizados por nenhuma força estrangeira, mas têm organização política e social bem estruturada, é o caso da Etiópia e Libéria.

O processo da dominação criou um racismo inconsciente para os negros. O negro passou a negar-se por si mesmo, em alguns países da África, de modo especial na República Democrática do Congo, a utilização dos produtos em base de hidroquinone é constante tanto para os homens como para as mulheres visando um objetivo de embranquecer-se. Para Fanon, o negro tenta salvar a sua raça pela teoria de embraquecimento, mesmo querendo mudar a pele, nunca se tornaria um branco, porque seus fenótipos são as marcas da sua existência num mundo que sempre foi planejado pelo branco. Nesse sentido, Fanon diz “Todo o mundo já o disse, para o negro a alteridade não é outro negro, é o branco” (Fanon, 2008, p. 9). Fanon critica os negros antilhanos por terem assumido uma política de assimilação da cultura francesa em

detrimento à sua própria cultura. Quanto mais o negro se identifica com branco, mais ainda melhor ele se sente superior. Portanto, o racismo inconsciente produz uma grande empresa farmacêutica que já deixou os milhões de africanos com doenças de câncer da pele pelo uso desses produtos.

A negação da própria identidade negra pela ótica colonial na África faz com que os líderes atuais aproveitem para manipular a consciência do povo. Na diáspora, se percebe ainda que muitos negros não estão conscientes de sua própria identidade. Quando o negro não assume a sua identidade não está negando a si mesmo, mas está negando toda a sua história, sua origem, seu país ou mãe ou, ainda, seus avós que lhe proporcionaram a vinda ao mundo. No caso da África, muitos líderes políticos acusam o Ocidente de empobrecer a África, esses líderes utilizam a cultura africana ou a tradição como mecanismo de defesa de seus interesses institucionais, outros ainda preferem manter o povo sob o pretexto de discurso radical na perspectiva patriarcal ou matriarcal a fim de dominar a população local. Parece-me que o neocolonialismo não é apenas o mecanismo de dominação ocidental na África, mas esse se apresenta numa visão racista e manipuladora pelos discursos dos líderes políticos africanos que utilizam a política europeia, mas, na verdade, são eles que empobrecem a população e mantêm os países na miséria. A filosofia nesse âmbito torna-se o consciencismo quando se revitaliza na memória da unificação do continente africano. Infelizmente, alguns líderes africanos passam para um processo de alienação devido a interesses estrangeiros, ajudas bilaterais que recebem e acabam se tornando dependentes do Ocidente. Dessa forma, o projeto do pan-africanismo permanece ainda como uma tarefa muito difícil de ser concretizada.

3.5. A leitura colonial no contexto da Sociedade africana

A luta contra o colonialismo não acaba com a independência africana, pelo contrário, o processo de independência se acentua e marca o início de uma batalha complexa para o desenvolvimento econômico, social e cultural do Continente Africano. A sociedade colonial concedeu aos países do Terceiro Mundo uma falsa independência. Mesmo com a independência de alguns países na África, nós vemos o povo que luta ainda para conquistar a sua soberania, em nome da democracia, em alguns países, percebe-se que o direito de expressão e à plena liberdade está longe do sonho dos cidadãos.

O colonialismo é um sinônimo da violência. No seu contexto da modernidade, ele se relaciona diretamente com a lógica do capitalismo que produz a exploração desenfreada e aumenta a pobreza, sobretudo nos países do terceiro mundo. Na visão ocidental, o colonialismo é visto como sinônimo da civilização que trouxe a evolução para os povos não europeus. Discordamos dessa visão devido ao ódio racial cometido com os povos indígenas e negros chamando-os dos selvagens. A civilização europeia nas terras africanas e americanas criaram hierarquias entre os pobres e ricos, gente de moral e imoral entre os grupos éticos e não éticos. Os grupos que não assimilaram o cristianismo foram vistos como pagãos, por consequência foram vítimas da colonização cuja maioria foram índios e negros.

A consolidação dos Estados independentes da África vai muito além da pura unidade, isto é, buscar construir um projeto que objetiva a libertação nacional em vários aspectos, cultural, econômico, filosófico e social. Muitos países africanos se tornaram independentes, mas no fundo nada mudou, a maioria desses países continuam sendo submissa aos interesses da colônia. Uma sociedade independente significa ter consciência da sua revolução para uma transformação radical. Observe-se, Nkrumah:

Mas uma vez que a verdadeira independência tenha sido restaurada, uma nova harmonia deve ser criada para permitir a coexistência da África tradicional, da África muçulmana e da África euro-cristã; tal convivência estaria de acordo com os princípios do humanismo original sobre os quais a sociedade africana se apóia. Nossa sociedade não é a sociedade antiga; é uma nova sociedade, expandida por influências muçulmanas e euro-cristãs. É necessária uma nova ideologia, capaz de se cristalizar em uma filosofia, mas não abandonando os princípios humanísticos da África "(KWAME, 1964, p. 10).

A luta contra o colonialismo e o neocolonialismo implica a promoção da dignidade dos africanos e da sua liberdade. Os efeitos da colonização na África deixaram uma economia de instabilidade em vários campos, político, econômico e social. A frustração dessa ideologia levou vários países a terem um regime ditatorial e de má-governança sob a dominação colonial. Essa política tem sua influência na administração atual da maioria dos países africanos onde os imperialistas ainda continuam no meio dos sistemas nacionais interferindo nas organizações do povo. Eles se infiltram nas instituições e se tornam atuantes com vozes ativas e criam, enfim, as tensões e instabilidade política. Apesar do Continente africano ser o mais rico do planeta em termos de recursos naturais, agricultura e diamantes, ainda continua sendo pobre. O continente africano ultrapassa os demais continentes do mundo em

Hidroelétrica. Durante o século passado, a África ajudou o Ocidente a construir seu regime capitalista e até hoje a Europa se mantém com suas riquezas acumuladas, frutos de uma economia de exploração e da escravidão para gerar uma economia mundial.

A África pode se manter sem que haja necessariamente ajuda exterior, uma vez que haja uma união na capacidade de economia de produção, com capitais financeiros locais e não estrangeiros pode gerar o governo de autogestão pelos bancos próprios dos africanos e com seus próprios líderes. Isto levará para uma verdadeira expansão industrial e agrícola, então a África será um continente mais potente e desenvolvido do mundo. A lógica da colonização era de aniquilar as culturais locais, crenças e ritos dos africanos, mostrando que essa cultura expressada por meio das estátuas e esculturas são obras primitivas, assim como todo tipo dos ritos cultuados pelos africanos deveriam ser banidos. Portanto, percebe-se que durante a colonização os mesmos europeus que criticaram a prática desse ritual, acabaram de levar várias estátuas do continente africano para Europa para serem colocadas nos museus europeus. Hoje essas estátuas marcam uma grande memória da história ocidental e contribuem como fonte de renda para o turismo. Nessa lógica o imperialismo tinha como meta dominar, inferiorizar as culturas africanas e submetê-las as culturais dominantes. Prova disso, nas colônias portuguesas as línguas nativas foram proibidas de falar, apenas após a independência de alguns países africanos houve uma tentativa de valorizar as línguas locais e oficiais por motivo comercial. A lógica colonial era de mostrar que os negros devem se contentar naquilo que tem, são felizes enquanto permanecem no seu estado primitivo; a civilização não seria tanto o motivo de desenvolver o negro, pelo contrário essa causaria um conflito do desentendimento cultural e étnico entre os negros. Por esse motivo, os colonizadores preferiam manter os negros alienados. Impuseram aos negros a virtude da obediência para não se questionar diante da postura do branco, mesmo em situação injusta. Essa virtude não podia ser compactada com a razão, mas com a fé que não discorda com um suposto raciocínio na medida em que os negros não poderiam fazer as críticas aos brancos por meio de argumentos e posturas contraditórias à lógica colonial.

A lógica colonial visa tal objetivo não desenvolver economicamente a África, mas fazer com que o continente africano continue a serviço da Europa, gerando uma economia de sustentação da sua economia. Pode-se notar que a maioria dos países da África não possui as verdadeiras infraestruturas, exceto em alguns países como a África Magrebe e África do Sul. Ainda as sinergias se encontram em condição precária, as

construções de ferro e rodovias são abandonadas. Conforme Nkrumah, os dirigentes africanos devem fortalecer a expansão econômica, valorizar os proletariados em diferentes campos de atuação, capacitá-los para se tornarem capazes de assumir as tarefas para o desenvolvimento econômico do continente africano. Nkrumah fortalece a ideia de que por meio de uma criação da união de todos os Estados independentes da África, dotados dos poderes, legislativo e executivo, a África pode se tornar um continente de esperança para o mundo moderno a fim de enfrentar as várias crises econômicas e desafios do mundo contemporâneo.

Nkrumah, ao invés de falar do capitalismo, prefere falar do comunitarismo. Porque no capitalismo há uma exploração de classes, o interesse para a propriedade privada. Uma classe que domina a outra, a mais pobre se submete contra vontade ao burguês que detém o maior lucro da produção. Nos princípios do humanismo africano preservam todo tipo de frações culturais tradicionais, nativos europeus e muçulmanos que podem ser interferidos com valor do capitalismo nas terras africanas, o regime comunitarismo, ao contrário, busca manter uma filosofia de coesão harmoniosa entre os povos africanos. Segundo Nkrumah, existe uma relação entre esses dois regimes no contexto africano, de uma parte o capitalismo quer ocupar suas colônias em prol de investir-se e de outra parte o socialismo se afirma em terra africana para reafirmar o comunitarismo como sistema que já funcionava antes das independências. A posição de Nkrumah nessa luta de regimes na África pode ser superada pelo consciencismo, quando afirma:

Não podemos validamente tornar a África meramente o lugar da expansão europeia. Se a história da África é interpretada de acordo com os interesses dos capitalistas, missionários e administradores europeus, não surpreende que seu nacionalismo, nas formas que assuma, seja considerado uma perversão e neocolonialismo, como uma coisa boa. (KWAME, 1964, p. 99).

O colonialismo usa o pretexto de lavagem cerebral social, cultural, intelectual e religiosa. Procede pela ideia de uma aniquilação do que já existe no território colonial depois começa a transplantar a sua cultura dominante nos territórios estrangeiros para ocupar o espaço do outro. Esse processo foi executado na maior parte por ele, pela força e violência. O colonialismo cria a perda da memória dos povos, por meio da

*tabula rasa*¹⁹ cultural, as tradições, línguas e costumes foram vistos pela moral cristã como algo depravado. Consequentemente, essa prática deveria ser banida. Cabral, Fanon e Mogobe Ramose são essenciais para compreender a consolidação da Filosofia Africana como crítica diante desse regime colonial e neocolonialismo. Para Cabral e Fanon, citados na Revista “An African Cultural Modernity”, argumentam que “a cultura era a fonte do desenvolvimento, sendo necessário ao colonizado resistir-se como forma de alcançar a liberdade” (JEYIFO, 2007, n.º 3: 125-141). Cabral e Fanon reconhecem que a colonização assumiu vários conceitos no mundo negro como o nacionalismo e a independência, mas na verdade o continente africano continua a ser um continente sem ideia de nação ou de independência. Ao contrário, a cultura colonial produziu mais violência do que assumir uma identidade nacional.

A violência colonial volta a se expressar por meio da cultura da subjetividade, sabendo que os africanos vivem com valores de solidariedade, então a colonização introduziu a cultura de autodestruição coletiva pra desestabilizar a unidade entre os negros. O domínio do colono pressupõe forças violentas para se instalar no território. O colono em território do colonizado sabe perfeitamente manipular as leis para criar tensões entre os dirigentes e as massas a fim de continuar a dominar. Fanon argumenta que a sociedade colonial foi organizada de maneira planejada pela cultura de violência. É um mundo dividido em compartimentos entre os ricos e os pobres. Com isso, ele afirma:

O mundo colono é um mundo hostil que rejeita, mas ao mesmo tempo é um mundo que faz inveja. Temos visto como o colonizado sonha sempre em instalar-se no lugar do colono. Não para converter-se no colono, claro, mas para substituí-lo. Esse mundo hostil, pesado, agressivo, porque rejeita com toda a sua força a massa coloniza, representa não o inferno de que devia afastar-se o mais rapidamente possível, mas um paraíso ao alcance da mão protegida por terríveis cães de guarda (FANON, 1961, p. 62).

As guerras na África são frutos da violência colonial produzidas pela influência da balcanização e também pelos próprios líderes africanos corruptos que se deixam ser levados pelos interesses da colônia. Criando tensão e causaram conflitos entre os diferentes grupos étnicos para se aproveitar das riquezas do povo e dos benefícios dos africanos. As tribos lutam e se matam umas contra as outras, muitas vezes, não

¹⁹O termo *Tabula rasa* vem do Latim que significa “Tábua raspada” e tem conotação de folha de papel em branco. As culturas não européias eram consideradas como folhas brancas em que deveriam ser preenchidas pelo conhecimento da cultura ocidental.

percebem a causa principal dos conflitos e não conseguem identificar o verdadeiro inimigo dessa disputa dos interesses. Sempre veem como inimigo quem é inocente, seja o vizinho ou um dos parentes mais próximos de uma dessas tribos, pois a figura do colonizador fica escondida atrás de uma máscara de poder dos nativos, é o colonizador que detém o poder. Na verdade, é ele quem manda utilizando os próprios africanos como meios para alcançar seus privilégios. Quanto mais rivalidade existir entre os povos africanos, melhor será para os colonizadores para se aproveitarem de todas as riquezas do continente. Esses conflitos provocam obstáculos para os avanços das alianças políticas feitas entre os países vizinhos em prol do desenvolvimento. O processo acompanha várias sanções políticas para os países que são contra a lógica colonial. Como resultado, a economia e as forças armadas africanas acabam perdendo sua autonomia, passando a ser dependentes da força estrangeira dentro do território nacional. Kwame citado por Manuel Ribeiro diz:

À medida que a luta nacionalista se intensifica nos países colonizadores e a independência surge no horizonte, as potências imperialistas, pescando nas águas turvas do tribalismo e dos interesses particulares, tentam criar cisões na frente nacionalista para conseguir a sua fragmentação. (SANCHES, 1951 p. 287).

O Conciencismo é a única filosofia que dialoga com as esferas de todas as culturas africanas, ele preserva os valores africanos por meio do materialismo que cria tensão em produzir a força para a revolução. É importante entender que, a sua ideologia se fundamenta sobre os princípios do humanismo africano como nos mostra Senghor na sua negritude para indicar o caminho para o desenvolvimento da nação africana. As colônias europeias na África trabalham no sistema de rede e, ao mesmo tempo, elas fortalecem as relações entre si, mas se impõem aos progressos do povo nativo. É nessa política de morte na África que atribuímos o neocolonialismo como o principal causador das ações negativas. “O neocolonialismo é uma ação negativa que finge ser derrotada” (Kwame, 1964, p.151). Para vencer as ações negativas do neocolonialismo é preciso que as ações positivas sejam mantidas pela revolução de massa por meio da educação. A instrução e o conhecimento são ferramentas mais elevadas da sociedade para despertar a consciência política dos cidadãos.

Jamais o neocolonialismo deixará as ações positivas e os progressistas africanos dominarem na sua terra. As perseguições e os conflitos são vias para o império aproveitar para explorar as riquezas. Por esse motivo, Nkrumah afirma:

Para o país independente, o neocolonialismo é mais perigoso que o colonialismo. O colonialismo é brutal, aberto e pode ser triunfado mobilizando racionalmente o esforço nacional. Mas, no caso do neocolonialismo, o povo é separado de seus líderes e, em vez de fazer seu trabalho, que deve sempre ser inspirado pelo ideal da felicidade geral, passa a negligenciar as próprias pessoas que as conduzam ao poder e, por sua imprudência, tornam-se instrumentos de tirania que beneficiam os neocolonialistas (KWAME, 1964, p. 154).

Para abolir a dominação imperialista na África, os líderes africanos devem tomar consciência de ações políticas, econômicas e culturais desenvolvidas no território nacional. A maioria dessas ações é de autodependência europeia. O processo da consciência é constante e contínua. Mesmo com alguns avanços no processo da independência na África, os líderes nacionais têm que levantar a bandeira de liberdade para promover sempre as ações positivas no continente. A independência não significa a redenção, mas é uma conquista inacabada. O neocolonialismo sempre vai interferindo nas ações políticas lideradas pelos países independentes a fim de não se tornarem autônomos. O neocolonialismo adia as ações sociais enfrenta os setores para o desenvolvimento na África. O perigo que causa é a guerra mundial por meio de propostas de enfrentamento da pobreza e da fome, e acaba gerando as dependências. Sobre isso, Nkrumah escreve: “O neocolonialismo é também a pior forma de imperialismo. Para aqueles que o exercem, significa o poder sem a responsabilidade e para aqueles que o sofrem, significa a exploração sem alívio” (Kwame, 1965. Texto da introdução do livro). O neocolonialismo utiliza o capital estrangeiro para render o capital do mundo desenvolvido. Faz com que os países subdesenvolvidos não constituem uma base cooperativa para se desenvolver sejam pelos Estados socialistas ou capitalistas.

A luta contra o neocolonialismo não contempla as nações mais desenvolvidas, mas as menos desenvolvidas com ideia de empobrecer e dificultar o andamento de suas propostas políticas. Outro aspecto, destacado por Nkrumah é:

A África é hoje o principal terreno de ação das forças neocolonialistas que buscam o domínio do mundo pelo imperialismo a que servem. Estendendo-se da África do Sul, Congo, Rodésias, Angola, Moçambique, formam uma conexão complexa com os mais poderosos monopólios financeiros internacionais do mundo. Esses monopólios estão estendendo suas organizações bancárias e industriais através do continente africano. Seus porta-vozes protegem-lhes os interesses nos parlamentos e governos do mundo e participam de órgãos internacionais que supostamente existem para

promoção da paz mundial e do bem-estar das nações menos desenvolvidas. Contra tão formidável falange, como podemos agir? Certamente não em caráter isolado, mas em uma combinação que dará força ao nosso poder de negociação e eliminará tantas das duplicações que dão maior força e maior vantagem aos imperialistas em sua estratégia de neocolonização. (KWAME, 1965, p. 35).

Se nós queremos que a humanidade avance, devemos respeitar as diferenças regionais, não somente em termos de identidade, mas também na economia e política. Portanto, para conseguir esses direitos, a revolução social e econômica precisa ser determinante a qual os africanos procederão para seus objetivos de viver felizes e trabalharem juntos pelo bem comum. Em primeiro lugar devemos contemplar a revolução econômica, depois a revolução social que dará origem ao socialismo. O consciencismo não visa uma ideia de abolir a propriedade privada mesmo que existisse o socialismo. Diante do regime capitalista o que não deve existir é exploração do homem como objeto. O homem é o primeiro bem da sociedade, não deve ser substituído pela existência da pura matéria. O futuro da independência e da unidade africana pode acontecer se houvesse a valorização do homem na sua integridade.

Depois de um século de evasão europeia na África, os países africanos perderam a sua soberania. Os Estados africanos se desestabilizaram e enfraqueceram a sua legitimidade. O continente ficou na dependência total do Ocidente. Outros desafios que causaram os obstáculos para união africana são as divisões dos grupos entre os que apoiavam a proposta da união dos Estados Unidos da África cujo Nkrumah foi um dos líderes. A proposta desse grupo foi apoiada pelos líderes compostos da Casablanca, o atual capital de Marrocos; o segundo grupo incentivava a organização da África de maneira hegemônica depois das independências. O grupo de Casablanca foi o mais libertador em termo de proposta concreta. Isso se mostra quando Nkrumah diz “Somos africanos e nada mais que africanos, e só podemos buscar nosso interesse em nos unir em uma comunidade africana.” (Kwame, 1994, p. 246).

Não é uma novidade encontrar as diferentes opiniões, muitas vezes, opostas e contraditórias entre os filósofos que defendiam que a matéria possui o espírito, outros que refutavam que não há união entre a matéria e espírito e reforçavam a ideia até de que não existe um dualismo sistemático e dicotômico dentro do materialismo. Conforme Nkrumah, Lock na sua obra “*Ensaio sobre o entendimento humano*” recusa de atribuir a matéria uma atividade ativa, mas atribui nela o espírito. De acordo com Nkrumah (1964, p. 124). O fenômeno chamado de radiação e mecânico ondulatório da

teoria quantitativa demonstra que a matéria tem o poder de se mover a si mesma. Nesse sentido, “Se a matéria está sujeita à emissão espontânea, há movimento, pois há emissão de partículas, e há movimento independente, pois essa emissão é espontânea.” (Kwame, 1964, p. 124). O materialismo tem uma dimensão extraordinária no consciencismo levando em conta a cultura tradicional da qual Nkrumah dá mais destaque, essa cultura traz uma concepção dinâmica das coisas baseadas na afirmação da matéria como ação dinâmica da existência humana. Sua capacidade de mover é muito mais do que a sua inércia. Sua mudança é dita tanto nas relações e quanto nas propriedades. O materialismo de Nkrumah vem superando toda essa concepção dualista baseada na ideia da centralização dos conceitos numa mesma categoria. O dualismo concebido pela lógica ocidental trabalha com a ideia de exclusão de algumas categorias privilegiando outras. O materialismo é a superação desse dualismo cartesiano, conseqüentemente não se deduz as coisas tal como estudos dos animais nas suas diversas ações. No dualismo concebido por Nkrumah não há separação de propriedade, o espírito e a matéria evoluem no mesmo processo que o conhecimento. “No Consciencismo, por outro lado, a interação da mente e do corpo é admitida como fato. A dificuldade filosófica que isso implica é descartada pela demonstração da possibilidade da conversão categorial.” (Kwame, 1964, p. 132).

O consciencismo não se preocupa em estabelecer a relação entre o corpo e espírito, mas retém a categoria única entre os dois. Reconhece os limites entre as duas categorias, mas valoriza a sua interação em busca de uma solução operativa. No entanto, no seu processo dialético faz-se uma síntese indutiva para o progresso do desenvolvimento da África. Para entender o que é realmente o materialismo dialético no consciencismo, devemos admitir as três coisas: contradição, oposição e antítese.

Nota-se que a África atravessou várias crises econômicas e políticas. Como consequência a união dos Estados africanos os tornou enfraquecidos e desestabilizados. O discurso de Nkrumah pronunciado na abertura da Organização da Unidade Africana (OUA), no dia 24 de maio de 1963, a Addis-Abeba, mostrou o objetivo principal que a África visava alcançar com sua união é a libertação do continente nas mãos das potenciais coloniais. Alguns pressupostos dessa propositura da união podem ser discutidos em termo da sua conclusão. A transformação da OUA para UA mostra que não necessariamente aconteceu o progresso na denominação conceitual. Pelo contrário, há um declínio na gestão de governância. Por este motivo, a obra de Nkrumah, “*Africa*

Must Unite” é uma leitura política baseada nas propostas bem claras para fundar o pan-africanismo no contexto africano. Os acordos comerciais foram frutos dessa união entre Argélia, Egito e a Síria, mas também com a República Árabe Unida, Guinéa, Marrocos, Camarões, Congo Brazzaville, Gabon, República Centro africano, Tchade todos fizeram um acordo chamado de União alfândega dos Estados da África Central. Apesar dos limites encontrados nesse projeto de união africana, mas o resultado nos mostra que houve um pequeno progresso na gestão da organização econômica. Conta-se com a presença dos Estados membros da união econômica e alfandêga da parte da África Leste, Quênia, Uganda e Tanzânia que formam um bloco, a África Austral reúne os quatorze Estados cuja maioria pertence a Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral (SADC). Esses países são África do Sul, Angola, Botswana, República Democrática do Congo, Lesoto, Madagascar, Malawi, Maurícia, Moçambique, Namíbia, Suazilândia, Tanzânia, Zâmbia e Zimbábue.

A proposta do desenvolvimento para África não deve vir de fora para dentro, mas é um processo que tem que iniciar pelos próprios africanos sujeitos conscientes e protagonistas da sua história. A União não é uma imposição, mas uma necessidade que exige o esforço de cada cidadão para construir uma África livre e autônoma. A união nunca será uma imposição, mas um convite a aceitar ou rejeitar. Portanto, aqueles que aderem a ela, estariam se comprometendo pela construção de um destino comum de todos os negros da África. A união favorece os acordos e oferece as vantagens aos líderes africanos para autogovernância e autodeterminação. Sem a união não teríamos a força de lutar contra o racismo. A união entre as pessoas que partilham o mesmo destino reforça os laços afetivos e a solidariedade se torna uma exigência maior para se preocupar uns com outros. O maior desafio do mundo negro na pós-modernidade é não se reconhecer entre si mesmo. Portanto, o pan-africanismo projetava um objetivo de construir uma comunidade negra ao redor do mundo pensando num destino comum.

O projeto de Nkrumah não se limita apenas a criar a união com outros organismos internacionais, entre outros a união europeia (UA), organização da união africana (OUA), e da Comunidade Econômica dos Estados da África (CEDEAO). Seu projeto visava alcançar o maior nível da relação entre os membros do continente para favorecer a cooperação econômica. Sem dúvida o pacto é o resultado da união africana. Com isso, afirma “nenhum pacto pode ser válido, exceto pelo interesse que ele apresenta para quem o concluiu. O interesse está desaparecendo? O pacto, atingido pela

quantidade, desaparece ao mesmo tempo” (Kwame, 1964, pp. 76-77). A colonização está na origem da maior destruição das civilizações mais antigas do mundo, assim como a Índia, o Egito, a Mesopotâmia. Com o regime colonial, criou-se a mentalidade da força do trabalho incentivando a competição. Isso levou o desastre de uma sociedade que luta não pela unidade, mas pela divisão e por consequência se reforçava a luta de classes como meio para o capital estrangeiro se manter no lucro. As consequências dessa política são enormes. Numa sociedade que privilegiava o comunitarismo se torna agora cruel e assassino por meio da imposição de uma aculturação.

Portanto, a proposta de Nkrumah não conseguir atingir seus objetivos como havia pensado. As divergências começaram a surgir entre os líderes africanos. De uma parte por aqueles que assinaram o pacto neocolonial em que os países colonizadores têm ainda uma relação direta e privilegiada com os países colonizados. Tal o caso de Costa de Marfim, sem esquecer os blocos que mencionamos anteriormente. Nesses países, o Imperialismo controla as finanças, os meios de comunicação em geral, e o sistema da inteligência está sob seu controle. De outra parte, os próprios africanos envolvem-se com problema do tribalismo, as divisões internas por causa do poder, o egoísmo e ciúme. De acordo com Francis, o projeto da União dos Estados Unidos da África não teve sucesso, encontrou as barreiras e obstáculos. Isto é, “o impacto do colonialismo, política da guerra fria e interferência estrangeira, diversidade africana, instabilidade política, questões de governança e a rivalidade entre duas concepções ideológicas diferentes do projeto da unidade pan-africana” (David, 2006, p. 20). A instabilidade política favorece a corrupção e reforça o regime ditatorial nos países africanos. Outros fatores da derrubada projeto da união da África são os desvios dos recursos destinados para constituir as iniciativas voltadas para o povo. Esses recursos desviados pelos líderes dos Estados vão ser direcionados para fortalecer as bases armadas que serão seus meios de proteção contra os inimigos nas guerras. Aqui podemos mencionar o caso da República Democrática do Congo que se envolve numa guerra perpétua com Ruanda por causa dos recursos naturais. Os conflitos envolvidos entre esses países, no período de 1994 a 2003, já deixaram mais de 5, 4 milhões dos mortos. A falta do Constitucionalismo na África dificulta o processo da democracia e união. A herança colonial é o modelo de inspiração de muitas Constituições dos países africanos que continuam ainda das atualizadas por influência do pacto colonial.

A separação dos poderes legislativo, executivo e judiciário é o desafio maior para selecionar a forma da organização do Estado na África. Alguns líderes preferem centralizar os poderes em vista de seus interesses ou, ainda, transferem seus privilégios políticos para algumas cargas de confiança. A democracia se enfraquece quando se vê uma pessoa decidir em nome dos três poderes como se esses países todos estivessem numa monarquia hereditária. Sem acordo político dos três poderes a unidade africana se torna inconstitucional. Para Nkrumah, a África seria o primeiro continente a ser unificado, mas esse processo foi interrompido por causa da ganância. Os interesses do capitalismo na África não favoreceram a unificação da África, pelo contrário causaram conflitos e extra-exportação dos africanos em guerras no exterior do continente.

Do ponto de vista político, Nkrumah mostra que na África os países ainda estão interclânicos, ou seja, são fechados entre si. Sua organização tradicional pode causar a maior dificuldade de constituir um governo de união se não houver uma política de união. Ele vê o colonialismo e o neocolonialismo como ameaças para o desenvolvimento da África. Por esse motivo, seu convite se dirige às comunidades tradicionais, muçulmanas e aos nativos europeus da África para se unirem e lutar contra os inimigos comuns e exteriores. Pensa que tem que garantir que não haja a lógica colonial em terra africana, porque ninguém de nós será capaz de resistir aos interesses do imperialismo. Na África, nota-se que o imperialismo está na base de divisão étnica desde a conferência de Berlim de 1884 a 1885. Para Henri Brunschwig, “A África não era aí senão uma parada mais ou menos cobiçada nessa partida arbitrada por Bismarck, e a maioria das quatorze potências não julgaram útil enviar para aí seus melhores jogadores” (BRUNSCHWIG, 1974, p. 41). A divisão da África contribui para ilegitimidade das fronteiras. Essas não foram estabelecidas pelos africanos, mas sim pelos europeus em vista de exercer o poder da dominação. Essa divisão não apenas serviu para os interesses do imperialismo, mas contribuiu tanto para os conflitos étnico-raciais quanto às guerras civis e fratricídios motivados pelos interesses ocidentais. Por isso, é preciso denunciar suas fragmentações geopolíticas. As guerras são resultados de interesse dos grupos étnicos que mantêm o poder e que são protegidos pelos colonizadores a fim de explorar as demais tribos.

A África é um paradoxo que ilustra e coloca em evidência o colonialismo. Sua terra é rica e, no entanto os produtos que vêm do seu solo e do seu subsolo continuam a enriquecer não predominantemente os africanos, mas

grupos e indivíduos que trabalham para o empobrecimento da África. (KWAME, 1967, p. 1).

Segundo Nkrumah, a África tem uma população maior em comparação com a Europa que possui uma população menor. Com base nessa perspectiva, o continente africano terá mais condições em nível populacional para desenvolver um mercado internacional. Uma vez que o mercado africano se tornar eficaz, então haverá uma demanda maior de contratar as pessoas para trabalhar, devido à sua dimensão demográfica não teríamos problema de desempenhar funções nas indústrias, agriculturas, pescarias, mineração etc..

O que não poderíamos tolerar é o poder colonial que decide sobre a existência da moeda na África, as taxas que devem ser cobradas com relação ao comércio de exportação de mercadoria africana para Europa. Consequentemente, isso causará um impacto negativo sobre a mercadoria africana que os europeus exportam para África. Para os colonizadores, os interesses em se beneficiar dos recursos africanos lhes despertavam cada vez mais uma atenção particular. Por isso, em determinados países da África, os europeus foram construir os projetos industriais, barragens hidroelétricas para facilitar a passagem da mercadoria para Europa. Isso pode ser notado na sua obra "*Neocolonialismo*" que mostra que as bandeiras que foram colocadas em todos os territórios africanos pelos colonizadores contribuíram para a maior prepotência do soberano Nacional e Imperial na África. Sempre o símbolo se refere a uma concepção ou uma situação, nesse caso, a bandeira representa uma política Imperial com toda sua organização monarca que dirige o continente africano desde a Europa para África. São líderes europeus vivendo no exterior, mas continuam a mandar no continente africano.

A reconstrução do pan-africanismo revolucionário nos coloca uma questão o que fazer quanto aos avanços ou retrocessos da União africana para o desenvolvimento da África. Devemos fazer uma crítica ao africanismo acidental. Depois da morte de Kadafi, a dinamicidade do pan-africanismo passou a ser liderado com um corpo político africano do século XXI que a meu ver não tem nada ver com o futuro da nação do continente. A memória do povo deve ser preservada por meio da fidelidade às ideologias do passado. A África perdeu os verdadeiros líderes da revolução, precisamos suscitar as consciências mais revolucionárias pelo desenvolvimento do povo. Figuras tais de Lumumba, Bem Barka, Cabral, Sankara, Fanon, Nkrumah, Kenyatta, Diop, Roney, Mandela devem servir para as autoridades africanas como modelo para uma

África unida. Sem apoio dos poderes do movimento popular de libertação de Angola (MPLA) de Agostinho Neto, Angola não teria nenhuma autonomia política e econômica. A nossa atenção se baseia nesses países porque serviram como modelo de inspiração para promover a libertação africana.

O desenvolvimento da África não pode ser apenas limitado aos aspectos de forças materiais, mas ao conhecimento, no que Nkrumah fala de uma revolução das inteligências. Essa ideia vem superando a concepção de um desenvolvimento baseado apenas na força da produção do capitalismo, frutos de luta de classes impulsionada pelo modelo europeu na África. As fábricas, as ferrovias referem-se a essa modernidade capitalista que, em vez de promover a vida, acabou gerando uma economia de manutenção e a redução a custos dos interesses nacionais em proveito do imperialismo. O conhecimento que os africanos podem usar na produtividade de agricultura pode ser o maior rendimento do mundo no comércio internacional para gerar a autossuficiência na industrialização do tipo da agricultura, de integração regional pela pecuária.

A iniciativa de Nkrumah e sua política de união iniciada em seu país Gana é o símbolo da africanidade que marca a resistência dos povos em face de opressão colonial. Por ser o primeiro país a ser independente na África, Gana marca também um processo mais radical da descolonização. É o primeiro país que conseguiu a libertação nacional não somente em termo de recurso material ou espiritual, mas na luta pela consciência humana, esse país ajudou as pessoas na vida prática, chegou a confiscar uma antiga ocupação inglesa chamada de “Costa de ouro”, localizada na costa do Gana, obrigando os ingleses a deixar o local e retornarem para Inglaterra. A filosofia de Nkrumah é, antes de tudo, uma transformação do ideal para o material, da teoria para a prática. Sua ideologia se transforma a uma integração continental que tem como estratégia compor um governo único e autônomo. Apesar deste projeto de Nkrumah não ter alcançado totalmente seus objetivos, mas não podemos afirmar que a proposta da união dos Estados Unidos da África falhou totalmente, não houve um avanço no que diz respeito ao progresso inicial de integração do Continente. Os múltiplos desafios foram encontrados ao longo do caminho. Era preciso rever um vasto problema da perda da sua soberania durante um século de evasão europeia. A África será um continente do futuro da humanidade.

CONCLUSÃO GERAL

A filosofia do consciencismo constitui o centro dessa pesquisa buscando fortalecer o objeto do materialismo dialético entre a matéria e espírito a fim de interpretar a realidade social africana no sentido da união dos Estados Unidos da África, denominado do pan-africanismo. O Consciencismo é uma filosofia que valoriza a teoria e prática. É uma filosofia social conhecida no período colonial como filosofia marxista por ter recebido uma forte influência nas leituras de Marx. O Consciencismo estabelece uma relação entre o espírito e a matéria, faz a síntese dos dois elementos e produz naquilo que chamamos a dialética histórica.

A preocupação principal dessa filosofia é de não separar entre a matéria e o espírito. As duas categorias são componentes diferentes, mas se complementam o espírito nasce da matéria, a matéria produz o espírito. Dessa forma, o consciencismo afirma a existência absoluta e independente da matéria. Para o consciencismo a afirmação da única existência da matéria leva ao ateísmo ou a negação de outras espécies da natureza. Uma vez que nós admitimos que existe a dialética entre as duas realidades, podemos também entender que a realidade africana na sua complexidade busca a união. A dialética é um movimento que se opera por meio de conversão categorial a fim de criar uma energia positiva e transformadora na sociedade africana. Ela não se preocupa tanto com a questão da harmonia existencial entre os povos africanos, nem tem a pretensão de superar as diferenças raciais, mas visa alcançar as relações cooperativas por meio de uma economia e política da união com os povos vizinhos em vista do desenvolvimento da África.

Essa filosofia vem se apresentando como questionamento diante do regime colonial na África. As formas de dominação, as guerras, os golpes de Estados, a corrupção, a balcanização e tantas outras formas do neocolonialismo nas terras africanas causam o atraso para o desenvolvimento da África. Dessa forma, a filosofia de Nkrumah é revolucionária não em termo de força armada, já o próprio Nkrumah superava essa ideia, mas trata-se de uma revolução das “Inteligências” que por meio da educação e da consciência, os africanos conseguem superar a alienação colonial a fim de progredir para o desenvolvimento.

Antes de tudo, o Consciencismo é uma filosofia de ideologia que critica o capitalismo e neocolonialismo no contexto africano, considerando esses como

princípios causadores de luta de classes e violência no continente, da exploração de riquezas e da destruição da cultura do povo. Com tudo isso, essa filosofia veio fortalecer os princípios de igualdade, liberdade e fraternidade entre os africanos promovendo a emancipação do homem. No contexto da diáspora, essa filosofia vem reforçar os sentimentos da solidariedade entre todos os negros ao redor do mundo visando a construção de uma única identidade. Enquanto no contexto africano, o consciencismo ajudou a dar início ao processo das independências pela luta contra o colonialismo e neocolonialismo. O pan-africanismo foi também conhecido como fonte de inspiração para essa filosofia e de outras vertentes muito importantes no contexto africano: o socialismo e a negritude. O plano do pan-africanismo no continente africano teve como objetivo mobilizar as iniciativas públicas, um ideal do povo da diáspora para unificar o continente africano. Há uma crença que vinha do pan-africanismo que todo o negro tem o mesmo destino, daí surgiu a ideia dos Estados Unidos da África criada por Nkrumah. Ainda hoje, podemos pensar num pan-africanismo que tem as marcas atuais nas figuras dos líderes e intelectuais africanos que buscam sempre a libertação total desse continente. As formas do preconceito, racismo e de exploração da África marcaram a nossa atenção nesse trabalho com intuito de desconstruir a imagem que a sociedade moderna fez sobre África.

O consciencismo compreende uma filosofia de ideologia não dominante, mas transformadora. Seus princípios nascem de uma moral tradicional enraizada nos valores do sistema patriarcal e matriarcal, legitimada pelo regime comunitário. A moral do consciencismo não nasce de dogma nem de leis, mas do espírito humano. Por isso, não se pode separar entre o socialismo e o comunismo. Portanto, o capitalismo deve se distanciar de todo tipo do sistema proposto pelos africanos, porque esse é considerado como o maior inimigo para o desenvolvimento da África. O capitalismo trabalha com a lógica de luta de classes que hierarquiza e desclassifica o sistema comunitário que visa a partilha e solidariedade sendo os dois os valores que fundamentam a cultura africana. A lógica do capitalismo se adapta na África sob a forma do neocolonialismo, uma tendência perigosa que mantém muitos países dependentes das colônias europeias por meio de ajudas bilaterais. A África é um continente de grande valor em termos de recursos naturais, hidroelétricos, e possui um vasto território com terras que superam os dos outros continentes do mundo para produzir a agricultura de subsistência e, também,

é o maior em nível da população. No futuro, será a esperança do mundo em termos de desenvolvimento populacional e das políticas de transformação social e econômica.

Nkrumah ao reler o marxismo de Karl Marx e de outros filósofos europeus formulou a sua própria filosofia baseada no materialismo, levando em consideração as propostas de estabelecer na África, uma única moeda, um sistema do Banco único, a criação do mercado comum, as instituições financeiras e a diversificação dos parceiros comerciais.

A filosofia de Nkrumah foi escrita no período colonial com suas diversas contradições, o problema da balcanização. O desejo de Nkrumah é ainda atuante, não acabou. Podemos percebê-lo nos autores intelectuais e pesquisadores tais como Marcien Towa, Paul Houtondji, Thiamalenga e Boulago que fizeram suas considerações e críticas na obra do consciencismo, mas não no sentido pejorativo, e sim para enriquecer e valorizar a produção linguística e intelectual dos africanos, diferentemente do que foi abordado pelos filósofos iluministas em relação à África. Nkrumah foi a marca principal dessa reviravolta e com as figuras de Cheikh Anta-Diop e Theophile Obenga são dois pilares importantíssimo para entender o pensamento atual no contexto africano que marca a continuidade do discurso de Nkrumah contra a dominação colonial na África e para o desenvolvimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMADY, Aly Dieng. **Hegel et l’Afrique noire. Hegel était-il raciste?** Dakar: Conseil pour Le développement en sciences sociales en Afrique, 2006.
- BRUNSCHWIG, Henri. **A partilha da África Negra.** São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1974.
- BOCANDÉ, Anne. **L’histoire contemporaine de l’Afrique.** c’est le pan-africanisme: Entretien avec Amzat Boukari-Yabara, *Agriculture*. In Article N°12768. *Africulturas.com/histoire-contemporaine de l’Afrique – c’est le panafricanisme*, 2014.
- DAVID, Hume. **Of National Characters** (1748) in David Hume, *Essays: Moral, Political and Literary*, editado por T.H. Green e T. Grose, Longmans, Green and Co., London, 1875. Vol. 1, p. 252.
- DAVID, Francis. **Uniting Africa: Building Regional Peace and Security Systems.** Aldershot et Burlington. Ashgate, 2006.
- DIOP, Cheikh Anta. **Nations nègres et culture:** de l’antiquité nègre égyptienne aux problèmes culturels de l’Afrique Noire d’aujourd’hui. Paris: Présence Africaine, 1955.
- . **A Origem Africana da Civilização.** Mito ou Realidade. Traduzido por Mercer Cook. Egypt: Civilization, 2016.
- DU BOIS, W.E.B (William Edward Burghardt). **As Almas da Gente Negra.** Tradução, Introdução e notas Heloisa Toller Gomes. Rio de Janeiro: Lacerda Ed., 1999.
- . **Les ames du peuple noir** (1903). Traduction de Magali Bessone. Paris: La découverte, 2010.
- DIOP, Alioune. **Présence Africaine**”, nouvelle série bimestrielle. VIII-IX-X, Junho-Novembro de 1956.
- D’ABDOU. Diouf. **Secrétaire general de la Francophonie.** Organisation Internationale de la Francophonie, Dakar, Beyrouth, 2002.
- DECREANE, Philipe. **O Pan-Africanismo.** São Paulo: Difusão européia do livro, 1962.
- ENZO Traverso. **Mélancolie de gauche.** La force d’une tradition cachée (XIX-XXI siècle). Paris: la Découverte, 2016.
- FANON, Frantz. **Os condenados da terra.** Tradução de Serafim Ferreira, Lisboa: Editora Ulisseia limitada, 1961.

------. **La révolution Africaine**. Paris: Editions de la découverte, 2001. (Un document produit en version numérique par Émilie Tremblay, bénévole, Doctorante en sociologie à l'Université de Montréal).

FERREIRA, Fábio. **História da filosofia moderna**. Curitiba: Editora Intersaberes, 2015.

FICHETE, J.G.A. **Doutrina da Ciência de 1794 e outros Escritos**. Trad. Rubens Rodrigues Filho. São Paulo: Abril Cultural 1984.

GOBINEAU, Arthur. **Essai sur l'inégalité des races humaines**. Paris: Éditions Pierre Belfond, 1967.

HARRIS, Joseph E. Zeghidour, Slimane. **A África e a diáspora negra**. In MAZRUI, Ali A. WONDJI. Christophe (Org.). *História Geral da África*. Brasília: UNESCO, 2010. Pp. 861 (Vol. VIII).

HEGEL, G. W. "*Dissertatio philosophica de orbitis planetarum*". A Órbita dos Planetas". Tradução D. Vaz e P. Menez. Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2015.

------. **Filosofia do direito**. Trad. De José Machado. São Paulo: Loyola, São Leopoldo: Unisinos, 2009.

------. **Filosofia da História**. Trad. Maria Rodrigues e Hans Hardens. Brasília: Editora UnB, 1999.

HOUNTONDJI, Paulin. **Sur la philosophie africaine**. Paris: Maspéro, 1976.

HOBBS, Thomas. **Elementos de Filosofia**- Primeira Seção - Sobre o Corpo. Parte I. Computação ou lógica. Tradução de e notas de José Oscar de Almeida Marques. Campinas: IFCH/Unicamp, 2005.

IKOKU, Samuel G. **Le Ghana de Nkrumah**. Autopsie de la 1^o République (1957-1966), Paris: François Maspéro, 1971, pp. 37-41.

JEYIFO (, 2007:125-141- JEYIFO, B. (2007) — “**An African Cultural Modernity: Achebe, Fanon, Cabral, and the Philosophy of Decolonization.**” In *Socialism & Democracy* 21, n.º 3: 125-141. Disponível em Academic Search Premier, EBSCOhost <http://web.ebscohost.com> (acedido a 23 Janeiro, 2010).

KAM, Kah, Hernri. **Kwame Nkrumah e a visão Pan-africana: Entre a aceitação e a rejeição**. In *Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais* e-ISSN 2238-6912/ISSN 2238-6262/V. 5, N.9, Jun. 2016/ p. 158.

- KANT, Immanuel. **Ideia de uma história universal do ponto de vista cosmopolita.** Tradução de Ricardo Terra. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- . **Crítica da Razão Pura.** 5ª ed. Tradução de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. Lisboa: Edição da Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.
- . **Crítica da Razão Prática.** Tradução de Valério Rohden. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- . **Observation sur le sentiment du beau et du sublime.** Paris: Flamarion, 1990.
- KWAME, Nkrumah. **Le Consciencisme: Philosophie et Idéologie pour la décolonisation et le développement.** Tradução de Jospin, Paris: Payot, 1964.
- . **A luta de classes em África.** 2ª ed., Tradução de Gabriel Duccini, São Paulo: Edições Nova Cultura, 1975.
- . **Neocolonialismo: Último estágio do Imperialismo.** Tradução de Maurício C. Pedreira, Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1967.
- . **L’Afrique doit s’unir.** Paris: Présence Africaine, 2009.
- . **I speak of Freedom a Statement of African Ideology:** Gana: Editorial Board of the Encyclopaedia Africana 1964.
- MARX , Karl. E ENGELS Fridrich. **O Manifesto Comunista.** Organização e introdução Osvaldo Coggiola. 1º ed. Tradução de Alvaro Pina. São Paulo: Boitempo, 1998.
- MARX, Karl. **O Capital.** Livro 1.Vol. 3. Tradução de Reginaldo Sant’Anna, Rio de Janeiro: Nova Cultural, 1986.
- . **O Capital.** Tradução de Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970, Volume II, capítulo XIV, p. 589- 590).
- MARGARIDO, Alfredo. **Negritude e humanismo.** Lisboa: Edição da casa dos Estudantes do Império, 1964.
- MUDIMBE, Valentin. **A Invenção de África.** Gnose, Filosofia e a Ordem do conhecimento. Tradução Ana Medeiros, Portugal: Edições pedagogo, 1988.
- MUNANGA, Kabengele. **Por que ensinar a história da África e do negro no Brasil de hoje?** Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 62, p. 20-31, dez. 2015.
- MOLEFI KETE, Asante. **Uma origem Africana da Filosofia: Mito ou Realidade.** Revista de Humanidades e Letras/Vol.1. /Nº1, p.1-5, Ano 2014. (Tradução pelos Editores Marcos Carvalho Lopes e Pedro Acosta- Leyva).

MBEMBE, Achille. **Os condenados da terra**. Tradução de Serafim Ferreira: Lisboa: Editora Ulisseia limitada, 1961.

------. **Crítica da razão negra**. Lisboa: Antígona, 2014. Tradução de Marta Lança. 1 ed. Resenha de ROBYN, Ingrid. Capitalismo, esquizofrenia e raça. O negro e o pensamento negro na modernidade ocidental. Topoi. Revista de História, Rio de Janeiro, v. 18, n. 36, p. 696-703, set./dez. 2017. Disponível em: www.revistatopoi.org.

MEREDITH, Martin. **O destino da África**. Cinco mil anos de riquezas, ganância e desafios. Tradução Marlene Suano professora do Departamento de História- FFLCH/USP), Rio de Janeiro: Edição brasileira- Jorge Zahar Editor, 2017.

MENTO, Eliza Larkin. **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. São Paulo: Selo Negro, 2009.

MOORE, Carlos. **Racismo & Sociedade: Novas bases epistemológicas para a compreensão do Racismo na História**. Belo Horizonte: Mazza Edições Ltda., 2007.

NDAW, A. **Le socialisme spiritualiste de Senghor**. In le colloque Senghorien de Dakar: Presse Universitaire de Dakar, 1998.

PAIM, Márcio. **Pan-africanismo: tendências políticas, Nkrumah e a crítica do livro Na casa de Meu pai**. In Sankofa. Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana Ano VII, N. XIII, Julho/2014, p. 93.

OBENGA, Théophile. **La Philosophie Africaine de la période pharaonique**. 2780-330 avant notre ère. Paris: Éditions L'Harmattan, 1990.

ROCHA, Glauber. **Revolução do Cinema Novo**. Rio de Janeiro: Alhambra e Embra filme. O burguês que se desligue da sua cultura e faz a revolução, 1981.

SENGHOR, L.S. Liberté 5. **Le dialogue des cultures**. Paris: Seuil, 1993.

SANCHES, Manuel Ribeiro. **Malhas que os Império Tecem**. Textos Anticoloniais, contextos Pós-Coloniais. Portugal: Edições 70 Ltda., 1951.

SODRÉ, Muniz. **A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil**. 2. ed. Petrópolis/RJ: Livraria Francisco Alves Editora S.A, 1988.

TEGUEZEM, Joseph. **KWAME NKRUMAH ET LES JEUNES AFRICAINS CONTEMPORAINS**. Ethiopiques. n. 96. Littérature, philosophie et art demain l'Afrique: penser le devenir africain 1er. Semestre, 2011.

TOCQUEVILLE, Alexis. **A democracia na América**. 2º ed. Tradução, prefácio e notas de N. Ribeiro da Silva. de Belo Horizonte: ed. Itatiaia/São Paulo: EdUSP, 1977.

TOWA, Marcien. **Essai sur la problématique philosophique dans l'Afrique actuelle.** Yaoundé: CLE, 1971.

TEMPELS, Placides. **Philosophie bantoue.** Trad. A Rubens. Paris: Présence Africaine, 1949.

VOLTAIRE. **Essai sur les mœurs et l'esprit des nations** (1755). Paris: Garnier, 1963. Volume I.